



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL**

**CAMPUS DE TRÊS LAGOAS**

**MAGNO PINHEIRO DE ALMEIDA**

**OS PARÂMETROS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E DA  
LÍNGUA TERENA DE SINAIS SOB A PERSPECTIVA DA  
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**TRÊS LAGOAS – MS**

**2025**



Serviço Público Federal  
Ministério da Educação  
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**MAGNO PINHEIRO DE ALMEIDA**

**OS PARÂMETROS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E DA  
LÍNGUA TERENA DE SINAIS SOB A PERSPECTIVA DA  
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Letras), da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, *Campus* de Três Lagoas, como requisito final para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira

**TRÊS LAGOAS-MS**

**2025**

**MAGNO PINHEIRO DE ALMEIDA**

**OS PARÂMETROS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E DA LÍNGUA TERENA  
DE SINAIS SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Letras) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – *Campus* de Três Lagoas – como requisito final para a obtenção do título de Doutor em Letras.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira – Presidente  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Titular: Profa. Dra. Vanessa Hagemeyer Burgo – Membro Interno  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Titular: Profa. Dra. Sheyla Cristina Araújo Matoso – Membro Interno  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

---

Titular: Profa. Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros – Membro Externo  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

---

Titular: Profa. Dra. Lindinalva Zagoto Fernandes – Membro Externo  
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

---

Suplente: Prof. Dr. Marcelo Saporas – Membro Interno  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

---

Suplente: Prof. Dr. Nelson Goettert – Membro Externo  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resultado: \_\_\_\_\_

Três Lagoas, MS \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

“Estudar uma língua é sempre ter que se haver com as questões inquietantes[...]  
Regina Maria de Souza

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me permitir vivenciar essa experiência, enfrentando lutas, vencendo etapas e conquistando vitórias, sabendo que a caminhada ainda é longa e há muito o que conquistar.

À minha família, pela qual vale todo o meu esforço, em especial à minha mãe e ao meu filho Pietro Raphael Alves Pinheiro, por estarem sempre presentes na minha vida! Também à mãe do meu filho, Karen Keli Alves Franco Pinheiro, pela paciência nos momentos de ausência e por estar presente em várias etapas da minha vida, e por me incentivar, em todo momento, com palavras de carinho e ânimo: amo-os e dedico-lhes essa vitória! Obrigado por incentivarem e apoiarem meus sonhos!

À minha avó, Carmelinda Valejo Pinheiro (*in memoriam*), escrevo com olhos cheios de lágrimas, pois era um ser de luz que sempre orava e pedia a Deus proteção e sucesso a todos. Amando os netos incomparavelmente, pedia a Deus para que eu conseguisse a remoção para Aquidauana e terminasse o doutorado, pois ela sabia que eu não luto somente por mim e sim por todos que me rodeiam. Querida avó, te amarei eternamente, obrigado por tudo.

Ao meu pai, Antônio Inácio de Almeida, e minha irmã, Alessandra Pinheiro de Almeida, pelos incentivos e torcidas no momento de correria e dedicação.

Às amigas, Patrícia Socorro da Costa Cunha, Cinthia Débora de Moraes Cinti, por partilhar materiais, leituras, estudos e produções, em especial Jéssica Rabelo Nascimento, o que falar da Jéssica? Uma pessoa que, mesmo distante geograficamente, estava perto, me apoiando em tudo, compartilhando do mesmo orientador e, também, das mesmas reclamações que, se eu colocasse aqui, daria para escrever um livro, mas ela irá entender o que quero dizer. Só peço a Deus que abençoe sua vida e que Ele possa proporcionar a realização de todos os seus sonhos e desejos!

Gratidão ao meu orientador, Professor Doutor Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira, por ter aceitado esse desafio, pelas horas de dedicação à leitura e por compartilhar seus conhecimentos. Só nós sabemos o quanto o processo foi tenso e intenso, mas ao mesmo tempo grandioso e enriquecedor!

Gratidão à Professora Doutora Onilda Sanches Nincão e Paulo Baltazar, por incentivarem e ajudarem com dicas preciosas em relação à temática da minha pesquisa, ao meu vizinho Josias França que, após um temporal, o *modem* queimou e

ele prontamente ajudou com a senha do *Wi-Fi* para que eu pudesse terminar os últimos ajustes do trabalho.

Aos professores(as) do Programa de Doutorado em Letras de Três Lagos, meu muito obrigado!

Agradeço aos professores da banca: Doutora Vanessa Hagemeyer Burgo, Doutora Sheyla Cristina Araújo Matoso, Doutora Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros, Doutora Lindinalva Zagoto Fernandes, Doutor Marcelo Sapparas e o Doutor Nelson Goettert, aos Intérpretes Jéssica e Francimar, por aceitarem este desafio de contribuir para meu crescimento e evolução do trabalho, sei que será de grande importância cada olhar e contribuições.

E por fim, aos indígenas surdos e aos surdos urbanos que proporcionaram as entrevistas, aos caciques que permitiram que eu fizesse a pesquisa com os participantes aldeados, à minha prima Lívia Aparecida Pinheiro Bastos (surda), minha grande inspiração neste processo, chave importante em todo percurso da minha vida. Deus nos presenteou com um ser especial, e devido à existência dela, hoje Libras é minha profissão, minha vida. Sem ela, nosso mundo seria vazio.

ALMEIDA, Magno Pinheiro de. **Os parâmetros da Língua Brasileira de Sinais e da Língua de Terena Sinais sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional**. 2024. 165 f. Tese. (PPG-Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS.

## RESUMO

As línguas visuais-espaciais, como as línguas de sinais, têm historicamente recebido pouca atenção nos estudos linguísticos, especialmente no que diz respeito às suas variedades minoritárias. Apesar dos avanços recentes dos estudos aplicados que mobilizam teorias linguísticas para a análise de línguas sinalizadas, ainda existe uma lacuna significativa no estudo do funcionamento e das variações linguísticas dessas línguas no contexto brasileiro. Essa ausência limita o reconhecimento e a valorização dessa forma de comunicação. Diante desse cenário, a presente tese ampara-se na semiótica social, especificamente na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), para analisar as línguas de sinais em comunidades indígenas, comparando-as com o idioma sinalizado de maior uso no Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras). O objetivo principal desta pesquisa é identificar e descrever as variações dos parâmetros linguísticos entre a Libras e a Língua Terena de Sinais, sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional de dois grupos linguísticos: surdos urbanos e Terenas surdos aldeados. Sendo os objetivos específicos: (a) descrever comparativamente os padrões linguísticos da Libras e da Língua Terena de Sinais na representação da experiência; (b) analisar aspectos contextuais do grupo minoritário Terena; (c) correlacionar aspectos das variações linguísticas dos parâmetros da Libras pela aplicabilidade da Linguística Sistêmico-Funcional. A base teórica mobiliza conceitos da metafunção ideacional da LSF, enfocando a representação da experiência pelo sistema de transitividade (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2014), bem como análises da LSF aplicadas a línguas de sinais, como a análise de Rudge (2018) acerca da Língua Britânica de Sinais. Além disso, são utilizados estudos sobre parâmetros de sinalização (ALMEIDA, 2012, 2013, 2014; QUADROS; KARNOPP, 2004; QUADROS; SCHMIEDT, 2006) e sobre grupos indígenas minoritarizados (FUNASA, 2022). A metodologia segue protocolos éticos aprovados por Comitê de Ética e adota uma abordagem qualitativa exploratória. Foram utilizados questionários semiestruturados e pesquisas de campo virtuais realizadas nas aldeias Terena e entre os sinalizantes urbanos. A análise dos dados foi estruturada em três etapas principais: análise do registro (contexto de situação), análise da sinalização e análise da metafunção ideacional. Na primeira etapa, descrevem-se os contextos situacionais das entrevistas; na segunda, analisa-se a sinalização com foco nos parâmetros linguísticos da Libras; e, na terceira, identificam-se os padrões e variações na construção da experiência dos entrevistados com base no sistema de transitividade. Os resultados do estudo revelaram que há necessidade de se aprofundar os estudos da LSF entre a Libras e a Língua Terena de Sinais. Em termos de contribuições, espera-se que esta pesquisa promova a visibilidade dos surdos urbanos e dos indígenas surdos Terena, contribuindo para o reconhecimento dessas comunidades e suas linguagens no contexto acadêmico e social.

**Palavras-chave:** Libras; Língua Terena de Sinais; Linguística Sistêmico-Funcional; Minorias.

ALMEIDA, Magno Pinheiro de. **The parameters of the Brazilian Sign Language and the Terena Sign Language from the perspective of Systemic-Functional Linguistics**. 2024. 159 f. Tese. (PPG-Letras). - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas/MS.

## ABSTRACT

Visual-spatial languages, such as sign languages, have historically received little attention in linguistic studies, especially regarding their minority varieties. Despite recent advances in applied studies that mobilize linguistic theories for the analysis of sign languages, there is still a significant gap in the study of the functioning and linguistic variations of these languages within the Brazilian context. This absence limits the recognition and appreciation of these forms of communication. Given this scenario, the present thesis is based on social semiotics, specifically Systemic Functional Linguistics (SFL); to analyze sign languages in Indigenous communities, comparing them with the most widely used sign language in Brazil, Brazilian Sign Language (Libras). The main objective is to identify and describe the variations in linguistic parameters between Libras and the Terena Sign Language, from the perspective of Systemic-Functional Linguistics of two linguistic groups: Terena deaf individuals and urban deaf individuals. The specific objectives are: (a) to describe comparatively the linguistic patterns of Libras and Terena Sign Language in the representation of experience; (b) to analyze contextual aspects of the Terena minority group; (c) to correlate aspects of the linguistic variations of Libras parameters through the applicability of Systemic-Functional Linguistics. The theoretical framework mobilizes concepts from the ideational metafunctions of SFL, focusing on the representation of experience through the transitivity system (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014), as well as SFL analyses applied to sign languages, such as British Sign Language (RUDGE, 2018). Additionally, studies on sign parameters (ALMEIDA, 2012, 2013, 2014; QUADROS; KARNOPP, 2004; QUADROS; SCHMIEDT, 2006) and on minority Indigenous groups (FUNASA, 2022) are used. The methodology follows ethical protocols approved by the Ethics Committee and adopts a qualitative exploratory approach. Semi-structured questionnaires and virtual field research were conducted in Terena villages and among urban signers. The data analysis was structured into three main stages: register analysis (situational context), sign analysis, and ideational metafunctions analysis. In the first stage, the situational contexts of the interviews are described; in the second, the sign analysis focuses on the linguistic parameters of Libras; and in the third, patterns and variations in the construction of the interviewees' experiences are identified based on the transitivity system. The study results revealed the need for further SFL studies comparing Libras and Terena Sign Language. In terms of contributions, this research is expected to promote the visibility of urban deaf individuals and Terena deaf Indigenous people, contributing to the recognition of these communities and their languages within both academic and social contexts.

**Keywords:** Libras; Terena Sign Language; Systemic-Functional Linguistics; Minorities.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – REVERSIBILIDADE NO PROCESSO RELACIONAL IDENTIFICATIVO .....	46
QUADRO 2 – PROCESSOS MENTAIS.....	47
QUADRO 3 – EXEMPLOS DE PROCESSOS MENTAIS E PARTICIPANTES .....	47
QUADRO 4 – OS PROCESSOS DA TRANSITIVIDADE, SEUS PARTICIPANTES E CIRCUNSTÂNCIAS .....	50
QUADRO 5 - OUTROS PARTICIPANTES.....	52
QUADRO 6 – EXEMPLO DE PROCESSO MATERIAL BÁSICO COM DOIS PARTICIPANTES .....	55
QUADRO 7 – EXEMPLO DE PROCESSO MENTAL SIMPLES NA BSL .....	57
QUADRO 8 – EXEMPLO DE ELEMENTO CIRCUNSTANCIAL.....	61
QUADRO 9 – POSSÍVEIS RISCOS DA PESQUISA E MEDIDAS ADOTADAS PARA MINIMIZÁ-LOS OU ELIMINÁ-LOS.....	75
QUADRO 10 – ANÁLISE DE REGISTRO - ENTREVISTA 1, PARTICIPANTE 1 (INDÍGENA) .....	81
QUADRO 11 – ANÁLISE DE REGISTRO - ENTREVISTA 1, PARTICIPANTE 2 (INDÍGENA) .....	81
QUADRO 12 – ANÁLISE DE REGISTRO - ENTREVISTA 1, PARTICIPANTE 3 (URBANO).....	81
QUADRO 13 – ANÁLISE DE REGISTRO - ENTREVISTA 1, PARTICIPANTE 4 (URBANO).....	82
QUADRO 14 – ORAÇÕES NA ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO P1 (INDÍGENA).....	82
QUADRO 15 – ORAÇÕES NA ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO P2 (INDÍGENA).....	83
QUADRO 16 – ORAÇÕES NA ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO P3 (URBANO) .....	83
QUADRO 17 – ORAÇÕES NA ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO P4 (URBANO) .....	84
QUADRO 18 – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 1 (INDÍGENA).....	86
QUADRO 19 – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 1 (URBANO).....	87
QUADRO 20 – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 1 (URBANO).....	87
QUADRO 21 – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 2 (INDÍGENA).....	88
QUADRO 22 – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 2 (INDÍGENA).....	88
QUADRO 23 – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 2 (URBANO).....	89
QUADRO 24 – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 2 (URBANO).....	89
QUADRO 25 – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 3 (INDÍGENA).....	90
QUADRO 26 – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 3 (INDÍGENA).....	91
QUADRO 27 – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 3 (URBANO).....	91
QUADRO 28 – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 3 (URBANO).....	91
QUADRO 29 – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 1 (INDÍGENA) .....	93
QUADRO 30(A) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 1 (URBANO).....	93
QUADRO 31(A) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 1 (URBANO).....	94
QUADRO 32(A) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 2 (INDÍGENA).....	94
QUADRO 33(A) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 2 (INDÍGENA) .....	95
QUADRO 34(A) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 2 (URBANO).....	95
QUADRO 35(A) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 2 (URBANO).....	96
QUADRO 36 – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 3 (INDÍGENA).....	96
QUADRO 37 – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 3 (INDÍGENA) .....	97
QUADRO 38 – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 3 (URBANA) .....	97
QUADRO 39 – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 3 (URBANO) .....	98
QUADRO 40 – DESCRIÇÕES: DIVERSIDADE DE PROCESSOS E NOVAS DESCOBERTAS.....	100
QUADRO 41(A) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 7 .....	103
QUADRO 42(A) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 7 .....	104
QUADRO 43(A) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 7 .....	105
QUADRO 32(B) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 2 (INDÍGENA) .....	107
QUADRO 33(B) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 2 (INDÍGENA) .....	107
QUADRO 34(B) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 2 (URBANO) .....	107
QUADRO 35(B) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 2 (URBANO) .....	107
QUADRO 44(A) – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 4 (INDÍGENA) .....	107

<b>QUADRO 45(A)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 4 (INDÍGENA) .....	113
<b>QUADRO 46(A)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 4 (URBANO).....	113
<b>QUADRO 47(A)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 4 (URBANO).....	114
<b>QUADRO 48(A)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 6 (INDÍGENA) .....	117
<b>QUADRO 49(A)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 6 (INDÍGENA) .....	117
<b>QUADRO 50(A)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 6 (URBANO).....	118
<b>QUADRO 51(A)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 6 (URBANO).....	119
<b>QUADRO 30(B)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 1 (URBANO).....	121
<b>QUADRO 31(B)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 1 (URBANO).....	122
<b>QUADRO 52</b> – ROTEIRO DE PERGUNTAS DO PROCESSO MATERIAL .....	136
<b>QUADRO 53</b> – ROTEIRO DE PERGUNTAS DO PROCESSO MENTAL.....	137
<b>QUADRO 54</b> – ROTEIRO DE PERGUNTAS DO PROCESSO COMPORTAMENTAL.....	138
<b>QUADRO 55</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 4.....	139
<b>QUADRO 56</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 5.....	139
<b>QUADRO 57</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 6.....	139
<b>QUADRO 58</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 7.....	139
<b>QUADRO 59</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 8.....	140
<b>QUADRO 60</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 9.....	140
<b>QUADRO 44(B)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 4.....	140
<b>QUADRO 61</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 5.....	141
<b>QUADRO 48(B)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 6.....	141
<b>QUADRO 42(B)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 7.....	142
<b>QUADRO 62</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 8.....	143
<b>QUADRO 63</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 1, RESPOSTA 9.....	143
<b>QUADRO 64</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 4.....	144
<b>QUADRO 65</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 5.....	144
<b>QUADRO 66</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 6.....	145
<b>QUADRO 67</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 7.....	145
<b>QUADRO 68</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 8.....	145
<b>QUADRO 69</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 9.....	146
<b>QUADRO 44(B)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 4.....	146
<b>QUADRO 70</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 5.....	147
<b>QUADRO 49(B)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 6.....	147
<b>QUADRO 43(B)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 7.....	148
<b>QUADRO 71</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 8.....	148
<b>QUADRO 72</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 2, RESPOSTA 9.....	149
<b>QUADRO 73</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 4.....	150
<b>QUADRO 74</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 5.....	150
<b>QUADRO 75</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 6.....	150
<b>QUADRO 76</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 7.....	151
<b>QUADRO 77</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 8.....	151
<b>QUADRO 78</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 9.....	152
<b>QUADRO 46(B)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 4.....	152
<b>QUADRO 79</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 5.....	153
<b>QUADRO 50(B)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 6.....	153
<b>QUADRO 80</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 7.....	154
<b>QUADRO 81</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 8.....	154
<b>QUADRO 82</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL - PARTICIPANTE 3, RESPOSTA 9.....	155
<b>QUADRO 83</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 4.....	155
<b>QUADRO 84</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 5.....	156
<b>QUADRO 85</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 6.....	156
<b>QUADRO 86</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 7.....	156

<b>QUADRO 87</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 8 .....	157
<b>QUADRO 88</b> – ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 9 .....	157
<b>QUADRO 39(B)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 4 .....	158
<b>QUADRO 89</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 5.....	158
<b>QUADRO 51(B)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 6 .....	159
<b>QUADRO 41(B)</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 7 .....	159
<b>QUADRO 90</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 8.....	159
<b>QUADRO 91</b> – ANÁLISE DA METAFUNÇÃO IDEACIONAL – PARTICIPANTE 4, RESPOSTA 9.....	160

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1</b> - CONFIGURAÇÃO DE MÃOS.....	38
<b>FIGURA 2</b> – LOCALIZAÇÃO OU ESPAÇO .....	39
<b>FIGURA 3</b> – ORIENTAÇÕES DE MOVIMENTO.....	39
<b>FIGURA 4</b> – ORIENTAÇÃO DA PALMA DA MÃO PARA CIMA E PARA BAIXO .....	40
<b>FIGURA 5</b> – ORIENTAÇÃO DA PALMA DA MÃO PARA DENTRO E PARA FORA .....	41
<b>FIGURA 6</b> – ORIENTAÇÃO DA PALMA DA MÃO PARA AMBOS OS LADOS.....	41
<b>FIGURA 7</b> – EXPRESSÕES NÃO MANUAIS DA LIBRAS.....	42
<b>FIGURA 8</b> – ANÁLISE DE “DANÇANDO” NA BSL .....	59
<b>FIGURA 9</b> - <i>CARD REPRESENTATIVO</i> .....	90
<b>FIGURA 10</b> – <i>CARD REPRESENTATIVO</i> .....	96
<b>FIGURA 11</b> – REDE DE SISTEMAS DAS ORAÇÕES VERBAIS E MENTAIS NA BSL .....	102
<b>FIGURA 12</b> - <i>CARD REPRESENTATIVO</i> .....	103
<b>FIGURA 13</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P4).....	103
<b>FIGURA 14</b> - SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P1): .....	104
<b>FIGURA 15</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P2):.....	105
<b>FIGURA 16</b> – PROCESSO MATERIAL.....	107
<b>FIGURA 17</b> - SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P1): .....	107
<b>FIGURA 18</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P2):.....	109
<b>FIGURA 19</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P3):.....	110
<b>FIGURA 20</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P4):.....	110
<b>FIGURA 21</b> – PROCESSO MENTAL PERCEPTIVO.....	112
<b>FIGURA 22</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P1):.....	112
<b>FIGURA 23</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P2):.....	113
<b>FIGURA 24</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P3):.....	114
<b>FIGURA 25</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P4):.....	114
<b>FIGURA 26</b> – COGNITIVO <i>CARD REPRESENTATIVO</i> .....	116
<b>FIGURA 27</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P1): .....	117
<b>FIGURA 28</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P2): .....	118
<b>FIGURA 29</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P3): .....	119
<b>FIGURA 30</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P4): .....	119
<b>FIGURA 31</b> – PROCESSO MATERIAL.....	121
<b>FIGURA 32</b> – SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P3): .....	121
<b>FIGURA 33</b> - SEQUÊNCIA DA SINALIZAÇÃO (P4): .....	122

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE Atendimento Educacional Especializado  
BSL Língua de Sinais Britânica  
CEP Comitê de Ética em Pesquisa  
CONEP Comissão Nacional de Ética em Pesquisa  
COVID – 19 Doença do Corona vírus (trad. de *Coronavirus Disease* 2019)  
ELIS Escrita das Línguas de Sinais  
ENM Expressões não manuais  
FUNASA Fundação Nacional de Saúde  
IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
INES Instituto Nacional de Educação de Surdos  
LBD Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
Libras Língua Brasileira de Sinais  
LSF Linguística Sistêmico-Funcional  
MEC Ministério da Educação  
MS Mato Grosso do Sul  
PIN Posto Indígena  
PNE Plano Nacional de Educação  
PNEEI Política Nacional de Educação Escolar Indígena  
PPG-Letras Programa de Pós-Graduação em Letras  
RCNEI Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas  
TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
TGR Teoria de Gênero e Registro  
UFGD Universidade Federal da Grande Dourados  
UFMS Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

## LISTA DE SÍMBOLOS

AC Ação construída  
AS Sinais de Apontamento  
AR Ação Representada  
CA Ação Construída  
CL Classificadores  
CM Configuração de mão  
ENM Expressões Não-manuais  
L1 Primeira Língua  
L2 Segunda Língua  
M Movimento  
O Orientação ou direcionalidade  
P Participante  
PA Ponto de Articulação  
PL Plural  
PRO Pronome  
SA Sinal de Apontamento  
SG Pessoa do Singular

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1 O POVO TERENA, SUA ETNIA E INCLUSÃO: OS PARÂMETROS DA LÍNGUA DE SINAIS E A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL</b> .....	<b>24</b>
<b>1.1 HISTÓRIA DO POVO TERENA</b> .....	<b>24</b>
<b>1.2 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E SUAS ESPECIFICIDADES</b> .....	<b>26</b>
<b>1.3 DESAFIO NA INCLUSÃO NO PROCESSO ESCOLAR DO SURDO E DO TERENA SURDO</b> ..	<b>27</b>
<b>1.4 PROCESSO DE APRENDIZAGEM E A EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS</b> .....	<b>32</b>
1.4.1 Os Parâmetros da Língua de Sinais aplicados na Libras .....	36
<b>1.5 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF)</b> .....	<b>43</b>
1.5.1 Estrutura e organização do sistema linguístico .....	44
1.5.2 Contexto e função na Linguística Sistêmico-Funcional.....	63
<b>2 METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	<b>66</b>
<b>2.1 A PESQUISA QUALITATIVA INTERPRETATIVA</b> .....	<b>66</b>
<b>2.2 A ENTREVISTA NA PESQUISA ACADÊMICA E A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b> ....	<b>69</b>
<b>2.3. GRUPOS E LOCAIS DE PESQUISA</b> .....	<b>72</b>
<b>2.4. COLETA DE DADOS E PROTOCOLOS ÉTICOS</b> .....	<b>73</b>
2.4.1 Roteiro de entrevistas.....	76
2.4.2 Fase preliminar e apresentação .....	76
2.4.3 Fase de entrevista.....	77
<b>2.5 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO E METAFUNÇÕES</b> .....	<b>78</b>
<b>3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>81</b>
<b>3.1 ANÁLISE DE REGISTRO</b> .....	<b>81</b>
<b>3.3 ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO QUANTO AOS PARÂMETROS USADOS NA LIBRAS</b> .....	<b>86</b>
3.3.1 Análise da metafunção ideacional .....	92
3.4.1 Processos Mentais na representação da experiência dos grupos analisados .....	102
3.4.2 Processo Material na representação da experiência dos grupos analisados .....	106
3.4.3 Processos Mentais e Materiais na representação da experiência dos dois grupos analisados..	111
3.4.4 Processos Mentais e Relacionais na representação da experiência dos dois grupos analisados .....	116
3.4.5 Processo Comportamental na representação da experiência do grupo urbano analisado .....	120
<b>4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	<b>124</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>127</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>136</b>
<b>Anexo 1 – Quadros dos roteiros de perguntas</b> .....	<b>136</b>
<b>Anexo 2 – Íntegra da Análise de Sinalização e Metafunção Ideacional</b> .....	<b>139</b>
<b>Anexo 3 – PARTE DO PARECER DE APROVAÇÃO DO CEP (FOLHAS 1 E 10)</b> .....	<b>162</b>

## INTRODUÇÃO

A presente tese teve origem nas vivências deste pesquisador ao atuar junto a indígenas surdos da comunidade Terena em Aquidauana, no Mato Grosso do Sul, particularmente ao se deparar com a realidade de interpretar em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para alunos indígenas surdos, considerando a utilização tanto da Libras quanto da Língua Terena de Sinais entre os surdos da comunidade indígena. Além disso, a escrita do aluno surdo e as dificuldades de interação com os professores e colegas estavam muito relacionadas à utilização híbrida do português e da Língua Terena. É importante ressaltar, no entanto, que as questões educacionais não constituem o foco desta tese, mas representam inquietações do pesquisador<sup>1</sup> diante de uma realidade que ainda não havia vivenciado e que motivou o surgimento desta pesquisa acerca do tema da interface linguística entre a Libras e a Língua Terena de Sinais, conforme esclareceremos no decorrer desta introdução e na fundamentação teórica.

A inclusão do aluno com surdez na rede de ensino é um desafio, não só no que se refere à educação, como também aos preconceitos existentes na sociedade, à inadequação do sistema de ensino e, muitas vezes, ao despreparo do professor. Nunes *et al.* (2015, p. 542) descrevem que, apesar da grande quantidade de pessoas surdas fora dos bancos escolares, houve uma melhora dos índices de admissão de alunos surdos no ensino em geral. Todavia, o autor vê a necessidade da criação de políticas públicas para atender os surdos e suas famílias, bem como a capacitação de professores e demais atores escolares para esse atendimento.

A escola, como espaço de socialização, tem o papel fundamental de incluir as pessoas com necessidades educacionais especiais, buscando subsídios ao atendimento destes, reduzindo os obstáculos existentes entre eles e a sociedade. De acordo com Nunes *et al.* (2015, p. 542): “a escola bilíngue seria o espaço de socialização, de construção de uma identidade positivada, de acesso ao conhecimento e uma comunicação significativa para os que costumeiramente são ‘sem-lugar’”.

Precisamente, não basta apenas matricular o aluno surdo e incluí-lo em uma sala regular para dizer que é uma escola inclusiva, mas sim, garantir boas condições de aprendizagem, trazendo a necessidade de rever os conceitos sobre o currículo da

---

<sup>1</sup> O pesquisador desta tese é docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, atuando nos cursos de Licenciatura Intercultural Indígena e Pedagogia Indígena.

escola e o planejamento do professor. Diante das dificuldades encontradas pelos surdos, a Libras tem um papel relevante para a educação bilíngue do surdo, uma vez que, através da luta por inclusão, surgem conquistas, comprovando que os surdos são capazes de participar ativamente da sociedade.

Quando estamos falando de sociedade, é comum focar uma maioria linguística e esquecer as minorias linguísticas. A “maioria linguística” é composta por pessoas ouvintes que dominam parcialmente ou totalmente a língua em suas modalidades oral e escrita, a Língua Portuguesa; e a “minorias linguísticas” é composta por aquelas pessoas que dominam parcialmente ou totalmente outra língua. Ressaltamos aqui dois grupos minoritarizados: os sinalizantes de Libras e a comunidade indígena dos Terena (MS).

A Libras é usada na comunicação visual-espacial, porém, de acordo com a Lei n. 10.436/02, na modalidade escrita, a Libras não substitui a Língua Portuguesa, sendo considerada a segunda língua (L2) na sala de aula onde os surdos estão inclusos. No que tange aos indígenas surdos, Vilhalva (2009, p. 19) ressalta a necessidade de um olhar para a Libras como L1 e a Língua Portuguesa como L2 para alunos indígenas surdos. Segundo a autora, ultimamente, tem-se pensado numa proposta de Língua Terena de Sinais, “defendendo a importância das discussões para incluir na legislação também as existências das demais Línguas Brasileiras de Sinais” (VILHALVA, 2009, p.19-20).

Vilhalva (2009), em consonância com Quadros e Schmiedt (2006, p. 18), considera que a educação bilíngue em uma escola depende de decisões político-pedagógicas. Do ponto de vista da ação pedagógica, segundo as autoras, são inúmeros os recursos didáticos que podem ser utilizados na educação de surdos. O aspecto que faz a diferença é, sem dúvida, a criatividade do professor (QUADROS; SCHMIEDT, 2006).

Os alunos com surdez baseiam-se mais nas pistas visuais do que nas auditivas. Sendo assim, a utilização de recursos visuais facilita a compreensão e a aprendizagem do aluno. Além desses, também podem ser utilizados objetos concretos como fotos, gravuras, desenhos, mímicas, gestos e a língua de sinais, os quais ajudam a dar sentido ao que está sendo estudado.

O domínio da língua de sinais, por parte do professor, além do conhecimento do contexto cultural dos alunos são grandes desafios na adoção de práticas

educativas inclusivas no país todo (MONTEIRO *et al.*, 2012, p. 120). O desafio é ampliado ao considerarmos a interculturalidade em jogo na inclusão do indígena surdo. Porém, sabemos que há muitos outros desafios na inclusão escolar e que há muitos conflitos na interação entre a Língua Portuguesa e a Libras. Cabe a nós, profissionais da educação, refletirmos sobre o discurso dos professores de Língua Portuguesa e como essa disciplina pode ser utilizada na construção dos sentidos dos indígenas surdos usuários da Libras. Além disso, é importante notar quais são as dificuldades encontradas no cotidiano escolar e no ensino-aprendizagem dessas crianças indígenas com surdez.

Geralmente, os surdos preferem utilizar a Libras como sua língua materna natural, para se comunicar, interagir e compreender o mundo à sua volta. Paralelamente, aprendem a língua portuguesa, para saberem ler os documentos, recibos, receitas, textos etc., não deixando de lado a sua primeira língua (Libras), uma vez que a linguística da Libras é diferente da linguística do português. Os falantes de Libras, quando num contexto escolar, demandam a aplicação da educação inclusiva, a qual não entende as diferenças como problemas, mas como diversidade (COSTA, 2008).

Ao tratar da língua portuguesa e Libras, o Ministério da Educação (MEC, 2006, p. 15) compreende as duas línguas coexistindo no mesmo espaço escolar. Nesse sentido, por ser a língua portuguesa para surdos brasileiros concebida como segunda língua deve ser ensinada aos surdos com metodologia própria de segunda língua. Um fator maior de dificuldade é a diferença de modalidades entre a língua portuguesa e a língua de sinais, pois enquanto a língua portuguesa é de modalidade oral-auditiva, a Libras é de modalidade visual-espacial. A vulnerabilidade do aluno surdo é ainda ampliada quando este pertence a um grupo minoritário, como no caso dos indígenas.

Nosso país é considerado plurilíngue e, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), cerca de 274 línguas indígenas são faladas no Brasil. No entanto, a política linguística brasileira ainda se baseia na ideia de um país monolíngue, privilegiando a Língua Portuguesa e não dando atribuição a tantas línguas existentes em nosso país.

Os indígenas surdos, na escola, possuem uma condição muito particular porque aprendem Libras e Língua Portuguesa e, em suas comunidades indígenas, aprendem e criam variedades de comunicação particulares, configurando uma

variedade própria de língua de sinais. Nesse contexto, práticas educativas inclusivas consideram o plurilinguíssimo com o devido respeito, buscando solucionar os problemas de comunicação pelo entendimento amplo das semelhanças e diferenças da Libras e dessa variedade própria, doravante admitida como “Língua Terena de Sinais”.

Pensando nessa perspectiva, este estudo parte desse pressuposto para verificar como, em comunidades indígenas, os surdos criaram suas línguas de sinais para a comunicação com seus pares dentro de casa. Por meio desse estudo, entenderemos essas formas de comunicação e instruir melhor a sociedade e a academia na organização de práticas docentes que priorizem tais grupos minoritarizados. No caso desta pesquisa, focaliza-se surdos do povo Terena de Aquidauana/MS. O grupo indígena Terena é originário do subgrupo *Chané-Guaná*, da família linguística *Aruák*.

Esta pesquisa adota, como arcabouço teórico e metodológico, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), uma teoria da linguagem centrada na noção de função, ou seja, o que a linguagem faz e como o faz (HALLIDAY, 1994). Nesse sentido, a LSF parte do contexto social e analisa como a linguagem atua e é limitada por esse contexto social. Ao admitirmos o foco no contexto específico do Terena surdo e sua relação com as demais comunidades discursivas das quais faz parte, consideramos a LSF como uma teoria capaz de revelar traços linguísticos importantes para a comunicação desse grupo.

Uma noção central para a LSF é a “estratificação”, de forma que a linguagem é analisada em termos de quatro estratos: contexto, semântica, lexicogramática e fonologia-grafologia. Ao evidenciarmos o Terena surdo e seu contexto plurilíngue, enquadraremos todos esses estratos. Por exemplo, o contexto situacional: Campo (o que está acontecendo), Relações (os papéis sociais e as relações entre os participantes) e Modo (aspectos do canal de comunicação, por exemplo, monológico / dialógico, falado / escrito, +/- contato visual etc.).

Apesar de existirem muitos estudos dentro da perspectiva da LSF, há uma carência de pesquisas das línguas na modalidade visual-espacial, assim como variedades linguísticas minoritárias que não recebem, geralmente, atenção similar às modalidades linguísticas dominantes. Nesse sentido, a presente tese, por focar a Libras e a Língua Terena de Sinais, também contribui para um entendimento

específico e aplicação da LSF, principalmente no que se refere à semântica sistêmica, dividida em três componentes: (a) semântica ideacional (o conteúdo proposicional); (b) semântica interpessoal (preocupada com a função da fala, estrutura de troca, expressão de atitude, etc.); e (c) semântica textual (como o texto é estruturado como uma mensagem, por exemplo, estrutura do tema, dado / novo, estrutura retórica etc.).

Dentre as diversas variáveis de construção de significado, este estudo particulariza a metafunção ideacional e a textualização de Processos (LSF), com foco em materiais, mentais e relacionais, nos parâmetros da Língua Brasileira de Sinais, em termos de ponto de articulação, configuração de mão, movimento, orientação da mão, expressões não manuais.

Nesse sentido, a pesquisa ajudará a compreender aspectos sobre a “construção da experiência” para o aluno indígena surdo, permitindo um maior entendimento dos seus processos de construção de sentido. Interessa-nos, particularmente, a realização linguística do mundo interno (processos mentais), do mundo externo (processos materiais) e das relações e atribuições (processos relacionais).

As principais justificativas para esta pesquisa atendem a demandas sociais, culturais e linguísticas, detalhadas a seguir. Primeiramente, a pesquisa permite expandir conhecimentos acerca das diferenças e/ou semelhanças entre a Libras e a Língua Terena de Sinais – com base na metafunção ideacional da LSF – e permite uma descrição funcional sistêmica de aspectos da língua na modalidade visual-espacial, fornecendo elementos esclarecedores de como essa língua funciona. Por meio de uma descrição funcional-sistêmica de aspectos da linguagem na modalidade visual-espacial, há contribuição para o entendimento e a expressão dessa língua.

Além disso, esta pesquisa promove a inclusão, combatendo o preconceito que hoje é um dos maiores desafios da nossa sociedade, enquanto dá visibilidade e foco no indivíduo surdo e no Terena surdo, alcançando uma dimensão educacional pelo reconhecimento linguístico e, conseqüentemente, conscientização acerca da inclusão desses cidadãos no sistema de ensino e inadequação dos sistemas educacionais para lidar com essas realidades.

O objetivo principal desta pesquisa é identificar e descrever as variações dos parâmetros linguísticos entre a Libras e a Língua Terena de Sinais, sob a perspectiva da LSF de dois grupos linguísticos: surdos urbanos e Terenas surdos aldeados. Sendo

os objetivos específicos: (a) descrever comparativamente os padrões linguísticos da Libras e da Língua Terena de Sinais na representação da experiência; (b) analisar aspectos contextuais do grupo minoritário Terena; (c) correlacionar aspectos das variações linguísticas dos parâmetros da Libras pela aplicabilidade da LSF.

Este trabalho, de natureza qualitativa, baseia-se em pesquisa de campo realizada com surdos urbanos e indígenas surdos do município de Aquidauana/MS. Em razão da pandemia Doença do Corona vírus (trad. de *Coronavirus Disease* 2019) (COVID - 19) e, por medidas de segurança, o pesquisador não pôde visitar as aldeias para a coleta de dados presencialmente. Assim, os dados foram obtidos por meio de questionários semiestruturados aplicados a campo, além de investigações por videochamada com os entrevistados. A coleta de dados, que envolveu a participação de seres humanos, foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFMS e foi realizada somente após a obtenção das devidas aprovações processuais.

O trabalho está organizado em: introdução, desenvolvimento do conteúdo e fundamentação teórica, metodologia e coleta de dados, discussões e resultados, seguidas de algumas considerações, referências bibliográficas e, por fim, os anexos.

Além desta introdução que apresenta todos os passos detalhados do trabalho, a primeira seção trata do referencial teórico em relação ao povo Terena, sua etnia e o processo inclusivo dos Terena surdos na rede de ensino regular. Por mais que educação e inclusão não sejam o foco do trabalho ou forneçam dados para o estudo, consideramos pertinente a permanência deste tema para explicar o respeito à inclusão, à educação especial e às lutas de grupos minoritarizados. Em seguida, na seção, são discutidos os parâmetros que fazem parte do processo linguístico da língua de sinais e uma explicação do pressuposto teórico principal desta pesquisa, a LSF.

Em seguida, a seção de Metodologia aborda os procedimentos da pesquisa desenvolvida, desde a natureza qualitativa até os instrumentos de coleta de dados, seguido pelos procedimentos éticos adotados e os procedimentos da entrevista semiestruturada e da análise dos parâmetros e da LSF.

A seção seguinte apresenta a discussão dos resultados, análise de registro, análise da sinalização, análise da metafunção ideacional e os comentários das análises. Ela é precedida de uma seção mais compreensiva, exibindo uma visão geral das análises com foco na comparação da representação da experiência nos dois grupos linguísticos destacados.

As últimas partes da tese apresentam algumas considerações acerca do trabalho desenvolvido, as referências e os anexos com a integralidade das análises da sinalização, da metafunção ideacional e dos documentos do CEP. A seguir, serão envolvidos temas relacionados ao povo Terena, sua etnia e inclusão, além dos períodos da Língua e da LSF.

# **1 O POVO TERENA, SUA ETNIA E INCLUSÃO: OS PARÂMETROS DA LÍNGUA DE SINAIS E A LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

## **1.1 HISTÓRIA DO POVO TERENA**

O historiador Corrêa (1999) traz um relato de comunidades indígenas que viviam na região dos atuais municípios de Aquidauana, Anastácio e Miranda e que começaram a se reestruturar há algum tempo, sendo a cidade de Miranda o principal núcleo populacional da região. A área era assolada por cheias que causavam grandes enchentes, deixando o povoado isolado durante quase seis meses no ano, situação que trazia grandes transtornos, como dificuldades de deslocamento, dificuldades na recepção de mercadoria e de escoamento da produção. Assim, um grupo de fazendeiros, liderados por Theodoro Rondon, decidiu negociar e comprar do senhor João Dias Cordeiro as terras onde hoje está localizado o núcleo urbano de Aquidauana. Tal localidade foi escolhida por ser o último local com estrutura de aportação e navegável para embarcações maiores.

Ainda segundo Corrêa (1999), cerca de quarenta pessoas se encontraram para uma reunião que aconteceu no dia 15 de agosto de 1892. Essa reunião ocorreu no local onde está localizada a Praça Nossa Senhora da Imaculada Conceição, onde foram escolhidos os responsáveis para a implantação do núcleo ora criado, sendo eles: Theodoro Rondon, Augusto Mascarenhas, Estevão Alves Correa, João de Almeida Castro e Manoel Antônio Paes de Barros. Pessoas essas consideradas fundadoras de Aquidauana, que inicialmente recebeu o nome de Alto Aquidauana sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, que é a padroeira do município (CORRÊA, 1999). A vegetação desta região apresenta parte de cerrados, campos inundáveis e vegetação do Pantanal. O clima geral é subúmido, com temperatura média anual máxima de 40°C e mínima de 24°C. A ocorrência de chuva na região tem seu início no mês de novembro e fim do período no mês de abril, apresentando precipitações anuais que variam de 750-2000mm (ADÂMOLI *et al.*, 1987).

Neste contexto histórico da fundação da cidade de Aquidauana, surgem os relatos sobre as comunidades indígenas que se localizam na reserva do Posto

Indígena de Taunay - PIN, composta por oito aldeias indígenas localizadas a 58 km a oeste da área urbana do município de Aquidauana.

Segundo Rodrigues e Campos (2023), a população Terena tem aproximadamente 6 mil habitantes. Os indígenas mencionados neste estudo são, em sua maioria, da etnia Terena, vivendo em pequenas áreas denominadas “Reservas Indígenas”, onde algumas vezes fica proibida a entrada de “não indígena”, com o objetivo de preservá-los de possíveis violências. As reservas estão situadas numa área inserida na grande região geográfica Centro-Oeste, no Mato Grosso do Sul, na bacia do Alto Paraguai, na micro região de Aquidauana e no município de Aquidauana/MS (OLIVEIRA, 1968). Ainda segundo Oliveira (1968), as primeiras reservas foram criadas nos anos de 1904 e 1905 com o apoio de Marechal Cândido Rondon, o qual tinha a coordenação da comissão das linhas de telégrafos.

Exatamente nesse período foi criada a reserva Bananal/Ipegue, com 6334 hectares. Por município, podemos apontar as seguintes aldeias: município de Aquidauana: Bananal, Ipegue, Limão Verde e Aldeinha; município de Nioaque: Brejão; município de Sidrolândia: Buriti; município de Dourados: Jaguapirú e Bororó (OLIVEIRA, 1960, p. 73). Hoje, somente na região de Taunay, as maiores aldeias são Bananal, Ipegue, Lagoinha, Água Branca, Imbirussu, Colônia Nova e Morrinho (MOURA, 2010).

Estudos de Oliveira (1960) destacam, dentre as comunidades Terena do Posto Indígena de Taunay, a Aldeia Bananal. Nesta localidade, atualmente, há grande semelhança com os costumes das populações urbanas. São poucas as características culturais do modo de vida do passado que se sobressaem no dia a dia dos aldeados. A dança, o artesanato e o idioma são costumes que se destacam e que ainda estão presentes nas atividades da aldeia. As danças ficaram relegadas a comemorações como o “Dia dos Povos Indígenas” ou em apresentações em solenidades de eventos na cidade.

No início da criação das reservas, no ano de 1926, as aldeias Bananal e Ipegue contavam com uma população de 1.332 habitantes em uma área demarcada de 6.334 hectares, diminuindo esta taxa em função da migração para outras aldeias (OLIVEIRA, 1968). Em 1954, a população caiu para 1.060 habitantes. A soma de todas as populações destas aldeias, no ano de 2011, foi calculada em 5.803 habitantes, segundo dados da Funasa (2011), tendo considerável evolução em 2007. Na década de 1980, o Brasil sofreu um processo de redemocratização e foi neste

contexto que o grupo indígena passou a ter um papel mais central na formulação de políticas públicas indigenistas. Foram criadas várias organizações representativas concentradas, em sua maioria, na Associação de Docentes Indígenas, fundada na Amazônia (FREIRE, 2004).

Com a Constituição de 1988, passam a valer legalmente os direitos, as diferenças e as peculiaridades das etnias indígenas, sendo reconhecida aos índios:

Sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União, demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988 p.152-153).

Na Constituição de 1988, o Estado brasileiro reconhece a existência de povos indígenas vivendo em seu território e considera que estes possuem um modo de vida peculiar, com línguas e saberes específicos e que, portanto, necessitam de direitos e políticas específicas. Segundo Freire (2004), após a Constituição Federal de 1988, ocorreram mudanças significativas na legislação referente à Educação Indígena, como na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996 e no Plano Nacional de Educação (PNE) de 2001. Tais documentos apresentam uma nova função para as escolas indígenas, em que ambos delegam o direito a uma “educação bilíngue, intercultural, comunitária, específica e diferenciada”.

Assim, o tema deste estudo endereça à necessidade da busca por informações, tanto quanto da ampliação e difusão da cultura Terena, que está se perdendo por falta de incentivo e registro. Dessa forma, esta pesquisa só foi possível, uma vez que o pesquisador reside no município e convive desde cedo com as tradições da etnia Terena. O tópico a seguir explanará sobre a educação escolar indígena e suas especificidades a fim de entendermos melhor como foi a vivência do pesquisador para chegar aos resultados esperados.

## 1.2 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E SUAS ESPECIFICIDADES

A escola indígena configura seu novo objetivo tanto em regulamentos e na prática, que é reconhecer a diversidade sociocultural e linguística dos povos indígenas

e valorizar seus saberes, a fim de recuperar suas histórias, reafirmar suas identidades e favorecer o acesso aos conhecimentos técnico-científicos da atual sociedade brasileira.

Vários documentos foram elaborados para nortear a oferta de educação escolar indígena, tais como o documento pioneiro chamado “Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena (PNEEI) (MEC,1994) e o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998) para o desenvolvimento da educação escolar indígena em todas as áreas da educação escolar. A Resolução n. 03/1.999 regulamentou a categoria de escola indígena no Brasil, sua estrutura e funcionamento.

A Educação Escolar Indígena, presente nas áreas indígenas há cerca de trinta anos, passa a ser objeto de uma nova forma de se “ver” e “praticar” as especificidades dos povos indígenas desenvolvendo uma pedagogia própria com valorização da própria cultura – por meio das disciplinas de Arte e Cultura Terena e Língua Terena, formando a escola voltada ao interesse dos povos indígenas.

Busca-se, cada vez mais, transformar a escola indígena imposta aos índios e gerida de fora, para um espaço de articulação, de informações, com práticas pedagógicas e reflexões dos próprios índios sobre seu passado e ‘futuro’, seus conhecimentos, projetos e definição de um lugar neste mundo globalizado. As palavras de Terena (1992), traduzem um conceito de cidadania abrangente e global: “nossa geração futura, da família indígena e do branco, tem o dever histórico de consolidar essa profecia: o sonho de sermos gente, cidadão urbano e cidadão da selva” (TERENA,1992, p. 26).

A seguir trataremos especificamente da vulnerabilidade dos indivíduos surdos e, especificamente, os indígenas surdos Terena, suas condições de vida e de escolarização.

### 1.3 DESAFIO NA INCLUSÃO NO PROCESSO ESCOLAR DO SURDO E DO TERENA SURDO

O diagnóstico precoce é de suma importância para que seja possível começar o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que inclui trabalhos de apoio e conscientização com a criança e com os pais. A inclusão destas crianças na rede

regular de ensino tem sido um grande desafio, pela falta de estrutura, pelas metodologias utilizadas pelos professores e pelos subsídios necessários para promover a aprendizagem dessa criança. Considerando a necessidade do desenvolvimento da capacidade representativa e linguística dos alunos com surdez, eles são contemplados com o ensino de Libras e o ensino da Língua Portuguesa.

Segundo o MEC (2006):

Ao optar-se em oferecer uma educação bilíngue, a escola está assumindo uma política linguística em que duas línguas passarão a coexistir no espaço escolar. Além disso, também será definido qual será a primeira língua e qual será a segunda língua, bem como as funções em que cada língua irá representar no ambiente escolar. Pedagogicamente, a escola vai pensar em como estas línguas estarão acessíveis às crianças, além de desenvolver as demais atividades escolares. As línguas podem estar permeando as atividades escolares ou serem objetos de estudo em horários específicos dependendo da proposta da escola. Isso vai depender de como, onde, e de que formação as crianças utilizam as línguas na escola (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 2006, p.15).

Nesse sentido, por ser a língua portuguesa para surdos brasileiros concebida como segunda língua, ela deve ser ensinada aos surdos com metodologia própria de segunda língua. Um fator maior de dificuldade é a diferença de modalidades entre a língua portuguesa e a língua de sinais, já que aquela é de modalidade oral-auditiva enquanto esta é de modalidade visual-espacial. A vulnerabilidade do aluno surdo é ainda ampliada quando este pertence a outro grupo minoritário, como, no caso, os indígenas.

O dever da escola é inserir o aluno no contexto escolar, transmitindo valores éticos e sociais com total conhecimento, transformando-o num cidadão com senso crítico dentro de um contexto globalizado. A partir das novas diretrizes frente à inclusão de alunos com deficiência, surge um novo cenário na educação básica, abarcados na literatura de teóricos bibliográficos dentro de pautas como o princípio da inclusão educacional e os fatores que promovem as mudanças no ensino (NASCIMENTO *et al.*, 2021).

Vilhalva (2009, p.19) ressaltava a necessidade de um olhar para a Língua Brasileira de Sinais como L1 e a Língua Portuguesa como L2 para alunos indígenas surdos. Segundo a autora, ultimamente, tem-se pensado numa proposta de Língua Terena de Sinais:

A Educação hoje trata a língua portuguesa como se fosse a única língua do País, mesmo que existem diversas publicações sobre as diversas línguas indígenas e uma legislação da língua de sinais. É observado que o órgão

governamental responsável pela educação entra em contradição quando informa investimento e incentivo para escolas bilíngues e ao mesmo tempo investe numa única avaliação que é a língua portuguesa. Entretanto gera conflitos linguístico, que é percebido que nesse espaço da pesquisa a língua portuguesa é como segunda língua tanto para os indígenas surdos como para os ouvintes. Necessário ser feito um estudo sobre Políticas Públicas linguística e sua atuação a respeito da língua que está presente em diferentes povos indígenas (VILHALVA, 2009, p. 19).

Em relação ao contexto citado acima, um levantamento preliminar indica a necessidade da proposição de políticas públicas que respeitem a especificidade dos alunos indígenas surdos. Paralelamente, do ponto de vista linguístico, é preciso estabelecer novos sentidos dentro do processo de uma ideologia do “oralismo” defendida desde o Congresso de Milão de 1880. Skliar, (2010, p. 6-17) explica que,

[...] Apesar de algumas oposições, individuais e isoladas, o referido congresso constituiu não o começo do ouvintismo e do oralismo, mas sua legitimação oficial [...] o ouvintismo, ou o oralismo, não pode ser pensado somente como um conjunto de ideias e práticas simplesmente destinadas a fazer com que os surdos falem e sejam como os ouvintes. Convivem dentro dessas ideias outros pressupostos: os filosóficos - o oral como abstração, o gestual como sinônimo de obscuridade do pensamento; os religiosos a importância da confissão oral, e os políticos - a necessidade da abolição dos dialetos, já dominantes no século XVIII e XIX (SKLIAR, 2010, p.16-17).

Na educação dos surdos atualmente, as autoras Quadros e Schmiedt (2006, p. 18) veem que diferentes formas de proporcionar uma educação bilíngue a uma criança em uma escola dependem de decisões político-pedagógicas. Por exemplo: ao optar por oferecer uma educação bilíngue, a escola está assumindo uma política linguística em que duas línguas passarão a coexistir no espaço escolar.

Mesmo havendo políticas linguísticas para surdos no Brasil baseadas em legislação, ainda ocorre uma invisibilidade nas questões de inclusão do indígena surdo. Os dados sobre esses povos que indicam sua grande variedade de línguas não informam quantas línguas de sinais são usadas pelos povos indígenas no Brasil, o que nos leva a questionar: por que os indígenas surdos continuam sendo “invisíveis”? Como a língua de sinais se desenvolve e se dissemina entre os povos indígenas surdos?

A dificuldade das escolas em se adaptarem ao ensino das línguas (a língua portuguesa na modalidade escrita e a Libras) para os surdos é um dos maiores desafios para a educação inclusiva na perspectiva bilíngue. A linguagem é o meio de comunicação dos humanos, sendo um recurso de uso individual de modo verbalizado e sinalizado, que expande diferentes propósitos na troca de informações e

conhecimento. Segundo Almeida (2014), crianças com surdez têm grande dificuldade de seguir o caminho da aprendizagem pela comunicação oral e as escolas tiveram que aceitar e adequar as normas que regem a língua e difundir melhor a Libras.

Devido a tais circunstâncias, as políticas públicas estabeleceram a necessidade de que as escolas insiram em sua grade curricular a Libras, formadora de comunicação de alunos surdos e ouvintes, algo que ainda não acontece nos dias atuais, mas que seria essencial para uma inclusão eficaz. Segundo Faria *et al.*, (2011, p. 184), a Libras ainda precisa ser difundida na sociedade para que sejam garantidos ao surdo os espaços de que ele, enquanto cidadão, necessita. Embora a escola esteja assumindo a função de espaço para o surdo interagir em sua própria língua, há ainda um grande problema no que tange à função de ensinar conhecimentos específicos e formar socialmente o cidadão.

Tanto a escola quanto a família são de suma importância na vida de crianças surdas, pois elas fazem com que esses alunos tenham oportunidade de socialização nos vários espaços em que se encontram. A família que tem uma pessoa surda dentro do âmbito escolar precisa, em consonância com a escola, buscar medidas para a alfabetização dessas crianças por meio da Língua Brasileira de Sinais, a língua de direito que foi conquistada pelos indivíduos surdos (NASCIMENTO *et al.*, 2021). Assim, para que possamos entender o processo da aquisição da língua de sinais entre os indígenas surdos, é necessário compreender a ancestralidade, historicidade e relevância da comunidade indígena, como pontos inegáveis e por vezes menosprezados pela sociedade. Mesmo na modernidade, há singularidades culturais presentes nesses povos que requerem um olhar mais atento e que não são visibilizadas.

Considerando a atualidade e as vivências sociais nos grandes centros urbanos, a motricidade em que o capitalismo se encontra e as políticas públicas que defendem uma inclusão, mas que, por vezes, levam à individualização, competitividade e segregação, é despertada a necessidade de um olhar para além dessas nuances, pois como bem elucidam Costa *et al.* (2022):

Em essência, o povo indígena é uma categoria social baseada em percepções da experiência compartilhada ou das experiências de seus ancestrais e os seus membros veem compartilhando as tradições histórico-culturais que os distinguem de outros grupos (COSTA *et al.*, 2022. p.2).

Dessa forma, (COELHO *et al.*, 2022) apontam que no Brasil há cerca de 274 línguas distintas catalogadas, sendo que 180 línguas são indígenas. No entanto, aproximadamente 43% da nova geração de indígenas não fala nenhuma língua ancestral; em contrapartida, a língua portuguesa é conhecida por cerca de 76,9% dessa população.

Ainda se tratando dessa temática, os autores Martins e Chamorro, (2015 *apud* COELHO *et al.*, 2022) denotam a gravidade do campo de pesquisa sobre as línguas indígenas devido à falta de trabalhos sobre o tema. Coelho *et al.* (2022) ainda discutem sobre a necessidade do aumento das linhas teóricas e de pesquisa nas disciplinas, na graduação e pós-graduação de universidades públicas visando à formação de profissionais e pesquisadores das línguas indígenas.

Mediante a visão acima, observa-se a criação dos sinais, que são traços culturais, determinados pelas origens e como esses indivíduos agem em seu meio, ou seja, como articulam o modo como o sujeito se comporta linguisticamente perante sua família, experiências visuais, vida social e política. Logo, os traços inerentes da visualidade estão presentes no ambiente. Biembengut, (2008) argumenta sobre o mapeamento da realidade e como ela se compõe em seu meio.

Com base nesse contexto, os grupos distantes de centros urbanos cumprem a função de criar sua própria língua de comunicação, ou seja, elaboram o seu próprio modo de se comunicarem, sendo ele inato e natural. Logo, é possível observar a organização e criatividade em suas sinalizações. Leite e Quadros (2014, p. 16) afirmam que “as diferentes variedades de línguas de sinais do Brasil necessitam ser reconhecidas como legítimas, estudadas e promovidas como um bem intrínseco revelador da riqueza e diversidade de experiência cultural brasileira”.

É necessário voltar um olhar atento para essa problemática, considerando todas as particularidades desse público, pois:

O direito de ter uma língua própria e de ser educado nela é uma reivindicação que, embora originalmente enunciada pelos povos originários, que durante séculos foram exemplo de resistência à colonização cultural e linguística, hoje é também uma luta das comunidades surdas (COELHO *et al.*, 2022. p.8)”.

Vale destacar também a implementação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), a qual abrange a Educação Escolar Indígena. Tal política considera as diferenças socioculturais existentes nessa população, porém, não há uma política específica voltada para a

inclusão do público indígena com deficiência, o que acarreta dificuldades de acesso e permanência nas escolas regulares e universidades.

Se em escolas urbanas há a dificuldade de formação de qualidade para os profissionais da área de Libras, a situação não seria diferente para as escolas indígenas que atendem alunos surdos. Assim, apontam Coelho *et al.*, (2022), sobre pesquisas em relação a essa temática:

Em muitos desses contextos, pesquisas identificaram que os(as) estudantes indígenas surdos utilizam línguas de sinais diferentes como observada em Ferreira, 2010; Giroletti, 2008; Vilhalva, 2009; Sumaio, 2014; Azevedo, 2015; Barretos, 2016; Gomes e Vilhalva, 2021. Apesar de a educação escolar dos estudantes surdos não ser o foco desses trabalhos, todos eles defendem que ela deve considerar as diferenças de cultura, modos de viver e de se comunicar, mesmo quando a Libras seja a língua inserida no processo de ensino dos estudantes (COELHO *et al.*, 2022, p. 6).

Tal direito, muitas vezes, é despercebido pela sociedade. Nota-se, portanto, a falta de discussão sobre o tema, a proposição de mais estudos, a ampliação de recursos metodológicos, tecnológicos e assistencialistas que resguardem os indígenas surdos e a ampliação dos atendimentos especializados.

A implementação de programas assistencialistas e educativos precisa acatar as realidades específicas. Ao considerar o ambiente em que nasce determinado indígena com alguma deficiência auditiva, o ideal é que haja suporte para essa criança, porém, a realidade não condiz com a necessidade, uma vez que nem sempre há uma equipe multifuncional com especialistas, ou um atendimento de ordem psicossocial especializado que garanta as mínimas condições para esse sujeito ser inserido em uma sociedade ouvinte. Conclui-se, portanto, que a presente pesquisa procura colaborar com a necessidade de criação de políticas públicas mais específicas para as questões que envolvem o indígena surdo.

No próximo tópico será abordado o processo de aprendizagem do sujeito surdo e a oferta de educação escolar indígena para o indígena surdo.

#### 1.4 PROCESSO DE APRENDIZAGEM E A EDUCAÇÃO DE INDÍGENAS SURDOS

A educação escolar dos indígenas surdos partiu da busca de seus familiares por auxílio para o ensino formal da língua de sinais nas escolas indígenas. Essa ação

formativa é mais efetiva quando responde às circunstâncias daquela comunidade e há integração entre a escola e a família. Para Almeida (2012),

A metodologia do professor tem que ser flexível, atendendo as necessidades de todos os alunos, contemplando o aluno com deficiência auditiva, e por mais que surja insegurança e dúvidas ao receber estes alunos, o professor junto a escola deve 'conversar com a família', assim, assegurará a cultura e a identidade desses educandos Surdos (ALMEIDA, 2012, p. 8).

Enquanto em Aquidauana a Língua Terena de Sinais ainda se encontra em fase de desenvolvimento e pesquisa, o município de Miranda/MS "co-oficializou a Língua Terena de Sinais entre outros" com a Lei n. 1382 de 12 de abril de 2017. O ensino da Libras é geralmente adaptado as circunstâncias e reflete todos os acontecimentos culturais existentes naquela etnia. O povo Terena ainda luta pelo reconhecimento governamental de sua própria língua falada, como explicado por Vargas (2011):

Na situação contemporânea as relações e as reivindicações dos Terena junto ao Estado Brasileiro permanecem, porém, seus interesses se modificaram. Os antigos "agradados" e os "brindes", que costumavam ser distribuídos pelos militares e administradores da DGI no século XIX e pelo SPI no início do século XX, não mais são almejados pelos indígenas. Afinal, os índios negociam, conforme suas necessidades e atualmente, elas consistem, em recuperar os territórios perdidos e conquistar melhores condições de educação e de saúde. Nesse sentido, os professores indígenas estão contribuindo diretamente para a ampliação das discussões em busca de seus direitos. Eles são os responsáveis pelo fortalecimento da escola indígena, que se revela como uma nova referência, a partir da qual as aldeias formulam suas reivindicações, constituindo-se como um novo mecanismo apropriado pelos índios para fortalecê-los. Dessa maneira, tornam-se cada vez mais organizados e conscientes de sua história, tanto aquela aprendida com os mais velhos, como aquela adquirida junto às universidades, registrada pelos não índios (VARGAS, 2011, p. 21).

A educação dos Terena surdos pontua-se na inclusão de todos os surdos, igualmente, os quais estão assegurados nas mesmas Leis e Decretos para sua alfabetização e autonomia. No entanto, ainda há dificuldades no processo de inclusão dos indígenas surdos, pois há carência de profissionais das suas respectivas comunidades, principalmente na etnia Terena. Uma das formas de cessar esse problema é respeitando, incluindo e capacitando seus pares para que possam atuar diretamente com a necessidade da comunidade. Nesse sentido, foi exposto na Declaração de Salamanca (1994) que:

A Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e aos gozos e exercício dos direitos humanos. No campo da educação, tal se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram proporcionar uma equalização

genuína de oportunidades. A experiência em muitos países demonstra que a integração das crianças e dos jovens com necessidades educativas é mais eficazmente alcançada em escolas inclusivas que servem a todas as crianças de uma comunidade (SALAMANCA, 1994, p. 43).

E para que isso tenha êxito, é necessário que as escolas, com apoio do poder público, contratem profissionais qualificados que possam ir até as comunidades para capacitar docentes interessados em aprender a Libras para ajudar os indígenas surdos. A ação desses profissionais nas aldeias também contribui para abrir os olhos da comunidade para uma pesquisa mais ampla dessa língua a fim de criar efetivamente a Língua Terena de Sinais. Esse conhecimento é essencial para o atendimento educacional especializado das comunidades Terena.

No contexto do ensino de língua de sinais ao povo Terena, Sumaio (2018, p. 28) diz que “algumas comunidades surdas recentemente estão adotando o *Sign Writing*, um sistema de escrita criado originalmente para registrar passos de dança, como sistema de escrita de suas línguas de sinais”. Há também alguns pesquisadores brasileiros, como Barros, que está desenvolvendo uma escrita de sinais conhecida como Escrita das Línguas de Sinais (ELIS).

Neste contexto, diversas pesquisas avaliaram o funcionamento da educação dos indígenas surdos Terena. Mussato e Cameschi (2020, p. 15) explicam que “a língua portuguesa é a língua materna da sociedade brasileira; a Libras é entendida como língua materna dos surdos brasileiros; a língua Terena é a língua materna desse grupo étnico, na educação”. Nesse sentido, as autoras destacam que a criança cresce na comunidade indígena e tem como base três línguas lá existentes. Além disso, sofrem com o preconceito e com a dificuldade de deslocamento até outras cidades para estudarem. Descrevem, ainda, o relato de um índio surdo sobre as técnicas utilizadas pela escola frequentada por ele:

R2 - IS1: então passamos a fazer um tratamento fonoaudiológico... a fonoaudióloga nos ensinava a falar e a datilologia do alfabeto... nos ensinava o alfabeto manual que reproduzíamos... A-B-C. com as mãos e oralmente / mas ainda não era compreensivo pra mim... aí me deram um sinal... meu nome passou a ser a letra E na sobancelha... a aprendizagem em sinais foi acontecendo aos pouquinhos... [...], mas na sala de aula era muito difícil... nós crianças não entendíamos como tínhamos que fazer as tarefas / não sabiam nos explicar (MUSSATO; CAMESCHI, 2020, p. 17).

A falta dessa inclusão leva o indígena surdo a sentir-se não pertencente à sua comunidade, uma vez que encontra dificuldade na compreensão da língua Terena, a

qual é falada por familiares. Além disso, o fato de a Língua Terena de Sinais ainda estar em fase de desenvolvimento acaba interferindo em sua vida.

Fazendo análise dos indígenas surdos Omágua-Kambeba, Santos *et al.*, (2022) observaram que se tratava de uma língua de sinais diferente da Libras. Para além disso, ela teria origem no convívio familiar, sendo assim:

Nos constituímos através das práticas de linguagem e que, mesmo quando o sujeito surdo não tem contato com a língua de sinais utilizada pela maioria (no caso do Brasil, a Libras, utilizada pelos surdos dos centros urbanos), outros sistemas de comunicação emergem, sendo constituídos '[...] pela presença da experiência perceptivo-prática dos participantes, ou seja, uma relação triangular entre a cultura visual destes surdos, a apreensão prática e a transposição para um sistema simbólico' (SANTOS *et al.*, 2022, p. 4).

Foi observado também nos indígenas surdos Omágua-Kambeba que alguns fonemas/parâmetros dos sinais estão relacionados com o que esses surdos possuem de relação com o objeto e são criados por meio de práticas sociais. São exemplos as palavras “galinha”, “menina”, “menino”, “bravo” e “igreja”. Silva (2022) nos apresenta dados sobre outra língua de sinais, a Ka'apor. Esta se diferencia da língua oral Ka'apor, pelo fato de que, na língua de sinais, observa-se a ausência de sinais específicos para cores. Assim, diz Ferrari, (2022):

Ao se falar em cores na língua de sinais Ka'apor, é utilizado um “gesto emblemático”, através do apontamento ou utilização do dedo indicador em contato com algum objeto que especifique aquela cor. Enquanto língua-território, o autor chama-nos à atenção para compreendermos a cosmologia Ka'apor, pois somente assim entenderemos a constituição/construção dos sinais-gestos de cores para esse povo (FERRARI, 2022, p. 3).

Os estudos citados refletem a grande variedade de línguas indígenas que o Brasil possui. Para além disso, a grande variedade de línguas indígenas de sinais nos faz refletir sobre a pouca visibilidade que esses povos indígenas surdos têm na sociedade. Este assunto emergente tem sido mundialmente discutido, conforme Ferrari, (2022):

O ano de 2022 foi decretado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como o primeiro da Década Internacional das Línguas Indígenas, tendo como objetivo valorizar e reconhecer as línguas indígenas em todas as esferas sociopolítica, cultural, científica e tecnológica enquanto patrimônio linguístico cultural mundial. Talvez esse deva ser visto enquanto um momento oportuno para discutirmos não somente sobre as línguas indígenas orais, mas também as línguas de sinais indígenas (FERRARI, 2022, p. 5).

Nessa perspectiva, conclui-se que a inclusão do povo indígena nas pautas sociais e políticas públicas tem progredido. Esse progresso, contudo, deve ser associado a questões que envolvam o indígena surdo e como a comunicação dele acontece e se desenvolve, considerando a variedade cultural do povo indígena no Brasil e países vizinhos. Ações desse tipo devem contribuir para que esse povo saia da situação de invisibilidade. No próximo tópico, discutiremos os parâmetros empregados na Libras, onde responderemos aos objetivos da tese.

#### 1.4.1 Os Parâmetros da Língua de Sinais aplicados na Libras

A Libras é um componente que auxilia e aproxima os sujeitos surdos. Todavia, é fundamental que os surdos compreendam os parâmetros que envolvem a língua, para que os envolvidos desenvolvam competências para interpretar o mundo ao seu redor e expressar o que sentem, como seus medos, emoções e ainda serem compreendidos tanto pelos surdos como pelos ouvintes (BARBOZA *et al.*, 2015).

Vê-se que os parâmetros utilizados nas línguas de sinais refletem as necessidades globais dos surdos quando buscam meios e formas de se comunicarem, mantendo as línguas “vivas” e em constante transformação. Ochiuto e Constância (2018) argumentam que é fundamental pensar e discutir a funcionalidade da Libras no processo de alfabetização dos surdos urbanos, aldeados ou rurais.

Nesse sentido, a funcionalidade da Libras é sistematizada em aspectos estruturais chamados de parâmetros, sendo os quais:

- a) Configuração de Mão (CM): é a base morfológica da língua, sendo expressa pela forma assumida pela mão no momento da sinalização. Atualmente há mais de 70 tipos de configuração de mão reconhecidas como pode ser notado na Figura 1, na seção subsequente;
- b) Ponto de Articulação (PA) ou, como alguns autores denominam, Locação (L): é o local onde o sinal deve ser realizado em alguma parte do corpo – podendo ser na cabeça, peito, braços, ou num espaço neutro em frente do corpo;
- c) Movimento (M): é o movimento realizado pelas mãos no momento da sinalização. O movimento envolve diferentes formas e direções, podendo um sinal ter ou não movimento;

- d) Orientação (O), ou direcionalidade: trata-se da direção tomada pela palma da mão no momento da sinalização; por fim,
- e) Expressões Não-manuais (ENM): são as expressões faciais e/ou corporais utilizadas durante a sinalização e que transmitem sentimentos, intensidade e emoções da sinalização.

Conforme Almeida e Almeida (2014),

Três são seus parâmetros principais ou maiores: a configuração da(s) mão(s) - (CM), o movimento - (M) e o ponto de articulação - (PA); e outros três constituem seus parâmetros menores: região de contato, orientação da(s) mão(s) e disposição da(s) mão(s) (ALMEIDA; ALMEIDA, 2014, p. 44).

Para os parâmetros, os autores supracitados ponderam que os parâmetros incorporam as modalidades lexicais, sintáticas e morfológicas da língua, ou seja, sua estrutura gramatical. Assim, os parâmetros são indispensáveis para a compreensão da Libras. Abaixo descreveremos os parâmetros que servirão como base para análise da sinalização dos resultados desta pesquisa.

#### *1.4.1.1 Configuração de Mão*

A Configuração de Mão (CM) é o parâmetro que analisa e sistematiza as diversas formas como as mãos se configuram na execução de um sinal (GODOI *et al.*, 2021). É um parâmetro muito importante, uma vez que, se a configuração de mão for apresentada de maneira deturpada, ela não seguirá fielmente o que o sinalizante deseja sinalizar. A figura 1 apresenta a tabela do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES) com os 79 tipos de configuração de mãos.

Figura 1 – Configuração de Mãos  
**Configurações de mãos**



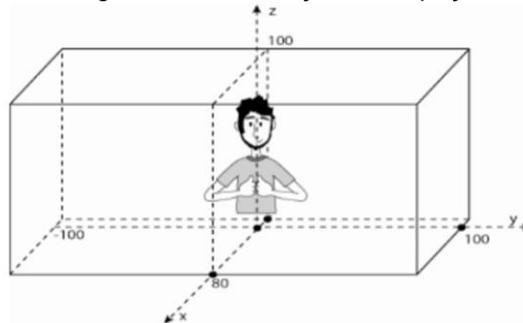
Fonte: Grupo de Pesquisa do Curso de Libras do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (s.d.)

#### 1.4.1.2. Ponto de Articulação

O Ponto de Articulação (PA) indica o local onde o sinal ocorrerá, podendo então ser sinalizado ao tocar alguma parte do corpo, como: palma da mão, região da cabeça, braços, tronco e/ou no espaço, conforme figura 2. Nesse sentido, o PA é o espaço encontrado de frente do sinalizante, mais conhecido como espaço neutro ou espacial. Esse parâmetro é demarcado pelo alongamento máximo dos braços, frente e ou ao lado do corpo, podendo ocorrer acima da cabeça ou para frente, de modo que não ultrapassem os quadris. Para Almeida (2012),

**Ponto de Articulação (PA):** é o lugar onde a configuração de mão se realiza, podendo essa tocar alguma parte do corpo ou estar em algum espaço, ou seja, do meio do corpo até a cabeça (Almeida, 2012, p. 321).

Figura 2 – Localização ou Espaço



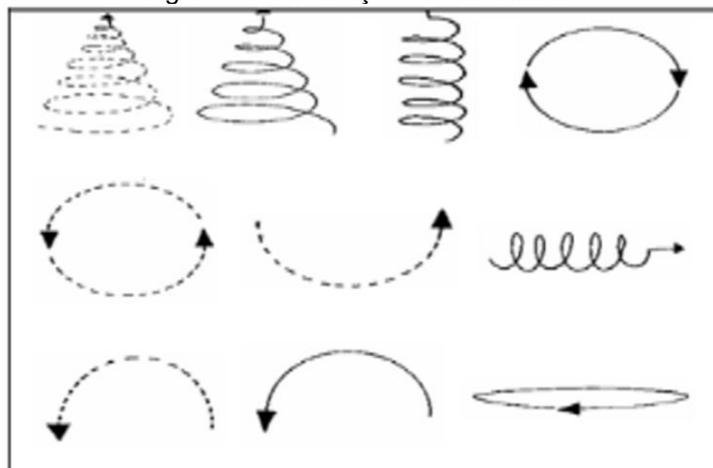
Fonte: Almeida (2012, p. 324, *apud* Langevin e Ferreira Brito, 1988, p.1)

### 1.4.1.3 Movimento

O Movimento (M) refere-se à forma dos movimentos das mãos na sinalização, figura 3. Um sinal pode ter ou não movimento. Assim, é por meio do Movimento que podemos observar a comunicação com elegância, graciosidade e dinamismo. Para alguns sinais, o Movimento criará as condições para o entendimento do mesmo e, portanto, é de extrema importância que seja realizado de forma adequada para que a comunicação não ocorra de forma indesejada. Para Almeida (2012),

Movimento (M): Os sinais podem ter um movimento ou não Segundo Quadros e Karnopp (2004), o movimento é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço (ALMEIDA, 2012, p. 325).

Figura 3 – Orientações de Movimento



Fonte: Almeida (2012, p. 324, *apud* MATO GROSSO DO SUL, 2015)

#### 1.4.1.4 Orientação das mãos

O parâmetro da orientação é caracterizado como a direção para a qual nossa palma aponta quando geramos o sinal. Existem seis tipos de direções das mãos: para cima e para baixo, para dentro (em direção ao corpo do sinalizador) e para fora, para os lados (SILVA, 2020). As figuras abaixo apresentam diferentes orientações das mãos. A Figura 4, por exemplo, apresenta as maneiras possíveis de reproduzir o sinal com a palma da mão direcionada para cima ou para baixo. Um exemplo de sinal que pode ser feito a partir dessa orientação é ALGUM/ALGUNS/QUANTOS em Libras, em que a palma da mão se encontra direcionada para cima.

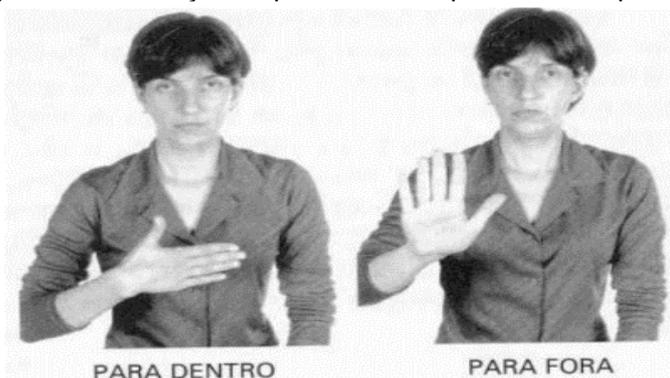
**Figura 4** – Orientação da palma da mão para cima e para baixo



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 59).

A Figura 5 apresenta a possibilidade de a orientação da palma da mão ser tanto para dentro (direcionada para o corpo), quanto para fora (direcionada para o espaço localizado à frente do corpo). Essa orientação permite ao indivíduo produzir um sinal como o EXPLICAR, em que a palma da mão está direcionada para dentro, ou seja, para o corpo.

**Figura 5** – Orientação da palma da mão para dentro e para fora



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 60).

A Figura 6 exibe a orientação da palma da mão apontar para as laterais, ou seja, lado esquerdo ou direito. Essa posição permite ao indivíduo realizar o sinal para CALADO em Libras, em que a mão se encontra direcionada para a esquerda.

**Figura 6** – Orientação da palma da mão para ambos os lados



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 60).

#### 1.4.1.5 Expressões não manuais – corporal e facial

Passos (2014) explica que Expressões Não Manuais (ENM) correspondem a movimentos da face (sobrancelhas levantadas ou franzidas, pressionar a língua contra a parte inferior da bochecha, franzir o nariz, lábios salientes ou não, olhos arregalados), da cabeça (movimentando para trás e para frente, para frente, para os lados, para trás ou para frente) ou do tronco (para trás, para frente, balanceamento simultâneo ou alternado de um único ombro ou de ambos).

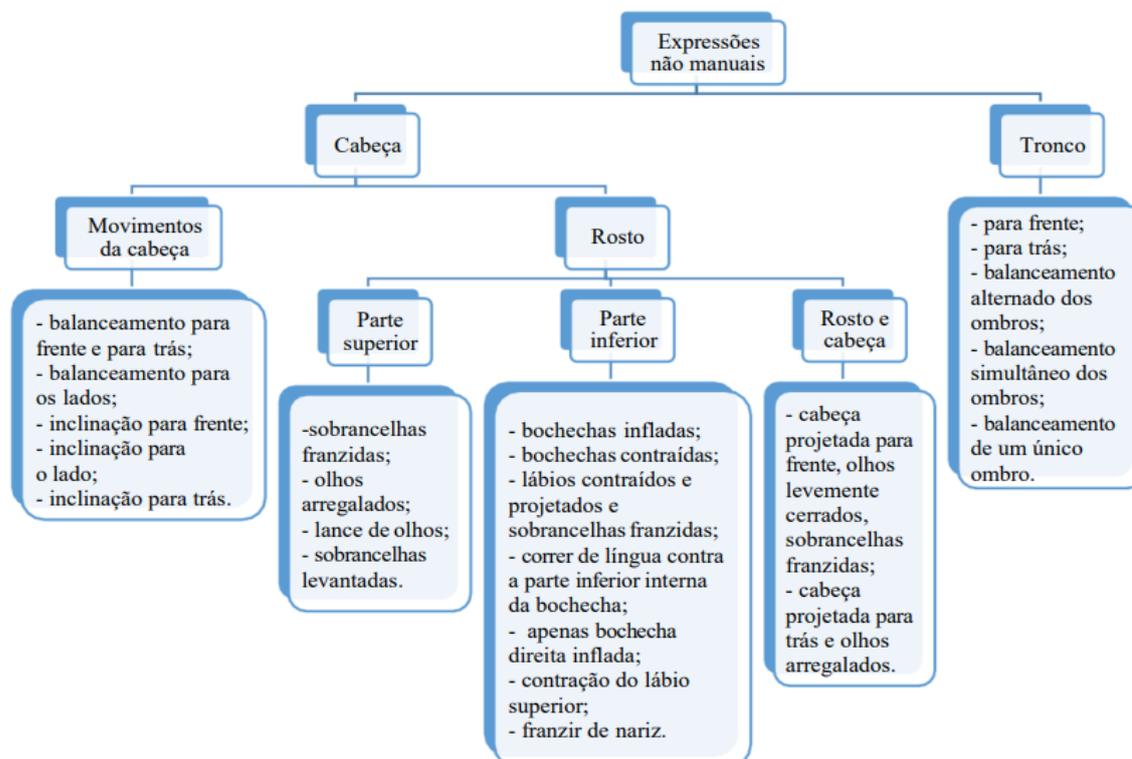
Quando o falante de uma língua oral perde a comunicação verbal em alguma situação patológica ou acidental, muitas vezes, a comunicação humana por meio do ENM é o recurso restante. ENM é uma ponte entre uma pessoa que realmente perdeu “a palavra” e o mundo ao seu redor. As ENMs também surgem quando

falantes de línguas diferentes, menos proficientes na língua-alvo, precisam se comunicar. ENM inclui movimentos da face, cabeça e tronco durante a execução de línguas de sinais (SOUZA, 2020).

As ENMs desempenham diferentes funções em Libras, por exemplo: marcação de questões relacionadas a “sim/não”; questões relacionadas a palavras ou iniciadas por QU- (quem, que, quando); concordância; topicalizações; referência pronominal ou específica; prosódia, advérbios, etc. (PASSOS, 2014).

Nas línguas de sinais, as ENMs, em especial as expressões faciais têm a função de expressar emoções e marcar estruturas sintático-lexicais. A Figura 7 apresenta um fluxograma, mostrando que dentro do seguimento de cada articulador não manual existem diversas expressões.

**Figura 7 – Expressões Não Manuais da Libras**



Fonte: Souza (2020, p.37).

Embora a compreensão de alguns sinais só possa ser prejudicada pela falta de expressões faciais correspondentes, o significado de alguns sinais pode ser completamente alterado pela falta de expressões faciais corretas. Um exemplo são os gestos de “silêncio” e “calar a boca”, que são realizados com os mesmos pontos articulares, configuração e orientação das mãos.

ENMs também podem ser usadas como classificadores, ou seja, expansões do significado do sinal, imprimindo conceitos como quantidade ou intensidade. Além

disso, as expressões faciais e corporais, sinais não manuais, são elementos da estrutura sintática dos marcadores de Libras, simbolizando conceitos de pontuação.

### 1.5 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF)

A LSF é uma teoria linguística que surgiu no século XX, principalmente pelas contribuições do linguista britânico Michael Halliday e seus colaboradores. Seu desenvolvimento foi uma resposta crítica às abordagens estruturalistas predominantes que priorizavam aspectos formais e sintáticos da linguagem, deixando de lado o contexto e a função comunicativa (HALLIDAY; HASAN, 1989).

As origens da abordagem remontam às décadas de 1950 e 1960, quando Halliday começou a desenvolver suas ideias. Influenciada por teorias linguísticas anteriores, como a gramática funcional de Simon Dik e as ideias da antropologia social de Bronislaw Malinowski, a LSF propôs uma nova perspectiva centrada na função comunicativa da linguagem e seu funcionalismo sistêmico.

Essa teoria entende a linguagem como um meio para a comunicação, sendo cada escolha linguística realizada pelo falante direcionada a uma função comunicativa específica que atende às necessidades do contexto comunicativo. A forma e o significado da linguagem são indissociáveis; e estão intrinsecamente ligados. A forma linguística é utilizada para construir significado em um determinado contexto, e o significado, por sua vez, depende da forma em que é expresso (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

A abordagem sistêmico-funcional identifica três metafunções que descrevem como a linguagem é utilizada para criar significado. A metafunção ideacional trata da representação do mundo real, incluindo processos, ações, eventos e estados. A metafunção interpessoal está relacionada à interação social, envolvendo funções como dar comandos, fazer perguntas e expressar desejos. A metafunção textual diz respeito à organização e coesão do discurso, garantindo que a linguagem seja coesa e coerente para o ouvinte ou leitor (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

A variação linguística também é reconhecida e valorizada pela teoria sistêmico-funcional, sendo considerada uma resposta aos diferentes contextos sociais e comunicativos. A escolha das estruturas linguísticas pode variar conforme o gênero textual, o nível de formalidade, a situação de comunicação e outros fatores socioculturais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). A contextualização social e

cultural é essencial para a compreensão completa da linguagem. A mesma expressão linguística pode ter significados diversos em contextos diferentes, e o significado é co-construído pelos participantes da comunicação. A seguir, verificaremos a estrutura e organização do sistema linguístico para, nas seções subsequentes, abordarmos a realidade das línguas sinalizadas.

Para isso, focaremos a metafunção ideacional da língua na identificação e descrição de semelhanças e diferenças na representação da experiência de dois grupos linguísticos (surdos urbanos, e surdos indígenas aldeados – Terenas). Ademais, as diferenças e semelhanças entre a Libras e a Língua Terena de Sinais considerarão, paralelamente, as metafunções interpessoal e textual para descrição de outros aspectos relevantes na construção da experiência na modalidade visual-espacial, fornecendo elementos esclarecedores de como essa linguagem funciona. Para tanto, grande enfoque será dado às variações linguísticas.

### *1.5.1 Estrutura e organização do sistema linguístico*

A estrutura e organização do sistema linguístico são aspectos fundamentais da LSF. Essa teoria reconhece que a linguagem é composta por diferentes sistemas interconectados, cada um desempenhando um papel específico na construção do significado. Vamos explorar alguns dos sistemas linguísticos presentes na LSF, como o sistema de transitividade, modalidade e avaliatividade (HALLIDAY; HASAN, 1989), ainda que o sistema da transitividade seja aquele mais considerado nesta tese, por sistematizar a construção da experiência.

#### *1.5.1.1 A metafunção ideacional*

De acordo com Halliday (1994), a metafunção ideacional (na LSF) refere-se à função da linguagem que está relacionada à representação do mundo, ou seja, como a linguagem é usada para construir e transmitir significados sobre experiências, eventos, objetos e relações no mundo real. Essa metafunção lida com a maneira como o significado é organizado e expresso nas estruturas gramaticais e lexicais da linguagem e seu principal sistema é o sistema da transitividade.

Gouveia (2009), interpretando Halliday, esclarece que o sistema da transitividade trata da maneira como os processos são representados na linguagem em relação a seus participantes. Os processos podem ser verbais ou relacionados a

outras classes de palavras, como nomes e adjetivos. Essa representação envolve a noção de transição de energia ou informação de um participante para outro.

Dentro desse sistema, os elementos gramaticais, como verbos e complementos são analisados em termos de sua capacidade de expressar diferentes tipos de processos e relações entre os participantes envolvidos. Por exemplo, a transitividade pode variar de processos intransitivos, com apenas um participante (ex.: “ele correu”) a processos transitivos, com dois participantes (ex.: “ele pegou a bola”).

De acordo com Halliday e Mathiessen (2013), há seis processos principais descritos no sistema da transitividade, sendo eles três processos principais que possuem a função de interpretar ações da linguagem como atos representacionais, como Relacional, Mental e Material; e outros três processos secundários: Verbal, Existencial e Comportamental que medeiam os processos anteriores, os influenciam e são influenciados principalmente pelo impacto desses processos. A seguir, apresento um breve resumo sobre cada um dos processos apresentados por Henriques e Souza (2020), com base nos pressupostos de Halliday (1994) e Halliday e Mathiessen (2013):

a) Relacional: os processos relacionais funcionam estabelecendo conexões entre entidades e são processos que destacam o verbo “ser” à medida que atuam sobre o significado gerado pelo “estado de ser”.

O processo relacional corresponde à configuração de identificação ou de caracterização, em outras palavras, de Identificação (relacionando entre si atores Identificador e Identificado, bem como Valor e Característica) ou de atribuição de propriedades (Atributo) a um participante (Portador) (BARBEIRO, 2022). A principal diferença entre atribuição e identificação é aquela entre pertencimento a uma classe e simbolismo. Portanto, os atores envolvidos no processo relacional são o Identificador e Identificado, o Atributo e o Portador (CABRAL, 2015).

Na atribuição, o verbo “ser” é geralmente empregado, mas também são usados verbos atribuídos como “ser”, entre eles: ficar, aparecer, manter, reter, resultar, sentir, soar, ser, virar, etc. No processo relacional atributivo como em “a religião protestante é bem dividida”, aparecem, nessa oração, dois participantes: o Portador (a religião protestante), que é a entidade a quem são atribuídas as qualidades, e o Atributo (dividida)<sup>2</sup>, que expressa a qualidade da atribuição.

---

<sup>2</sup> Na oração, “bem” é um item intensificador (Modalidade), analisado pela metafunção interpessoal.

Na oração com processo relacional identificador, há dois participantes, um dos quais tem identidade definida, como percebe-se em “religião é doutrina”. O processo relacional Identificador “é” envolve participantes, identificando uma entidade em relação a outra entidade. Portanto, existe uma categoria mais geral chamada Característica (religião), e outra categoria mais específica chamada Valor (doutrina); ainda pode-se nomeá-los como Identificador e Identificado para indicar que há informações novas e que essas informações já foram fornecidas. Nesse padrão relacional, costuma-se utilizar o verbo “ser”, mas outros verbos também podem realizar o processo relacional (FRUTUOSO *et al.*, 2019).

Na oração relacional identificativa, cada participante receberá um rótulo “duplo”. Em outras palavras, pode ser caracterizado como Identificador-Valor; Identificador-Característica; Identificado-Valor ou Identificado-Característica. Assim, um processo relacional pode apresentar as seguintes combinações de participantes: Identificado-Valor/ Identificador-Característica ou Identificado-Característica/ Identificador-Valor. Isso acontece porque, segundo os teóricos, os rótulos referem-se a duas metades de um mesmo elemento.

Quanto às diferenças entre os participantes, o Identificado é a entidade reconhecida com base no Identificador, enquanto é o foco da frase que determina a classificação adequada, e esse foco pode até ser inferido a partir de características como a entonação. Noutra par, pode ser descrito como uma diferença estratificada, entre “expressão” relacionada às características e “conteúdo” relacionado a valor (DAVILA; RODRIGUES, 2014).

Uma forma de diferenciar processos relacionais atributivos e identificativos é pela reversibilidade do processo. No caso dos Identificativos, podem ser invertidos e o significado permanecerá semelhante; por outro lado, o mesmo não acontece com os Processos Relacionais Atributivos, nos quais a inversão pode levar a sentenças agramaticais, como apresentado no quadro 1.

**Quadro 1** – Reversibilidade no Processo Relacional Identificativo

Processo Relacional Identificativo - <i>Sentido não comprometido</i>	
Religião é doutrina	Doutrina é religião
Processo relacional atributivo - <i>Sentença agramatical</i>	
A religião protestante é bem dividida	Bem dividida é a religião protestante

Fonte: Halliday (1994)

b) Mental: Os processos mentais envolvem as experiências subjetivas do sujeito baseadas em suas experiências do mundo interno. Os participantes desses processos são chamados de Experienciadores (seres conscientes no discurso) e Fenômenos (aquilo de que se tem consciência).

Os Processos Mentais podem se subdividir em quatro tipos: emotivos, cognitivos, perceptivos e desiderativos. Assim sendo, os emotivos, como o próprio nome já diz, são usados para expressar as emoções; os cognitivos referem-se à cognição humana; os perceptivos estão ligados aos sentidos (visão, olfato, audição, etc.); e, por fim, os desiderativos são relacionados aos desejos, interesses e vontades. O quadro 2 a seguir, exemplifica os subtipos de processos mentais.

**Quadro 2** – Processos mentais

<b>Processos mentais</b>	<b>Expressam</b>	<b>Exemplos</b>
Emotivos	As emoções	Adorar, gostar, amar, apreciar, curtir, odiar, detestar, abominar e rejeitar.
Cognitivos	A cognição	Pensar, acreditar, esperar, considerar, conhecer, saber, apreciar, imaginar, pensar, lembrar, esquecer, adivinhar e duvidar.
Perceptivos	Os sentidos	Perceber, sentir, ver, ouvir, saborear, escutar e cheirar.
Desiderativos	Os desejos, as vontades e os interesses	Querer, desejar, decidir, resolver, concordar e recusar,

Fonte: Costa (2018)

Nota-se que os processos mentais nem sempre são complementados pelos próprios fenômenos. Muitas vezes, a conclusão é realizada por meio da previsão de sentenças do tipo relato ou citação, como é o caso dos processos desiderativos e cognitivos (COSTA, 2015). O quadro 3 apresenta exemplos dos processos mentais.

**Quadro 3** – Exemplos de processos mentais e participantes

<b>Processos Mentais</b>	<b>Exemplos</b>
Perceptivos	(Eu – Experienciador) <u>vejo</u> (Processo Mental) <i>a felicidade nas coisas pequenas e mais simples da vida</i> (Fenômeno).
Cognitivos	(Eu – Experienciador) <u>sei</u> (Processo Mental) <i>viver (= isso, Fenômeno)</i> .
Desiderativos	(Eu – Experienciador) <u>desejo</u> <i>conhecer uma mulher</i> (Fenômeno).
Emotivos	<i>Eu</i> (Experienciador) <u>detesto</u> <i>traição</i> (Fenômeno).

Fonte: Halliday (1994)

c) Material: são processos pelos quais uma entidade realiza acontecimentos fatídicos, eventos e ações concretas. Neste processo, o participante (que realiza a ação) é denominado Ator, que é determinado por um sintagma nominal

com função sintática de expressão do sujeito. A Meta é o participante contra o qual a ação realizada pelo Ator é dirigida. Outros Participantes comuns nesse tipo de processo são o Beneficiário, o Atributo e o Alcance (ou Escopo).

O Beneficiário é considerado o participante que possui um benefício do processo e não está necessariamente relacionado a receber algo positivo. Os Beneficiários podem ser classificados como Clientes (quando recebem serviços do Ator) ou Recebedores (quando recebem bens materiais, transmitidos pelo Ator). Para esta tese, será adotada a denominação geral de Beneficiário. O Alcance (ou Escopo) equivale a uma extensão constitutiva do Processo Material, como em “jogar *um jogo*”.

Já o Atributo consiste em uma particularidade a um dos integrantes da oração. Ainda que sejam comuns em sentenças relacionais, às vezes o Atributo também pode aparecer em orações materiais, onde podem ser classificados de duas maneiras: resultativo e descritivo. O Atributo resultativo é usado para estruturar um estado qualitativo decorrente do Ator ou da Meta após a conclusão do processo, enquanto o Atributo descritivo é usado para avaliar o estado em que o Ator ou a Meta se encontra ao se tornar parte do processo (FUZER; CABRAL, 2014).

d) Verbal: Os processos verbais envolvem aqueles formados a partir do verbo *dicendi*: dizer, falar, contar. Seus Participantes centrais são: o Dizente (participantes inerentes que falam, apontam algo, comunicam); o Receptor (participante opcional a quem se dirige o Processo Verbal) e a Verbiagem (o conteúdo do que é dito, a mensagem).

e) Existencial: os processos Existenciais representam algo que existe ou acontece. O único participante desse processo é o Existente e a realização desta experiência se dá, geralmente, em português, pelos verbos haver, ter e existir. (MOREIRA, 2015).

f) Comportamental: esses processos são responsáveis pela estruturação do comportamento humano e incluem atividades mentais, como assistir e ouvir, e atividades verbais, como focar e conversar. Ressalta-se ainda que esses processos são obrigatórios para um Participante consciente, o Comportante e, opcionalmente, o Participante denominado Fenômeno.

Ressalta-se que, assim como afirmam Cabral e Barbara (2015), os processos comportamentais são os intermediários entre os mentais e os materiais e são considerados os menos discretos. Entretanto, é um processo capaz de causar equívocos, por possuir atividades de características fisiológicas e psicológicas. Dessa

forma, poucos processos podem ser vistos como comportamentais, como rir, a título de exemplo.

Os processos de comportamento psicológico e fisiológico considerados tipicamente humanos, como encarar, sonhar, tossir, rir, sorrir e respirar, representam atividades psicológicas internas, como por exemplo “eles estão pensando” e manifestações de funções fisiológicas internas “eles estão tossindo”. Além disso, é preciso ressaltar que a característica predominante do processo comportamental é ter apenas um participante (Comportante), que é basicamente um indivíduo consciente. Tal fato enquadra os processos comportamentais em intransitivos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Com efeito, os processos comportamentais específicos são os que nos subtipos combinam características semânticas próximas da consciência ou da materialidade. Entre os subtipos de processos comportamentais, existem os que se aproximam dos processos comportamentais verbais, que são formas verbais que expressam comportamento e processos fisiológicos, referindo-se a estados de consciência e processos fisiológicos comuns aos humanos (CABRAL; BARBARA, 2015).

É preciso ressaltar uma particularidade importante verificada por Cabral e Barbara (2015), que é a capacidade de projetar um discurso indireto. Os processos comportamentais aparecem frequentemente em narrativas ficcionais, com a fala direta introduzida como um recurso para vincular ações aos processos de fala, visando à expressão de atitudes, emoções ou gestos de acompanham o ato de falar.

Além de processos e participantes, na Metafunção Ideacional da Linguística Sistêmico-Funcional, as circunstâncias funcionam como elementos adicionais que fornecem informações contextuais ou descrevem as condições nas quais um processo ocorre (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2013). Elas são comparáveis aos adjuntos adverbiais na gramática tradicional, detalhando como, onde, quando, por que, com quem, e até que ponto um evento acontece ou uma ação é realizada. As circunstâncias são fundamentais para entender o cenário em que ocorrem as ações ou os eventos, permitindo uma representação mais rica e detalhada da experiência. Existem diferentes tipos de circunstâncias, cada um especificando um aspecto diferente da situação descrita. Os principais tipos incluem (exemplos em itálico):

- Modo: descreve como algo é feito ou acontece. Exemplo: “Eles discutiram *calmamente*.”

- Lugar: indica onde algo ocorre. Exemplo: “Ela mora *em Nova York*.”
- Tempo: especifica quando algo acontece. Exemplo: “Nós nos encontraremos *na próxima semana*.”
- Causa: explica por que algo acontece, podendo ser dividida em causa, motivo ou finalidade. Exemplo: “*Devido à chuva*, o jogo foi cancelado.”
- Companhia: indica com quem algo é feito. Exemplo: “Ele foi ao cinema *com seus amigos*.”
- Matéria: refere-se ao assunto ou conteúdo de uma ação. Exemplo: “Ela escreveu um artigo *sobre mudanças climáticas*.”
- Âmbito: define a extensão ou limites de uma ação ou evento. Exemplo: “Somente em casos raros, *a regra não se aplica*.”
- Meio: descreve o instrumento ou meio pelo qual uma ação é realizada. Exemplo: “Ela cortou o papel *com uma tesoura*.” (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2013).

As circunstâncias são essenciais na representação de significados na metafunção ideacional, pois fornecem um contexto detalhado que enriquece a compreensão dos eventos e ações dentro de uma declaração ou narrativa. Isso posto, nesta tese, para analisar a representação da experiência, apoio-me nesse Sistema de Transitividade, que elenca os processos como categorias, os participantes como delimitadores e as circunstâncias como refinamentos de campo de interpretação, uma forma pela qual as pessoas podem ver o mundo material e subjetivo do sujeito enquanto são expostas às representações desse mundo empírico, produzidos por meio de suas escolhas linguísticas.

O Quadro 4, a seguir reúne cada um dos processos, suas características principais com exemplos e seus participantes.

**Quadro 4** – Os processos da transitividade, seus participantes e circunstâncias

Processo	Características/Exemplos	Participantes		C I R C U N S T Â N C I A S
1. MATERIAL (Fazer) O que x fez?	<b>Criativo</b> (fazer cesta) <b>Dispositivo</b> (matar rato) <b>Causativo</b> (fez carregar).	<b>Ator</b>	<b>Meta</b> (busco frutas) <b>Alcance</b> (fiz trabalho) <b>Beneficiário</b> (busco frutas para ele)	
	<b>Exemplos de Perguntas:</b> “o que você faz para ajudar a natureza?”; “como esse animal (imagem) cuida dos filhos?”; “descreva esta cena (imagem de animal caçando)”, etc.			
2. COMPORTAMENTAL	<b>Perto do mental:</b> olhar, escutar, encarar, pensar, preocupar-se, sonhar	<b>Comportante</b>	<b>(Alcance).</b> [Veja abaixo]	

[Entre material e mental] (Comportamento fisiológico e psicológico)	Perto do verbal: murmurar, tagarelar, resmungar <u>Fisiológicos:</u> ( <i>Manifestação do estado de consciência</i> ): gritar, rir, suspirar, amarrar a cara, grunhir, gemer ( <i>Outros físicos</i> ): respirar, tossir, desmaiar, dormir, bocejar, <u>Perto do material:</u> cantar, dançar, deitar, sentar	(Em geral ser consciente e 1 só)		T O K E N  V A L U E
<b>Exemplos de Perguntas:</b> “qual a sua rotina quando você vai pescar?”; “como você trata os animais?”; “você se preocupa com a natureza?”, etc.				
3. MENTAL (Sentir-gostar-pensar)	<u>Like-type</u> (gostar de algo) (reversível) <u>Please-type</u> (algo agrada) (reversível) <b>Percepção</b> (ver, ouvir) <b>Afeto</b> (gostar, temer) <b>Cognição</b> (pensar, saber entender)	<b>Experienciador</b> (Humano)	<b>Fenômeno</b> (Alcance)	Pode projetar (ao contrário do material) Eu achei <b>que ele iria.</b> Lula disse <b>que faria...</b> )
<b>Exemplos de Perguntas:</b> “você já viu uma onça?”; “de que animal você mais gosta?”; “o que você pensa sobre derrubar árvores?”, etc.				
4. EXISTENCIAL (existir - acontecer)	Haver, existir, permanecer, surgir, ocorrer, acontecer, florescer	<b>Existente</b>		
<b>Exemplos de Perguntas:</b> “Tem algum predador onde você mora?”; “de onde vem a fumaça na floresta?”; “que planta rara existe onde você mora?”, etc.				
5. RELACIONAL ( <b>ser</b> ) [Também: ter - estar] Tenho cachorros. Estou em casa.	<b>INTENSIVO</b> (x é a) <u>Atributivo</u> (ela é bonita) <u>Identificador</u> (aquele é você) <b>CIRCUNSTANCIAL</b> (x está em a) <u>Atributivo</u> Como atributo (A piada é de gato) Como processo (O peixe pesa 1kg) <u>Identificador</u> Como participante (Hoje é dia 10) Como processo (A ponte cruza o rio) <b>POSSESSIVO</b> (x em a) <u>Atributivo</u> Como atributo (O cavalo é de Pedro) Como processo (Pedro tem um cavalo) <u>Identificador</u> Como participante (O boi é de Edu) Como processo (Edu possui bois)	<b>Portador</b>  <b>Identificado</b>	<b>Atributo</b>  <b>Identificador</b>	
<b>Exemplos de Perguntas:</b> “Que animal você acha bonito?” (Intensivo atributivo); “que planta é essa (imagem de planta)? (Intensivo identificador); “onde está o rio?”; “você tem animais?”; “que animais você tem?”; etc.				
6. VERBAL ( <b>dizer</b> )	<b>Participantes</b>			

	Eu (disse) uma coisa para ele				
Dizer, contar, perguntar, prometer, descrever, dar ordem, fazer afirmação, elogiar, insultar, amaldiçoar, criticar	<b>Dizente</b> <u>Eu</u> disse que		<b>Verbiagem</b> (o que é dito): a) <b>conteúdo</b> Descreva <u>o</u> <b>apto.</b> b) <b>nome do dito</b> Fazer <b>perguntas.</b>	<b>Receptor</b> Diga- <u>me</u> tudo.	<b>Alvo</b> Ela elogia <u>o</u> <b>filho</b> para seus amigos. (Insultar, caluniar, lisonjear, criticar
<b>Exemplos de Perguntas:</b> “o que você diria para quem destrói a natureza?”; “quem disse para você cuidar dos animais? “O que falam na TV sobre a Amazônia?”; etc.					

**Quadro 5 - Outros participantes**

<b>Beneficiário</b> (Recipiente ou Cliente)	Comprar peixe <u>para a esposa</u>	Fazer comida <u>para você</u>
	Beneficiário	Cliente
<b>Alcance</b> (Escopo do processo)	(i) expressa domínio: Ela subiu <u>a montanha</u> (ii) expressa o próprio processo: Maria sonha <u>sonhos</u> /joga <u>tênis</u>	<u>Com processo material</u> : assinar <u>nome</u> , montar <u>o cavalo</u> , Seguir <u>exemplo</u> <u>Com processo comportamental</u> : chorar <u>lágrimas</u> <u>Com processo mental</u> : preferir <u>café</u> , reconhecer <u>rostos</u> <u>Com processo verbal</u> : fez <u>discurso</u> , <u>que pergunta quer fazer?</u>
<b>Exemplos de Perguntas:</b> “quem ganha com a destruição da mata?”; “quem compra animais silvestres? “Você monta a cavalo?”; etc.		

Fonte: Halliday (1994)

Considerando que a LSF foi desenvolvida a partir da análise de línguas naturais de tradição faladas e escritas, a próxima seção discutirá a aplicação da metafunção ideacional da teoria em línguas visuais-espaciais.

### 1.5.1.2 A metafunção ideacional nas línguas viso espaciais: segundo Rudge (2018), Língua Britânica de Sinais (BSL)

Para este estudo será usada como base a tese do Professor Luke Rudge (RUDGE, 2018), sendo a análise realizada na Língua Britânica de Sinais (BSL). Ressalta-se que, uma vez que não há estudos análogos aplicados à Libras, os resultados encontrados nesta pesquisa podem ser diversos considerando as particularidades dessa língua.

No estudo de Rudge (2018), as três metafunções são descritas nos padrões da BSL, no entanto, na presente tese, enfatizamos o caráter comparativo de dois grupos de pessoas falantes de Libras e distinções na realização da experiência dos mesmos.

Assim, os processos materiais e mentais são enfatizados, no sentido de compreender as realizações da experiência interna e externa dos falantes. Os demais processos poderão também ser analisados caso surjam nas respostas dos entrevistados, entretanto, o foco das perguntas incidiu nas representações associadas aos processos mentais e materiais.

Rudge (2018) afirma que a metafunção experiencial faz parte das dimensões descritivas de uma língua, sendo de se esperar que diferentes línguas realizem lexicogramaticalmente domínios de experiência de maneiras distintas. O autor refere-se a seis tipos de processos apresentados em um tripartido de pares: processos verbais e mentais como “projetar”; comportamentais e materiais como “fazer”; e existenciais e relacionais como “ser”. Além disso, dá destaque ao material, mental, relacional e processos verbais, agrupando processos comportamentais e existenciais como partes dos outros quatro processos. O autor também identifica quatro tipos principais de processos: material, mental, relacional e verbal. Nesta tese, como já antecipado, destacaremos os processos materiais e mentais.

No entanto, o autor defende que a natureza de certos verbos em BSL significa que a interpretação “intermediária” não pode ser aplicada, pois sempre haverá um Agente declarado por meio de elementos visuais-espaciais (RUDGE, 2018). Os elementos visuais-espaciais da BSL e como os grupos verbais podem ser realizados lexicogramaticalmente (ou seja, verbos simples, verbos indicativos, ação construída etc.), criam outro nível de complexidade que deve ser entendido com mais detalhes antes de estabelecer como a transitividade e a ergatividade podem interagir.

O autor afirma que é possível analisar produções em BSL a partir de uma perspectiva experiencial. Apresenta a noção de metafunção experiencial entendida a partir da perspectiva sistêmico-funcional, e como a lexicogramática de uma linguagem (seja fenotípica ou criptotípica) pode codificar informações que refletem a experiência. Além disso, a natureza visual-espacial da BSL requer que todas as partes componentes dos sinais sejam observadas para compreender completamente o que é comunicado a partir da perspectiva experiencial. Em outras palavras, características manuais, não manuais e espaço-cinéticas têm, cada uma, o potencial de carregar valores específicos de processo, participante e circunstância.

Em alguns casos (por exemplo, processos materiais) existem níveis de similaridade com aqueles encontrados em outras gramáticas funcionais e sistêmicas, mas outras áreas (por exemplo, processos relacionais) apresentam níveis adicionais

de complexidade e “singularidade” com base na natureza da BLS. O autor também esquematizou uma rede de sistema de circunstância para mostrar os elementos circunstanciais que observou no seu conjunto de dados, como estes podem ser realizados e a intersecção de circunstância e processos relacionais circunstanciais.

Por fim, Rudge (2018), ressalta que os sistemas mencionados em seu estudo, num conjunto preliminar de redes simultâneas relativas à metafunção experiencial, tal como acontece com os sistemas interpessoais, são extensíveis uma vez que mais dados são analisados, e estão certamente abertos à adição de sistemas simultâneos adicionais (por exemplo, o sistema de *aspect* no que diz respeito ao modelo ergativo). Rudge (2018) utilizou essa combinação de sistemas para apresentar a análise de uma amostra de vinte e seis (26) processos do seu conjunto de dados, com comentários adicionais quando apropriado.

O tópico abaixo, apresenta detalhes de cada um dos processos explicados pela perspectiva de análise da BSL.

#### *1.5.1.3 Processos Materiais*

Para Thompson (2014), os tipos de processos mais notáveis são aqueles que envolvem ação física: correr, arremessar, coçar, cozinhar, sentar, etc. Estes são chamados de processos materiais. A definição tradicional de verbo é “uma palavra que faz alguma coisa”, o que descreve bem esse tipo de processo. Em seu estudo sobre a BSL, o professor Rudge (2018) afirma que os processos materiais incluem o uso de sinais totalmente lexicais, como “abrir, crescer, saltar, andar, pintar, pegar e fazer”, bem como sinais lexicais parciais e outras estratégias discursivas (por exemplo, estruturas representacionais). Mais de um terço dos processos do estudo de Rudge são classificados como materiais, e cada oração contém pelo menos um participante, o “executor” do processo: o Ator.

Na sinalização, a implementação de disposições substantivas é afetada pelo foco na comunicação, conforme mostrado no sistema de “foco comunicativo”. Se o foco estiver nas trajetórias de deslocamento dos Participantes ou Atores, as orações formam estruturas representacionais de movimento. Se o foco estiver em uma ação corporal específica de um dos participantes, essa ação será executada como uma ação construída. Caso contrário, as orações materiais usam símbolos verbais totalmente lexicais (Rudge, 2018). O “executor” de tais ações é chamado de Ator:

qualquer processo material tem um Ator, mesmo que esse Ator não seja realmente mencionado na oração. Como explicado anteriormente, os processos materiais podem ser divididos entre aqueles que representam ações que envolvem apenas Atores e aqueles que também afetam ou estão sendo executados “sobre” outros participantes. O segundo participante recebe o nome de Meta, porque a ação é direcionada de alguma forma a esse participante. Estes rótulos para os atores podem ser mais fáceis de compreender quando os Atores são humanos e a Meta (se presente) é inanimada (THOMPSON, 2014).

Em seu estudo, Rudge (2018) ressalta que o número de participantes também afeta a composição dos processos materiais. Nesse sentido, dois ou mais participantes introduzem maior complexidade na sinalização e requerem mais informação semântica. O quadro 6 exibe um exemplo de processo material básico com dois participantes, de acordo com os materiais do conjunto de dados do estudo de Rudge (2018). Ainda que a Meta seja dividida pelo “Pr: material”, o processo também pode ser inserido ao final, sem modificar seu sentido. O Ator é determinado por um sinal de apontamento (indicando o falante, isto é, a primeira pessoa), recurso comum nas línguas sinalizadas.

**Quadro 6** – Exemplo de processo material básico com dois participantes<sup>3</sup>

<b>Manual</b>	PT:PRO1SG	CARRO	COMPRA	PT-DET
<b>Experimental</b>	Ator	Me-	Pr: material	-ta
<b>Tradução</b>	“Eu comprei aquele carro.”			
<b>Vídeo</b>	<a href="https://youtu.be/w7-PxhrXM8w?si=jxY1hA8GL8tKP601">tinyurl.com/bslsfl5-1</a>			

Fonte: Rudge (2018, p. 166)<sup>4</sup>.

### 1.5.1.4 Processos Mentais e Verbais

De acordo com Rudge (2018, p. 168), os processos mentais são aqueles que estruturam os processos da consciência, ao contrário dos processos materiais que estruturam o mundo externo. Os verbos mentais na BSL compreendem processos

<sup>3</sup> No exemplo, as siglas correspondem ao original, em inglês: PT (*pointing sign*) – sinal de apontamento, PRO (*pronoun*) – pronome, 1SG (*first person, singular*) – primeira pessoa do singular.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://youtu.be/w7-PxhrXM8w?si=jxY1hA8GL8tKP601>. Acesso em jun. 2022

como saber, pensar, querer e gostar, ao passo que também englobam os processos verbais, como responder, dizer, assinar e perguntar.

O autor optou por abordar os processos mentais e verbais juntos uma vez que suas respectivas redes de sistema se relacionam. Ambos os processos mentais e verbais se iniciam com um participante: o Dizente e o Experienciador, respectivamente. O Dizente é o participante que se relaciona de maneira direta com o chamado processo consciente expresso, já o Experienciador é o participante que faz parte da comunicação, sendo de maneira visual, escrita ou verbal (RUDGE, 2018).

Seguindo, Thompson (2014) defende que os processos mentais formam uma categoria semântica viável: há uma distinção clara entre o que acontece no mundo externo e o que acontece no mundo interno da mente; há muitos verbos referentes a esses processos mentais (e.g. pensar, imaginar, gostar, querer, ver). Ademais, os termos Ator e, em menor grau, Meta parecem insuficientes como rótulos para os participantes nesses processos. Em contrapartida, os processos verbais possuem a gramática um pouco mais simples. Eles são mediadores entre os processos mentais e materiais: dizer algo é uma ação física que reflete uma operação mental. Num extremo, os processos verbais podem ser representados como facilmente adaptáveis a uma série de processos materiais.

Uma complexidade adicional pode ser percebida em sentenças verbais porque esses processos estabelecem experiências internas para externas no que diz respeito a outros participantes. A oração verbal deve, portanto, escolher mais duas alternativas: se a comunicação é dirigida ao destinatário, acrescentando assim o destinatário; e se a comunicação é “dirigida” verbalmente a alguém (como crítica ou elogio), adicionando um Alvo, ou se é com o objetivo de difundir mais informações (RUDGE, 2018).

Vários aspectos da ação física ou propósito mental podem ser codificados em processos verbais: a título de exemplo, o verbo “gritar” transmite informações sobre o volume emitido pelo falante. No entanto, os processos centrais da fala são fáceis de identificar porque todos estão associados com a transmissão de informações através da linguagem (THOMPSON, 2014).

Rudge (2018, p.169) ressalta que, caso a opção de “revelação” seja selecionada na atividade verbal, os sistemas mental e verbal ficam alinhados no sistema de Projeção. Assim sendo, de qualquer maneira a entrada na Projeção requer o acréscimo de um participante: um fenômeno mental (isto é, o que é sentido) ou de

fala (isto é, o que é dito). Se o objetivo das sentenças a partir deste ponto for prover uma ideia em uma sentença mental ou uma frase em uma sentença verbal, elas serão selecionadas para projeção, caso contrário os fenômenos/palavras serão realizados como elementos de grupos nominais. Por fim, se a projeção for um relato, o fenômeno/linguagem assume a forma de uma oração dependente, ao passo que se for uma citação, o fenômeno/linguagem será realizado como uma solicitação de diálogo construído, isto é, a personificação de dizer e sentir.

Para exemplificar, o quadro 7 apresenta um processo mental simples no qual estão presentes o Experienciador e o Fenômeno, apesar de o Fenômeno estar claramente deslocado para o início do processo, refletindo um efeito textual.

**Quadro 7** – Exemplo de processo mental simples na BSL

<b>Manual</b>	PT:POSS1SG <sup>5</sup>	PRIMEIRO	CARRO	PT:PRO1SG <sup>6</sup>	AMOR
<b>Experimental</b>	Fenômeno			Experienciador	Pr: mental
<b>Tradução</b>	“Eu amo meu primeiro carro”				
<b>Vídeo</b>	<a href="https://youtu.be/JuALvR1bJH0?si=hCYqRb3BZop5SsXT">tinyurl.com/bslsfl6-13</a>				

Fonte: Rudge (2018, p. 170)<sup>7</sup>

#### 1.5.1.5 Processos Relacionais

Segundo Rudge (2018, p.174), o processo relacional envolve condições de “ser, ter e estar em” ou análogas. As sentenças relativas em inglês operam usando dois sistemas concorrentes: modo de relação e tipo de relação. O modo de relação determina como dois participantes se relacionam entre si: “atributivo”, se uma entidade tem alguma classe atribuída ou é atribuída a alguma categoria; ou “identificativo”, se “uma entidade é usada para identificar outra entidade”.

Com relação ao tipo de relação, esses dividem-se em três elementos: codificação intensiva (existência) para relacionamentos “x é y”; codificação possessiva (ter) para relacionamentos de propriedade e posse; e circunstancial (estar em) que sistematiza as condições temporais ou locais de uma entidade.

<sup>5</sup> No exemplo, as siglas correspondem ao original, em inglês: PT (*pointing sign*) – sinal de apontamento, POSS (*pronome possessivo*), 1SG (*first person, singular*) – primeira pessoa do singular.

<sup>6</sup> No exemplo, as siglas correspondem ao original, em inglês: PT (*pointing sign*) – sinal de apontamento, PRO (*pronoun*) – pronome, 1SG (*first person, singular*) – primeira pessoa do singular.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://youtu.be/JuALvR1bJH0?si=hCYqRb3BZop5SsXT>

Thompson (2014) descreve as particularidades dos dois tipos diferentes de processos relacionais. Ao observar a oração identificativa, os participantes podem “trocar de lugar” e ainda continuar com o mesmo significado geral, fazendo qualquer alteração gramatical, como por exemplo a passivação: “David é um ator” e “O ator é David” possuem o mesmo significado, sem depender da localização dos participantes.

Contudo, em termos de atribuição, essa troca não pode ocorrer porque um participante é considerado um Portador e o outro ator é considerado o Atributo. Rudge (2018) afirma que, na BSL, as sentenças relacionais são construídas por meio da justaposição de dois grupos nominais e mudanças significativas nas características não manuais entre esses grupos para identificar o processo relacional.

O processo relacional envolve pelo menos dois participantes que o autor denomina de Índice e Aspecto. Rudge (2018, p. 174-175) define esses participantes de maneira análoga à estrutura Identificador e Identificado, bem como Valor e Característica: o Índice é o ponto “central” onde os aspectos fornecem informações adicionais, geralmente seguindo a ordem de Índice e Aspecto.

O autor utiliza esses termos por três motivos: para expressar a indefinição na referida modalidade relacional (não é nem um elemento atributivo nem um elemento identificativo, mas algo intermediário); para se resguardar da confusão com outros termos atualmente associados a diferentes padrões de modos relacionais em outras linguagens (Identificador, Identificado, Token, Valor, Portador, Atributo, etc.); e preservar um distanciamento entre os termos que se enquadram na metafunção textual (Tópico, Comentários, Dado, Novo, etc.).

Apesar do foco desta tese não incidir nos processos relacionais, estes ocorreram nas respostas da entrevista semiestruturada e, portanto, são discutidos na seção de análise. A classificação mais generalista de Índice e Aspecto será mantida.

#### *1.5.1.6 Processos Existenciais e Comportamentais*

A respeito dos Processos Comportamentais e Existenciais, o estudo do professor Rudge sobre a BSL, adverte que “outras línguas além do inglês tendem a diferir tanto na esquematização quanto no número desses tipos de processo” (RUDGE, 2018, p.181). De fato, ambos processos não foram identificados no estudo sobre a BSL, uma vez que se baseia na premissa de Matthiessen (2004, p. 600) que os entende como “categorias swing” de processos. Para Halliday e Matthiessen (2014,

p. 301), os processos comportamentais são aqueles que refletem “o comportamento fisiológico e psicológico, como respirar, tossir, sorrir, sonhar e olhar”.

No seu compêndio terminológico, Matthiessen *et al.* (2010, p. 64) apontam que os processos comportamentais também são “os menos distintos de todos os tipos de processo”, possuindo padrões de realização muito semelhantes e relações semânticas de processos mentais, materiais e verbais.

A pesquisa de Rudge indicou que esse é o caso na BSL, na qual processos que podem ser classificados como semanticamente comportamentais (ou na fronteira entre comportamental e outro tipo de processo) “não podem ser facilmente distinguidos dos padrões de realização já observados em outros tipos de processo” (RUDGE, 2018, p.182). O exemplo da figura 8 apresenta um processo prototipicamente comportamental na LSF, entendido na sua materialidade de realização como um processo material:

**Figura 8** – Análise de “Dançando” na BSL<sup>8</sup>

<b>Manual</b>	COLEGA	PT:PRO3SG	CA: DANÇANDO
<b>Experiencial</b>	ATOR		Pr: Material
<b>Tradução</b>	(Meu) colega estava dançando.		
<b>Vídeo</b>	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=H9vNVRdQbXo">tinyurl.com/bslsfl6-27</a>		

Fonte: Rudge (2018, p.182)<sup>9</sup>

Halliday e Matthiessen (2014, p.302) analisam que, ‘dançar’, em inglês, é entendido como um processo comportamental (perto do material), pois expressa “posturas corporais e passatempos”. No exemplo analisado, Rudge (2018, p.182) analisa que “o processo é expresso como uma ação construída; a personificação física do participante que executa o processo”.

Nesse sentido, na BSL, esse processo parece ser realizado como um processo material, tanto em termos de sua realização lexicogramatical, quanto pela sua construção de um ‘fazer’ experiencial, em vez de uma experiência de ‘comportamento’. (RUDGE, 2018, p.182) adverte, no entanto, que orações comportamentais podem existir na BSL, mas seriam “necessários mais dados para

<sup>8</sup> No exemplo, as siglas correspondem ao original, em inglês: PT (*pointing sign*) – sinal de apontamento, PRO (*pronoun*) – pronome, 3SG (*third person, singular*) – terceira pessoa do singular, CA (*constructed action*) – ação construída.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H9vNVRdQbXo>

investigar a possível distinção sistêmica entre tipos comportamentais e outros tipos de processo”.

Como exemplo, a sinalização de “pânico” (ação construída – alguém em pânico) apresenta uma exibição aberta de “fazer” e pode ser classificada como um processo material. Contudo, mesmo que a noção de pânico demonstre efeitos físicos, ela pode ser entendida como um processo mais mental ou, como perspectiva de análise, demonstrar um processo comportamental: um efeito mental causado pelo medo ou uma manifestação de um efeito mental em forma física. Na análise desta tese, é constatada a possibilidade de ocorrência de processo comportamental nos dados coletados, como será demonstrado na seção analítica.

#### *1.5.1.7 O sistema de Circunstância*

As circunstâncias, realizadas por adjuntos circunstanciais, codificam essencialmente o contexto em que o processo ocorre. Existem categorias estabelecidas de situações que correspondem às nossas intuições sobre as condições que ocorrem: maneira, lugar e tempo. Porém, há uma variedade de condições possíveis a considerar e não existe um conjunto de categorias universalmente acordado. Além disso, os ambientes parecem combinar dois tipos diferentes de significado (THOMPSON, 2014).

Em seu estudo, Rudge (2018) afirma que o sistema de circunstância funciona simultaneamente com o tipo de processo na sinalização. O autor ainda ressalta que o único padrão evidente entre todos os tipos de processos e os “tipos de circunstância” é o de processos relacionais circunstanciais, em que deve ser feita uma escolha entre os sistemas de localização ou extensão. Thompson (2014) afirma que, muitas circunstâncias, especialmente aquelas executadas por grupos preposicionais, podem ser consideradas orações que não chegaram a ser oracionais e desempenham um papel secundário de apoio em outra oração.

Rudge (2018) relata que identificou em seu estudo quatro categorias de circunstâncias distintas, com a principal diferença de que poderiam ser implementadas por meio de elementos manuais, não manuais ou espaço-cinéticos. De maneira breve, as quatro categorias podem ser descritas da seguinte forma:

- a extensão espaço-temporal, que envolve a frequência em que ocorre, as medidas relacionadas a distância e a duração do tempo;

- a localização espaço-temporal, que se refere a um lugar específico ou tempo;
- o modo que representa como um processo é feito e qual foi a qualidade realizada; e
- o acompanhamento, que envolve outras partes animadas e inanimadas que não constituem participantes do processo.

A seguir, um exemplo de elemento circunstancial (quadro 8).

**Quadro 8** – Exemplo de elemento circunstancial

<b>Manual</b>	TODO-DIA	PT: PRO1SG <sup>10</sup>	COMEÇO	NOVE HORAS
<b>Experimental</b>	Circ.: extensão	Ator	Pr: material	Circ.: localização
<b>Tradução</b>	“Todos os dias começo às 9 horas.”			
<b>Vídeo</b>	tinyurl.com/bslsfl6-28			

Fonte: Rudge (2018, p. 187)<sup>11</sup>

O quadro 8 apresenta uma justaposição típica entre localização e extensão. Os dois elementos circunstanciais estão relacionados ao tempo, ainda que o primeiro elemento represente por quanto tempo o processo acontece e o segundo se refira a quando o processo acontece. Esses dois elementos também são implementados como sinais manuais separados.

### 1.5.1.8 Teoria de Gênero e Registro

A criação e evolução da Teoria de Gênero e Registro (TGR), proposta por Martin (1992), baseou-se na teoria da Linguística Sistêmico-Funcional, orientada por Halliday e foi impulsionada por pesquisas educacionais envolvendo pesquisadores da chamada “Escola de Sydney”. A TGR foi concebida como uma solução para as necessidades teóricas e práticas da escola de Sydney, estabelecida na Austrália e com um grupo de trabalho que desenvolveu um programa de alfabetização de sucesso baseado em gêneros (*Reading to Learn: accelerating learning and closing the gap*), de Rose (2015). A TGR baseia-se na LSF, ampliando o foco para incluir a sistematização de contextos culturais, desde a década de 1980 – por Rothery e Plum, entre outros (BRAGA, 2019).

<sup>10</sup> No exemplo, as siglas correspondem ao original, em inglês: PT (*pointing sign*) – sinal de apontamento, PRO (*pronoun*) – pronome, 1SG (*first person, singular*) – primeira pessoa do singular.

<sup>11</sup> Disponível em : [https://youtu.be/JZs7We-0xs0?si=\\_tliXH0SrpLqUhs](https://youtu.be/JZs7We-0xs0?si=_tliXH0SrpLqUhs)

Tais pressupostos lançaram bases para uma rica tradição descritiva dos gêneros. Os gêneros passaram a ser caracterizados por sua composição esquemática e atributos léxico-gramaticais, sendo considerados processos sociais orientados por uma finalidade e estruturados em etapas. Assim, Silva (2018), explica:

Em geral, de acordo com a abordagem sistêmico-funcional, o texto é uma unidade semântica com estrutura linguística para a construção de significados a partir dos contextos de cultura e de situação. O contexto de cultura abrange os modos de vida, os costumes, os valores e as crenças pessoais. A combinação dos contextos de cultura e de situação resulta nas semelhanças e diferenças entre os textos. Contexto e texto se associam na construção dos sentidos do que é dito e escrito nas práticas (SILVA, 2018, p. 306).

Portanto, em termos linguísticos funcionais, os gêneros são caracterizados por uma associação consistente de significados que representam as práticas comuns de uma determinada cultura. De acordo com a TGR, o conceito de gênero está vinculado ao contexto cultural, enquanto o conceito de registro refere-se à dimensão contextual situacional, a qual explica a variação linguística por meio de três aspectos: Campo (o assunto ou o centro da atividade em questão), Relações (o impacto das dinâmicas de poder e solidariedade na interação) e Modo (a função da linguagem, seja ela oral, escrita ou multimodal, no discurso). A diferença entre gênero e registro é que a análise de registro é estruturada metafuncionalmente em campos, modo e relações, ao passo que a análise de gênero se concentra nas fases e etapas que levam ao propósito social da escrita. Os gêneros são compostos por registros, assim como as variáveis de registro se combinam para criar padrões linguísticos. Para Martin (1992), o gênero constitui um sistema acima de variáveis de domínio, relações e padrões de nível de registro.

Para Halliday e Hasan (1989), o gênero refere-se a tipos textuais convencionais usados em determinadas situações socioculturais e está no nível do contexto cultural. O gênero refere-se à maneira como a linguagem é usada para fazer as coisas. Eles variam de formas literárias a não literárias: transmissões de notícias, encontros de serviço, agendamentos, manuais, receitas, seminários, palestras, exposições, narrativas, poemas, entre outros. O termo “gênero” é usado aqui para abranger todo tipo de atividade linguística que constitui grande parte de nossa cultura.

Nesse sentido, para Almeida (2021), seu significado vai muito além de seu uso nos estudos literários para se referir a diferentes tipos de artes da linguagem, embora

continuem sendo um gênero. Uma das principais responsabilidades descritivas do gênero como sistema de símbolos subjacente à documentação é restringir as possíveis combinações de campos, padrões e variáveis relacionais utilizadas por uma determinada cultura.

Nenhuma cultura explora todas as combinações possíveis. No contexto das línguas de sinais, o gênero pode envolver a identificação de tipos de textos ou discursos recorrentes dentro de comunidades surdas, como narrativas pessoais, poesias em língua de sinais, aulas acadêmicas, entre outros. Cada um desses gêneros terá características estruturais distintas que facilitam uma comunicação efetiva dentro desse contexto cultural.

A análise de registro em línguas de sinais deve considerar:

(a) no Campo – o assunto ou tema do discurso influencia a escolha de sinais específicos e conceitos que são apresentados espacialmente;

(b) nas Relações – os papéis sociais entre os interlocutores podem afetar o uso de formas de respeito, a escolha de sinais, e a modulação dos sinais para expressar formalidade ou informalidade; e

(c) no Modo – o meio pelo qual a comunicação ocorre. Embora as línguas de sinais sejam predominantemente visuais-espaciais, o modo pode incluir a consideração de fatores como o uso do espaço, expressões faciais, vibrações e o movimento do corpo como recursos comunicativos.

Nesta tese, a análise estrutural e funcional utilizando a TGR pode permitir observar como a estrutura espacial é utilizada para organizar logicamente o discurso. A respeito da variação linguística, a análise de registro permite examinar como variações na situação comunicativa influenciam a escolha de sinais, estratégias de coesão, e a organização do discurso na língua de sinais. Isso inclui como os sinais são modificados ou adaptados para diferentes contextos ou propósitos comunicativos. Sobre a multimodalidade, pela natureza viso espacial das línguas de sinais, a TGR pode ser aplicada para entender como diferentes modos de comunicação (gestos, expressões faciais, uso do espaço) trabalham juntos para criar significado.

### *1.5.2 Contexto e função na Linguística Sistêmico-Funcional*

A comparação entre grupos sociais distintos é central nesta tese, uma vez que a construção da experiência pressupõe um contexto de cultura subjacente à

construção dos significados experienciais. A LSF coloca o contexto social e situacional como um fator fundamental para a produção e interpretação da linguagem. Essa abordagem entende que a linguagem não pode ser analisada isoladamente, mas deve ser examinada em seu contexto mais amplo, incluindo as características sociais, culturais e interacionais da comunicação humana (GOUVEIA, 2009).

De acordo com Gouveia, (2009), contexto social abrange diversos aspectos, como a cultura, as normas sociais, o status dos participantes, as relações de poder e a situação de comunicação. O contexto situacional refere-se ao ambiente físico e temporal em que a comunicação ocorre. Ambos os contextos influenciam diretamente as escolhas linguísticas dos falantes e a interpretação das mensagens pelos ouvintes ou leitores. Na LSF, a função comunicativa desempenha um papel crucial na determinação das estruturas linguísticas utilizadas.

Cada enunciado linguístico possui uma função específica, e essa função pode variar desde informar, questionar, persuadir, expressar emoções até estabelecer relações sociais, entre outras possibilidades. Essa função comunicativa direciona as escolhas gramaticais e lexicais feitas pelo falante, contribuindo para a eficácia da comunicação e para a construção de significado (SILVA; ESPINDOLA, 2013).

Os diferentes gêneros textuais exemplificam como a função comunicativa influencia a escolha das estruturas linguísticas. Por exemplo, um artigo científico tem a função de informar sobre pesquisas e descobertas, e, portanto, utiliza uma linguagem mais objetiva e técnica, com terminologia específica do campo de estudo. Por outro lado, uma carta de amor tem a função de expressar afeto e emoções, conduzindo a escolhas linguísticas mais emocionais e pessoais (SILVA; ESPINDOLA, 2013). Culturas diferentes devem, portanto, utilizar gêneros diferentes ou marcas de traços culturais em aspectos composicionais de gêneros comuns. Nesta tese, a cultura Terena terá, como veremos na análise, um impacto marcante na construção da experiência daqueles entrevistados.

Outro fator importante na realização da experiência é o nível de formalidade da linguagem, que é influenciado pelo contexto social e pela função comunicativa. Em situações mais formais, como discursos políticos ou documentos oficiais, é comum o uso de uma linguagem mais rebuscada e estruturas complexas que refletem a seriedade e a importância do assunto tratado. Em contextos informais, como conversas entre amigos, a linguagem tende a ser mais coloquial, utilizando expressões e gírias do dia a dia (GOUVEIA, 2009).

Diversas variáveis do contexto cultural incidem na interação, como o caso de uma entrevista. Por exemplo, a escolha de pronomes pessoais também é afetada pela função comunicativa e pelas relações sociais entre os interlocutores. Em muitas culturas, a escolha entre pronomes formais e informais é uma forma de demonstrar respeito, deferência ou familiaridade. O uso de pronomes formais é comum em situações em que há uma hierarquia social ou profissional claramente estabelecida. Por exemplo, em contextos empresariais, acadêmicos ou em cerimônias oficiais, o uso de pronomes formais pode ser considerado mais adequado e mostra respeito em relação a uma figura de autoridade ou a pessoas mais velhas (GOUVEIA, 2009).

Por outro lado, o uso de pronomes informais pode indicar uma relação de maior proximidade e familiaridade entre os falantes. Isso é frequente em interações entre amigos, familiares ou colegas em ambientes informais. O uso de pronomes informais pode criar um ambiente mais acolhedor e amigável, e é considerado apropriado nessas situações. A escolha de pronomes pessoais é, portanto, um reflexo das normas sociais e culturais de uma determinada comunidade linguística. Essas escolhas linguísticas podem variar não apenas de acordo com o contexto social, mas também com a idade, o gênero e as relações interpessoais entre os falantes (SILVA, 2014).

Essa interação entre linguagem, contexto social e cultura ressalta a importância de considerar os aspectos socioculturais ao analisar a linguagem em sua totalidade. A Linguística Sistêmico-Funcional enfatiza que a linguagem é uma ferramenta socialmente construída e que suas escolhas linguísticas são influenciadas pela interação entre os falantes e pelo ambiente cultural em que ocorre a comunicação (SILVA, 2014).

A seguir, apresentamos a metodologia de pesquisa e como foi aplicada a análise da LSF nas entrevistas realizadas.

## 2 METODOLOGIA DE PESQUISA

A presente seção descreve o modelo de pesquisa adotado, abordando os mecanismos da pesquisa desenvolvida, desde sua natureza e instrumentos de coleta de dados, seguindo pelos procedimentos analíticos e éticos adotados. Em seguida, as demais subseções indicam os processos preliminares de construção das duas circunstâncias de configuração do *corpus* da pesquisa: local (Aldeia Indígena e Área Urbana) e participantes (2 Indígenas Surdos e 2 Surdos Urbanos). O objetivo inicial de contar com um terceiro grupo de pesquisa, de Indígenas Surdos Urbanos, não pôde ser efetivado neste estudo. Os motivos são de que é um grupo minoritarizado e que, dentre os dois indivíduos pré-selecionados para a pesquisa, um deles veio a falecer e o outro foi trabalhar em lavoura no estado do Rio Grande do Sul (RS), ficando incomunicável até o momento da realização deste estudo.

A presente pesquisa é de base qualitativa e exploratória, complementada com pesquisa de campo conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas. O método de coleta de dados utilizou a entrevista semiestruturada, amplamente utilizada em pesquisas qualitativas.

A entrevista semiestruturada combina elementos de perguntas fechadas e abertas, proporcionando ao entrevistador alguma flexibilidade para explorar tópicos específicos de interesse. No caso das entrevistas realizadas nesta tese, o grau de formalidade será analisado na análise de Registro, conforme a Teoria de Gênero e Registro, abordada na seção subsequente. O grau de formalidade em uma entrevista semiestruturada pode variar dependendo do contexto, do propósito da pesquisa e da relação entre o entrevistador e o entrevistado. No entanto, geralmente, as entrevistas semiestruturadas tendem a ter um grau moderado de formalidade. Em nossa análise, enfocaremos as seguintes categorias: (a) ambiente; (b) tom conversacional; (c) respeito e sensibilidade; e (d) relação entre entrevistador e entrevistado.

### 2.1 A PESQUISA QUALITATIVA INTERPRETATIVA

Esta pesquisa tem orientação qualitativa. Para entendermos melhor a expressão “pesquisa qualitativa”, quanto aos seus variados sentidos e significados, segue a explicação de Ghedin (2004):

Não é permitido tomar distância em relação ao seu objeto, como exige o método das ciências naturais. A objetividade, a neutralidade e o distanciamento do sujeito em relação a seu objeto, pretensão das ciências naturais, torna-se alienação se aplicados no estudo dos fenômenos humanos. O distanciamento não permitiria conhecer o objeto em toda a sua riqueza, no seu contexto histórico. (GHEDIN, 2004, p. 8).

Brandão (2001) corrobora Ghedin (2004), quanto à pesquisa qualitativa, complementando que:

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa. (BRANDÃO, 2001, p. 13).

Assim, este estudo tem como ponto de partida os parâmetros da Libras. A coleta de dados ocorreu em contexto de pesquisa em campo, com minimização de riscos e opção de entrevista remota, nas quais foram aplicados questionários de investigação sobre a representação da experiência por meio dos parâmetros da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Terena de Sinais, sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional.

A pesquisa qualitativa é quase sempre avaliada como o tipo de metodologia em que os conceitos propostos são imensuráveis. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa ganha uma forma que vai além do que é previsível, informativo ou mensurável. Tanto a pesquisa quantitativa quanto a qualitativa são métodos baseados em questões de pesquisa ordenadas com diferentes finalidades para verificar as causas que lhes são atribuídas (SOARES, 2019).

O princípio da pesquisa qualitativa é o de que a sociedade humana existe num determinado espaço e sua forma social é específica. Classes, grupos e indivíduos dão, assim, sentido e intenção às suas ações, ideias e construções históricas. Esse conceito de realidade fornece aos pesquisadores as condições para investigar a identidade de sujeito e objeto, sendo, portanto, diferente da abordagem positivista. Nesta perspectiva, os objetos são de natureza qualitativa (LIMA; MOREIRA, 2015).

A pesquisa qualitativa é classificada de acordo com três abordagens: positivista, interpretativa e crítica. Os positivistas geralmente acreditam que a

realidade é dada objetivamente e pode ser descrita por propriedades mensuráveis que são independentes do pesquisador (observador) e dos instrumentos usados.

Os investigadores críticos assumem que a realidade social é construída historicamente e que as suas estruturas de interação e dominação são produzidas e reproduzidas pelas pessoas, enquanto a pesquisa qualitativa interpretativa envolve pesquisas em seus cenários naturais. A investigação crítica centra-se nos antagonismos, contradições e conflitos da sociedade contemporânea, procurando a libertação e buscando eliminar as fontes de alienação e dominação (POZZEBON; PETRINI, 2013).

Esta preocupação torna-se ainda mais relevante quando se foca outro ponto, igualmente importante para o local de estudo. Quando um observador ou respondente é estudado num ambiente natural, torna-se possível uma análise realista de um evento. Um segundo aspecto único da investigação qualitativa, e um dos seus pontos fortes, é que ela estuda as pessoas nos seus ambientes naturais e não em ambientes experimentais e artificiais (SOARES, 2019).

Assim, a pesquisa qualitativa pode aprofundar e complicar o fenômeno sob investigação ao buscar uma compreensão detalhada do significado e das características situacionais do problema ou objeto sob investigação. A pesquisa qualitativa envolve valores, crenças, hábitos, atitudes, afirmações, opiniões e é adequada para o estudo aprofundado de fatos específicos e da complexidade de processos específicos de indivíduos e grupos. Métodos qualitativos são, portanto, utilizados para compreender fenômenos com alto grau de complexidade interna. A pesquisa qualitativa tem características próprias (LIMA; MOREIRA, 2015).

Nesse cenário, o pesquisador é visto como participante da análise, dando sentido aos elementos quantitativos. Outro aspecto da pesquisa qualitativa, enfatizado por alguns autores, é de que ela, muitas vezes, emprega múltiplos métodos. Observar as pessoas no seu próprio campo envolve, portanto, observar, juntar-se a elas (observação participante), conversar com elas (grupos focais, entrevistas e conversas informais) e ler o que escrevem (SOARES, 2019).

A condição humana dá aos pesquisadores a oportunidade de compreender melhor as razões do comportamento dos sujeitos da pesquisa. Nos métodos interpretativos, o processo de compreensão é diferente daquele da pesquisa quantitativa. Os teóricos da ação acreditam que a ciência comportamental deveria adotar uma postura "não científica" em sua pesquisa. Nessa perspectiva, o

pesquisador deve ter consciência de si mesmo e da realidade social que o rodeia, ser capaz de “ver” além da realidade objetiva e concreta (fatos), e revelar o significado dos fenômenos ou objetos, aprofundando assim a complexidade dos fatos e processos específicos que pretendemos estudar (LIMA; MOREIRA, 2015).

O comportamento do pesquisador estima a extensão do escopo de sua pesquisa. Ser capaz de interpretar os dados subjacentes às suas observações e análises participantes, ao mesmo tempo que é capaz de abranger elementos quantitativos e qualitativos, deixando uma marca na sua avaliação que reflète a sua postura crítica, criativa, flexível e investigativa e imbui a sua investigação com elementos significativos. Para atingir esse objetivo, esse trabalho visa utilizar a pesquisa qualitativa como uma abordagem de pesquisa complementar (e não paralela) à pesquisa quantitativa (SOARES, 2019).

Nesse sentido, podemos entender que a pesquisa qualitativa está ligada ao mundo social e que podemos modificar os dados e explicar os fenômenos aplicando um determinado instrumento de pesquisa, neste caso, o questionário semiestruturado.

## 2.2 A ENTREVISTA NA PESQUISA ACADÊMICA E A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

As entrevistas, enquanto recolha de dados sobre um determinado fenômeno, são as técnicas mais utilizadas no trabalho de campo. Por meio delas, os pesquisadores buscam coletar dados objetivos e subjetivos. Uma entrevista é considerada uma interação entre duas ou mais pessoas. O uso de entrevistas não é exclusivo dos métodos qualitativos, nem é a única forma de realizar pesquisas qualitativas, pois não há vínculo obrigatório entre os dois.

No entanto, as entrevistas são frequentemente utilizadas em pesquisas qualitativas e são consideradas uma técnica de alta qualidade para coleta de dados. Nas ciências sociais, as entrevistas qualitativas são um método amplamente utilizado para recolher dados. Isso ocorre porque as inter-relações, a experiência cotidiana e a linguagem comum utilizadas durante as entrevistas são essenciais para o sucesso da pesquisa qualitativa. Portanto, ao discutir entrevistas em pesquisas, é fundamental

abordar as características, definições e o desenho dos métodos qualitativos (BATISTA *et al.*, 2017).

A pesquisa de campo concentra-se em uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, pois pode ser uma comunidade de trabalho, estudo, lazer ou focar em qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é realizada observando diretamente as atividades do grupo em estudo e entrevistando informantes para obter suas explicações e esclarecimentos sobre o que acontece no grupo. Esses programas são frequentemente combinados com muitos outros programas, como análise de documentos, fotografias e filmagens (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

O presente estudo admite a entrevista como meio de coleta de dados por esta ser um encontro entre duas pessoas com o objetivo de permitir que uma delas obtenha informações sobre um tema através de uma conversa de caráter profissional. É um procedimento utilizado que, neste caso, permite coletar dados e ajudar a diagnosticar e analisar questões sociais. Entrevistar envolve desenvolver precisão, foco, confiabilidade e validade em um comportamento social, como uma conversa. É, portanto, uma conversa presencial e estruturada em que as informações necessárias são fornecidas verbalmente ao entrevistado (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Devido à sua flexibilidade, as entrevistas são amplamente adotadas como técnica básica de pesquisa em diversos campos. Profissionais que lidam com problemas humanos, como psicólogos, sociólogos, educadores, assistentes sociais, etc. utilizam esta tecnologia não só para recolha de dados, mas também para fins de diagnóstico e orientação. Em outras palavras, uma parte importante do crescimento das ciências sociais nas últimas décadas se deve ao uso de entrevistas (BATISTA *et al.*, 2017). Com relação às vantagens das entrevistas, Oliveira *et al.* (2016, p. 11-13) defendem

- a) Pode ser utilizada com todos os segmentos da população: analfabetos ou alfabetizados;
- b) Fornece uma amostragem muito melhor da população geral: o entrevistado não precisa saber ler ou escrever;
- c) Há maior flexibilidade, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formular de maneira diferente; especificar algum significado, como garantia de estar sendo compreendido;
- d) Oferece maior oportunidade para avaliar atitudes, condutas, podendo o entrevistado ser observado naquilo que diz e como diz: registro de reações, gestos etc.;
- e) Dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos;

- f) Há possibilidade de conseguir informações mais precisas, podendo ser comprovadas, de imediato, as discordâncias;
- g) Permite que os dados sejam quantificados e submetidos a tratamento estatístico. (OLIVEIRA *et al.* 2016, p.11-13)

Na entrevista, o entrevistador assume um papel ativo na busca de memórias e reflexões, mas isso deve ser feito sem generalizações para encontrar as respostas que deseja ouvir. Para atingir esse objetivo, os dados da pesquisa precisam ser criados seguindo um conjunto de temas e interpretações (LIMA, 2016).

As entrevistas possuem categorias diferentes devido ao seu nível de estrutura. Dentre essas abordagens, estão entrevistas formais e informais, abertas e fechadas, orientadas e não orientadas (ou espontâneas). A tipologia adotada depende dos objetivos da pesquisa e do público entrevistado.

O pesquisador deve ponderar se, por exemplo, há ou não necessidade de um roteiro pré-estabelecido ou há vantagens em mudar o andamento da entrevista com base na progressão da narrativa. Nesse último contexto, o entrevistador é um participante total na expressão dos pensamentos e emoções dos entrevistados, pois ele determina a estrutura dentro da qual esses pensamentos e emoções são atribuídos ao significado pessoal do entrevistado.

A relação intersubjetiva entre entrevistador e entrevistado é vista como característica central da entrevista qualitativa, pois permite a negociação de visões da realidade geradas por dinâmicas sociais nas quais os participantes constroem conhecimentos e buscam compreender o mundo ao seu redor. Um bom entrevistador sabe ouvir ativamente, sinalizando ao entrevistado que ele está interessado em sua fala, em suas emoções (BATISTA *et al.*, 2017).

Na presente pesquisa, a tipologia de entrevista adotada foi a semiestruturada. Na entrevista semiestruturada, ou semiaberta, o entrevistador emprega uma lista de tópicos ou aspectos derivados da participação do sujeito na conversa, ou de sua percepção e compreensão do significado do sujeito e do acesso a outras informações. Nessa metodologia, as perguntas devem ter relação específica com o assunto, e o entrevistado discute seus pensamentos sobre os temas listados, considerados legítimos pelo pesquisador.

Segundo Costa *et al.* (2018), é recomendada a utilização de um roteiro numa entrevista semiestruturada. Nele, o entrevistador organiza informações sobre o entrevistado relevantes ao objetivo da entrevista, perguntas que permitam alterações,

acréscimos e busca de explicações quando as respostas não forem suficientes ou ausentes.

Na presente pesquisa, a versatilidade da entrevista semiestruturada foi vantajosa devido aos seguintes aspectos deste tipo de metodologia: (a) o roteiro de entrevista permite flexibilidade para explorar novas questões emergentes durante a conversa; (b) a flexibilidade para o entrevistador adaptar as perguntas e a ordem delas com base no fluxo da conversa e nas respostas do entrevistado; (c) a facilidade na obtenção de respostas detalhadas e ricas em informações, já que é permitido ao entrevistado expressar suas opiniões, experiências e sentimentos de maneira mais livre; (d) a interação dinâmica entre entrevistador e entrevistado, promovendo um diálogo mais natural e menos formal do que em entrevistas totalmente estruturadas; (e) a exploração mais profunda de temas e questões complexas, já que o entrevistador pode seguir linhas de raciocínio que emergem durante a entrevista; (f) o equilíbrio entre a consistência na coleta de dados (graças ao guia de entrevista) e a capacidade de captar a complexidade das respostas dos participantes (graças à flexibilidade); (g) a contextualização permitida ao entrevistador para obter informações, compreendendo melhor o contexto e a perspectiva do entrevistado; e (h) a facilidade de registro de dados, uma vez que são frequentemente gravadas (com permissão do entrevistado) para garantir a precisão na coleta de dados e permitir uma análise posterior detalhada.

Admitida a metodologia de entrevista adotada, passamos a detalhar o grupo entrevistado e o protocolo ético do estudo.

### 2.3. GRUPOS E LOCAIS DE PESQUISA

Os grupos sociais entrevistados são da cidade de Aquidauana/MS e regiões circunvizinhas. Todas as etapas metodológicas de coleta de dados que envolveram seres humanos foram, primeiramente, submetidas ao escrutínio do Comitê de Ética em Pesquisa e apenas ocorreram após as devidas aprovações processuais e homologação da pesquisa.

Especificamente, a pesquisa foi realizada em Aquidauana/MS, com surdos urbanos da região e da Aldeia Terena. O primeiro entrevistado, P1, trabalha como

autônomo fazendo várias funções; a segunda, P2, é dona de casa. Os dois indígenas surdos, P3 e P4, residem, respectivamente, na Aldeia Lagoinha e no Distrito de Taunay. Ambos terminaram o Ensino Médio. A terceira entrevistada, P3, também é formada em Letras-Libras.

#### 2.4. COLETA DE DADOS E PROTOCOLOS ÉTICOS

Visando a necessidade de maiores conhecimentos sobre as diferenças e/ou semelhanças entre a Libras e a Língua Terena de Sinais – com base na teoria Linguística Sistêmico-Funcional, a pesquisa procurou realizar a identificação e descrição de diferenças na representação da experiência desses dois grupos linguísticos: surdos urbanos e indígenas surdos aldeados Terena, na faixa etária de 18 anos a 40 anos, no que se refere à textualização de Processos materiais e mentais conforme propostos pela Linguística Sistêmico-Funcional e nos parâmetros da Língua Brasileira de Sinais quais sejam ponto de articulação, configuração de mão, movimento, orientação da mão, expressões não manuais.

A coleta de dados para esta tese deu-se por meio de entrevistas semiestruturadas, enfocando a representação da experiência interna e externa dos entrevistados pela Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), ou seja, no escopo da metafunção ideacional e conforme o contexto de cada participante. Portanto, as perguntas procuraram obter respostas que empregassem os processos da transitividade: primariamente, processos materiais e mentais.

Depois de realizar a coleta e análise das perguntas, foi realizada uma pesquisa exploratória, já que facilita uma maior familiaridade com o problema, dando oportunidade de evidenciar os participantes e em construir hipóteses (GIL, 2002).

Toda a etapa de coleta de dados foi realizada sob a égide dos trâmites éticos aprovados para esta pesquisa, discriminados a seguir. Todos os entrevistados são referidos por meio de imagens aleatórias em toda e qualquer parte do trabalho, sendo mantido sigilo de sua identidade nominal e visual, bem como das informações prestadas. Ressalta-se que a participação na pesquisa foi livre e os participantes tiveram a liberdade de retirar-se, assim como seus dados fornecidos, a qualquer momento do processo de pesquisa, sem nenhum dano ou prejuízo.

É responsabilidade deste pesquisador o arquivamento dos dados em meio digital durante e após o processo de pesquisa, além de manter o participante informado sobre o andamento do estudo, sua conclusão e divulgação em meio acadêmico e disponibilizada ao participante por meio virtual.

No sentido de preservar os entrevistados e sua comunidade, principalmente os surdos aldeados, para esta pesquisa, optou-se pela realização das entrevistas de forma remota, por meio de videoconferência (via *Google Meet*, *Zoom Meetings* ou *WhatsApp*, em formato de vídeo e áudio), a qual foi gravada para posterior transcrição dos dados.

A opção pela gravação remota também se alinha com os cuidados sanitários recomendados pelas agências de saúde que orientam o mínimo contato presencial com comunidades isoladas, em especial, as comunidades indígenas brasileiras. Acrescente-se que a opção de entrevista remota também contempla as medidas de distanciamento social exigidas pelo recente ressurgimento de casos de COVID - 19.

Todas as entrevistas foram consentidas livremente e apenas se realizaram mediante assinatura de termo de consentimento para a participação na entrevista, o qual foi disponibilizado e entregue por meio digital. A gravação deu-se pelo celular de cada participante na sua própria residência ou localidade livremente escolhida para tal.

Acerca do contato com os participantes, o pesquisador estabeleceu o primeiro contato com cada participante através de redes sociais (*WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram* ou E-mail). Neste contato, o pesquisador avisou que a entrevista seria conduzida de modo remoto, de acordo com a preferência do entrevistado. O participante foi informado de que seria gravado em vídeo e que tais dados seriam armazenados, como descrito no projeto de pesquisa aprovado pelo CEP e no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (doravante TCLE).

Havendo o consentimento de participação, foi enviado o TCLE ao participante, em formato PDF, para que ele pudesse assiná-lo por algum meio midiático, de escolha pessoal do participante. Caso tivesse sido necessário ressarcimento para a realização da entrevista, o pesquisador informou que poderia fornecer o valor dos dados da Internet utilizados<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Neste caso, seria enviado um valor para que o participante pudesse contratar pacote de dados móveis, caso não tivesse sinal de Wi-Fi em sua residência. Além disso, conforme Resolução 466/2012,

O design metodológico da pesquisa visou convergir aspectos identificados na análise documental com relatos dos entrevistados. As entrevistas foram analisadas qualitativamente, conforme consentimento do participante e somente no intuito de evidenciar aspectos relacionados aos parâmetros linguísticos das línguas, no que tange à verificação de uma possível diferença entre a Libras e a variação da Língua Terena de Sinais, conforme o objetivo do presente estudo.

Deste modo, para garantir a confidencialidade dos fatos, bem como a privacidade dos participantes, foi adotada a sigla P (de 'participante') acrescida de número - 1, 2, 3 e assim por diante - para apresentar os trechos de entrevista condizentes com a análise proposta. As imagens em vídeo ocultaram, com máscara digital ou borrão, os rostos e quaisquer outras marcas corporais e contextuais que permitam a identificação dos entrevistados. As expressões faciais dos participantes foram apenas descritas e/ou ilustradas pelo pesquisador na etapa de análise. Todas as medidas buscam manter o anonimato dos entrevistados.

Como possíveis riscos decorrentes da participação nesta pesquisa, estão o constrangimento na realização das entrevistas pelos surdos, bem como possíveis dúvidas na interpretação e compreensão das questões abordadas, atendendo a resolução CEP/CONEP, de 09 de agosto de 2000, no que diz respeito à área temática especial populações indígenas (item VIII. 4. c. 6), a saber,

2. Qualquer pesquisa envolvendo a pessoa do índio ou a sua comunidade deve:
  - 2.1 Respeitar a visão de mundo, os costumes, atitudes estéticas, crenças religiosas, organização social, filosofias peculiares, diferenças linguísticas e estrutura política;
  - 2.2 Não admitir exploração física, mental, psicológica ou intelectual e social dos indígenas.

Portanto, a pesquisa não admitiu situações que colocassem em risco a integridade e o bem-estar físico, mental e social. O quadro 9 relata possíveis riscos de pesquisa e medidas adotadas para minimizá-los ou eliminá-los:

**Quadro 9** – Possíveis riscos da pesquisa e medidas adotadas para minimizá-los ou eliminá-los

<b>Possíveis riscos</b>	<b>Medidas adotadas</b>
Exposição física do entrevistado que possa colocar em risco o contágio de doenças	- Contatos e entrevistas realizadas por meio remoto

inciso II. (7), caso seja pertinente e comprovado, o pesquisador se compromete com indenização para cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa.

Exposição do meio ambiente que possa colocar em risco os biomas	- Contatos e entrevistas realizadas por meio remoto
Exposição da vida privada do participante	- Contatos e entrevistas realizadas por meio remoto; - Todas as medidas de anonimidade para proteção do indivíduo e o seu contexto; - Não exposição do corpo ou algo que possa ferir a integridade física do participante.
Exposição da vida social e comunidade do participante	- Confidencialidade de dados pessoais; - Uso adequado e científico dos dados coletados e sem prejuízo pessoal e para a comunidade dos envolvidos

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Procurando minimizar tais desconfortos e reduzir as possíveis dificuldades apresentadas, foram realizadas entrevistas semiestruturadas conduzidas por meio de roteiros apresentados no Anexo I, para permitir um maior diálogo entre pesquisador e pesquisados, garantindo que dúvidas inerentes às questões da entrevista fossem esclarecidas, bem como que os surdos entrevistados fossem auxiliados ao longo de todo o processo de entrevista.

Ainda, conforme detalhado nas seções subsequentes com relação aos dados da pesquisa, documentos e gravações dos surdos que sinalizaram nas entrevistas, bem como as vias assinadas dos termos de consentimento – serão mantidos em arquivo digital sob guarda e responsabilidade do pesquisador, por um período de 5 anos após o término da pesquisa.

#### 2.4.1 Roteiro de entrevistas

Nos próximos subitens, encontramos a fase preliminar de apresentação do entrevistador, sendo o pesquisador deste trabalho, as explicações em relação à entrevista e as fases das perguntas: tema, foco e as perguntas através de *cards*.

#### 2.4.2 Fase preliminar e apresentação

A fase preliminar da entrevista contou com as seguintes etapas:

- Apresentação do Entrevistador;
- Explicação ao entrevistado dos objetivos e riscos do estudo;
- Explicação e ênfase nos direitos do participante, de acordo com os compromissos firmados junto ao Comitê de Ética.

### 2.4.3 Fase de entrevista

A fase da entrevista foi baseada em tema, foco e perguntas (tipos), conforme explicitado a seguir:

**TEMA:** o entrevistador se reserva a não abordar ou induzir o entrevistado à discussão de temas sensíveis, de cunho pessoal, político ou ético. Sendo assim, considerando o objetivo da pesquisa, optou-se por utilizar um tema familiar e genérico com todos os entrevistados: NATUREZA.

**FOCO:** dentre as diversas variáveis de construção de significado, as entrevistas enfocaram a metafunção ideacional e a textualização dos Processos (cf. LSF) nos parâmetros da Língua Brasileira de Sinais, em termos de ponto de articulação, configuração de mão, movimento, orientação da mão, expressões não manuais.

**PERGUNTAS:** As perguntas priorizaram o uso de Processos, Participantes e Circunstâncias. O entrevistador, portanto, realizou perguntas a fim de atender a tais requisitos. Como os entrevistados são surdos, foram utilizados *cards* ilustrativos com objetos, pessoas e ações para perguntas do tipo: “o que é isso?”, “descreva a imagem”, etc. Por adotar a modalidade de entrevista semiestruturada, o entrevistador pôde retomar o tema ou reformular a pergunta de modo a atingir seus objetivos, a saber, o uso de Processos, Participantes e Circunstâncias específicos, de acordo com a orientação da Linguística Sistêmico-Funcional. O Quadro 4 (seção 1.4 Linguística Sistêmico-Funcional) exemplifica os processos, participantes e circunstâncias que foram o foco do entrevistador na condução da entrevista. Além disso, foram oferecidos alguns exemplos de perguntas com o tema escolhido. Apesar do direcionamento, este pesquisador tinha expectativa de que nem todos os processos (e subtipos), participantes e tipos de circunstância surgissem nas respostas. A opção de deixar os entrevistados livres para responder também vem ao encontro do objetivo da pesquisa, uma vez que a opção de usar diferentes processos para representar a experiência, ulteriormente, pode denotar traços linguísticos distintivos entre os grupos pesquisados.

Os roteiros de entrevistas podem ser encontrados no Anexo I, nesta tese.

## 2.5 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO E METAFUNÇÕES

Quanto aos procedimentos, a análise foi dividida em quatro etapas de análise: (1) registro (contexto de situação); (2) sinalização; (3) metafunção ideacional; e (4) integração analítica, com o exame das variações linguísticas registradas nas análises anteriores.

Na primeira parte, na análise de registro, são descritos, o contexto de situação das entrevistas em termos de:

- Campo: como o assunto ou tema do discurso influencia a escolha de sinais específicos e conceitos que são apresentados espacialmente;
- Relações: os papéis sociais entre os interlocutores podem afetar o uso de formas de respeito, a escolha de sinais, e a modulação dos sinais para expressar formalidade ou informalidade;
- Modo: o meio pelo qual a comunicação ocorre.

Na segunda parte, a análise da sinalização, o foco são os parâmetros da Libras:

- Parâmetro CM: Configuração de Mão;
- Parâmetro PA ou L: Ponto de Articulação;
- Parâmetro M: Movimento;
- Parâmetro OM: Orientação das Mãos;
- Parâmetro ENM: Expressões não Manuais – Facial e Corporal;

Para cada parâmetro, foi fornecida a descrição da sinalização.

Ao final da descrição, foi inserida uma seção de comentários para informações adicionais sobre a interação de pergunta e resposta e observações sobre a sinalização realizada.

Na terceira parte, análise da metafunção ideacional, são observados os padrões de construção da experiência com base nos processos, participantes e circunstâncias. Esta etapa da análise foi orientada pelos modelos da pesquisa de Rudge (2018) e utiliza as siglas a seguir para representação da sinalização (em inglês, as siglas utilizadas por Rudge):

Ação Construída (AC) (*constructed action, CA*): uma construção linguística usada para representar uma ação ou série de ações em uma narrativa, ou conversa. Envolve o uso de expressões faciais específicas, movimentos corporais e outros marcadores não-manuais para transmitir uma sequência de eventos ou ações. Ao

contrário de representar sinais específicos para cada ação, uma ação construída permite que usuários de língua de sinais descrevam ações complexas ou interações usando uma combinação de expressões faciais, linguagem corporal e outros sinais não-manuais. Essa técnica é particularmente útil para expressar atividades dinâmicas ou detalhadas em uma linguagem visual e espacial, como a língua de sinais.

Ação Representada (AR) (*depicted action, DA*): refere-se à representação de uma ação ou evento usando elementos visuais e gestuais no espaço de sinalização. Em vez de usar um sinal específico para cada ação, um sinalizador pode usar os movimentos do corpo, expressões faciais e referências espaciais para retratar a ação de forma vívida. As ações representadas vão além dos sinais convencionais e envolvem o sinalizador agindo fisicamente ou retratando as características da ação. Essa técnica é particularmente útil para transmitir atividades dinâmicas ou detalhadas em uma linguagem visual e espacial como a língua de sinais. Ela permite aos sinalizadores fornecer uma descrição mais imersiva e expressiva de ações ou eventos.

Sinal de Apontamento (SA) (*pointing sign, PT*): tipo de sinal em que o locutor utiliza a mão ou dedo para indicar ou apontar para uma pessoa, lugar, coisa ou direção específica. Este gesto é frequentemente usado para fornecer informações sobre a localização ou identidade de algo no espaço ao redor do falante. O sinal de apontamento é uma forma comum de referência espacial em línguas de sinais, permitindo que os usuários comuniquem a direção, posição ou identidade de um objeto sem a necessidade de utilizar sinais específicos para cada item. Esse tipo de gesto contribui para a natureza visual e espacial das línguas de sinais.

Pronome (PRO): pronome de indicação em língua de sinais é geralmente realizado por apontar para a pessoa ou objeto a que se está referindo. Essa técnica envolve o uso dos dedos, mãos ou até mesmo movimentos do corpo para indicar a direção ou localização do referente na conversa. Por exemplo, para indicar a terceira pessoa do singular (ele/ela), o sinalizador pode apontar para a direção onde a pessoa ou objeto está localizado no espaço. O movimento do apontamento ajuda a estabelecer claramente quem ou o que está sendo referenciado na comunicação. É importante notar que diferentes línguas de sinais podem ter variações na forma como os pronomes de indicação são realizados, e as convenções podem variar de uma comunidade de língua de sinais para outra.

Números 1, 2, 3 / SG e PL – indicações da pessoa do verbo e número, singular (SG) e plural (PL). Por exemplo, no Quadro 8, a seguir, a expressão SA: PRO3SG deve ser entendida como SINAL DE APONTAMENTO: PRONOME DA TERCEIRA PESSOA DO SINGULAR.

Na seção seguinte, é realizada uma integração analítica com o exame das variações linguísticas registradas nas análises da sinalização e da metafunção ideacional com vistas a compreender a causalidade das variações linguísticas registradas nas respostas dos dois grupos entrevistados.

### 3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A primeira seção de análise apresenta quadros com as respostas dos entrevistados e destaque às análises do registro (contexto de situação), da sinalização e das metafunções. Em seguida, seções específicas destacarão os pontos relevantes, semelhanças e divergências nas respostas dos entrevistados, com base nas categorias de análise destacadas.

#### 3.1 ANÁLISE DE REGISTRO

**Quadro 10** – Análise de Registro - Entrevista 1, Participante 1 (Indígena)

<b>Análise de Registro</b>	
<b>Campo</b>	A entrevista tratou de temas da natureza, vegetação, animais, clima, etc.
<b>Relações</b>	As relações são determinadas pela hierarquia entre entrevistador e entrevistado, contudo, o entrevistador procurou estabelecer um clima agradável e descontraído, de modo a minimizar a ameaça à face <sup>13</sup> do contexto de entrevista. O distanciamento proporcionado pela mediação remota também permitiu um maior conforto ao entrevistado. Nesta entrevista, existiu o intermédio de uma conhecida do participante, com total distanciamento, e aconteceu de maneira remota, ou seja, o pesquisador gravou o vídeo e enviou a essa conhecida e, após, foi realizada uma videochamada para o entendimento de como foi a resposta.
<b>Modo</b>	Entrevista sinalizada entre o interlocutor.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 11** – Análise de Registro - Entrevista 1, Participante 2 (Indígena)

<b>Análise de Registro</b>	
<b>Campo</b>	A entrevista tratou de temas da natureza, vegetação, animais, clima, etc.
<b>Relações</b>	As relações são determinadas pela hierarquia entre entrevistador e entrevistado, contudo, o entrevistador procurou estabelecer um clima agradável e descontraído, de modo a minimizar a ameaça à face existente no contexto de entrevista. O distanciamento proporcionado pela mediação remota também permitiu um maior conforto ao entrevistado. Nesta entrevista, por intermédio de uma conhecida da família, que é ouvinte, o entrevistado recebeu orientações do pesquisador, com um vídeo e, ao final, também foi feita uma videochamada, assim como o participante 1.
<b>Modo</b>	Entrevista sinalizada entre o interlocutor.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 12** – Análise de Registro - Entrevista 1, Participante 3 (Urbano)

<b>Análise de Registro</b>	
<b>Campo</b>	A entrevista tratou de temas da natureza, vegetação, animais, clima, etc.
<b>Relações</b>	As relações são determinadas pela hierarquia entre entrevistador e entrevistado, contudo, o entrevistador procurou estabelecer um clima agradável e descontraído, de modo a minimizar a ameaça à face própria do contexto de entrevista. O distanciamento proporcionado pela mediação remota também permitiu um maior conforto ao entrevistado. Nesta entrevista, o próprio pesquisador fez a gravação, respeitando todo o processo de distanciamento e, depois da entrevista, foi questionado sobre algumas respostas para aumentar o entendimento das respostas dadas pelo participante.
<b>Modo</b>	Entrevista sinalizada entre os interlocutores.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

<sup>13</sup>Elas mudam de acordo com a forma como acontecem e, principalmente, com as intenções do autor. (Goffman, 1967)

**Quadro 13** – Análise de Registro - Entrevista 1, Participante 4 (Urbano)

<b>Análise de Registro</b>	
<b>Campo</b>	A entrevista tratou de temas da natureza, vegetação, animais, clima, etc.
<b>Relações</b>	As relações são determinadas pela hierarquia entre entrevistador e entrevistado, contudo, o entrevistador procurou estabelecer um clima agradável e descontraído, de modo a minimizar a ameaça à face do contexto de entrevista. O distanciamento proporcionado pela mediação remota também permitiu um maior conforto ao entrevistado. Nesta entrevista, a participante preferiu que o pesquisador não fosse até seu domicílio, mas sim até o seu local de trabalho, para que, além de mostrar a diferença de sinais, também mostrar que está inserida no mercado de trabalho.
<b>Modo</b>	Entrevista sinalizada entre os interlocutores.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

### 3.2 ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO

A seguir, os Quadros 14, 15, 16 e 17 apresentam as orações consideradas na análise da sinalização dos participantes P1, P2, P3 e P4. Para fazer as referências dos parâmetros da Libras, usam-se os números entre parênteses na frente de cada item lexical que foi sinalizado pelos participantes, para que, posteriormente, seja apresentada a identificação de cada item nos quadros da análise da sinalização.

**Quadro 14** – Orações na Análise da Sinalização P1 (Indígena)

<i>Oração Analisada</i>	<i>Pergunta</i>	<i>Orações Analisadas</i>		
		<i>Uso pretendido de Processos</i>	<i>Processos empregados na resposta</i>	<i>Transcrição – Indicação dos Parâmetros</i>
1	O que você faz para cuidar da natureza?	Pr: Material – Criativo	_____	(Não respondeu)
2	Como cachorr@ cuida dos filhos?	Pr: Material – Dispositivo	Pr: Mental	(1) CACHORR@ (2) NANAR [Filh@s].
3	O que está acontecendo?	Pr: Material – Causativo	Pr: Material	(1) ÍNDIOS (2) CAÇAR (3) MUITO.
4	O que ela está fazendo?	Pr: Mental – Perceptivo	Pr: Material	(1) PASSAR (2) PERFUME.
5	O que eles estão fazendo? O que é isso?	Pr: Mental – Emotivos	Pr: Relacional	(1) CORAÇÃO.
6	O que ele está pensando?	Pr: Mental – Cognitiva	Pr: Relacional	(1) MOTO (2) CARRO.
7	O que ela quer/espera?	Pr: Mental - Volição ou Desiderativos	Pr: Mental	(1) GRAVIDA (2) NANAR [Bebê]
8	O que está acontecendo?	Pr: Comportamental – próximo do mental	Pr: Material	(1) CRESCER 3x (2) MULHER.
9	O que está acontecendo?	Pr: Comportamental – próximo do material	Pr: Material	(1) DANÇAR.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 15 – Orações na Análise da Sinalização P2 (Indígena)**

Oração Analisada	Pergunta	Orações Analisadas		
		Uso pretendido de Processos	Processos empregados na resposta	Transcrição – Com Indicações dos Parâmetros
1	O que você faz para cuidar da natureza?	Pr: Material – Criativo	Pr: Relacional	(1) CAMINHO (2) CAMINHO (3) NATUREZA.
2	Como cachorr@ cuida dos filhos?	Pr: Material – Dispositivo	Pr: Material	(1) CACHORR@ (2) FILH@S (3) MUITOS (4) CUIDAR.
3	O que está acontecendo?	Pr: Material – Causativo	Pr: Material	(1) INDÍOS (2) CAÇAR.
4	O que ela está fazendo?	Pr: Mental – Perceptivo	Pr: Material	(1) PASSAR (2) PERFUME.
5	O que eles estão fazendo? O que é isso?	Pr: Mental – Emotivos	Pr: Material	(1) NAMORADOS (2) BEIJAR.
6	O que ele está pensando?	Pr: Mental – Cognitiva	Pr: Relacional	(1) CARRO (2) CARRO (3) MOTO.
7	O que ela quer/espera?	Pr: Mental - Volição ou Desiderativos	Pr: Mental	(1) GRAVIDA (2) GRAVIDA (3) BEBÊ.
8	O que está acontecendo?	Pr: Comportamental – próximo do mental	Pr: Material Pr: Relacional Circunstância	(1) MÉDIC@ (2) GRAVE (3) DOENTE (4) CUIDAR.
9	O que está acontecendo?	Pr: Comportamental – próximo do material	Pr: Material - 1 Pr: Material - 2 Circunstância	(1) HOJE (2) CANTAR (3) DANÇAR.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 16 – Orações na Análise da Sinalização P3 (Urbano)**

Oração Analisada	Pergunta	Orações Analisadas		
		Uso pretendido de Processos	Processos empregados na resposta	Transcrição – com indicações dos Parâmetros
1	O que você faz para cuidar da natureza?	Pr: Material - Criativo	Pr: Comportamental	(1) VOCÊ (2) FAZER (3) CUIDAR (4) NATUREZA (5)?
2	Como cachorr@ cuida dos filhos?	Pr: Material – Dispositivo	Pr: Material	(1) COMO? (2) CUIDAR (3) CACHORR@ (4) FILH@S.
3	O que está acontecendo?	Pr: Material – Causativo	Pr: Mental	(1) NATUREZA (2) PRÓPRIA (3) INDÍO (4) CULTURA.
4	O que ela está fazendo?	Pr: Mental – Perceptivo	Pr: Mental	(1) MULHER (2) CHEIRAR (3) PERFUME.
5	O que eles estão fazendo? O que é isso?	Pr: Mental – Emotivos	Pr: Material	(1) ENCONTRAR (2) NAMORAD@S (3) APAIXONAR.
6	O que ele está pensando?	Pr: Mental – Cognitiva	Pr: Mental	(1) HOMEM (2) DÚVIDA (3) CARRO (4) OU (5) MOTO.
7	O que ela quer/espera?	Pr: Mental - Volição ou Desiderativos	Pr: Relacional	(1) MULHER (2) GRÁVIDA (3) NEMÉM.

8	O que está acontecendo?	Pr: Comportamental – próximo do mental	Pr: Material Circunstância	(1) MÃE (2) CUIDAR (3) FILHO (4) GRAVE (5) DOENTE.
9	O que está acontecendo?	Pr: Comportamental – próximo do material	Pr: Material Pr: Material Circunstância Pr.: Relacional	(1) MULHER PROFESSOR (2) DANÇAR (3) EXERCITAR (4) CORPO (5) SAÚDE.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 17** – Orações na Análise da Sinalização P4 (Urbano)

Oração Analisada	Pergunta	Orações Analisadas		
		Uso pretendido de Processos	Processos empregados na resposta	Transcrição – Parâmetros
1	O que você faz para cuidar da natureza?	Pr: Material - Criativo	Pr: Comportamental	(1) FAZER (2) VER (3) NATUREZA (4)?
2	Como cachorr@ cuida dos filhos?	Pr: Material – Dispositivo	Pr: Material	(1) COMO? (2) CUIDAR (3) CACHORR@ (4) FILH@S.
3	O que está acontecendo?	Pr: Material – Causativo	Pr: Relacional	(1) INDÍOS (2) LONGE.
4	O que ela está fazendo?	Pr: Mental – Perceptivo	Pr: Mental	(1) PERFUME (2) CHEIRAR (3) MULHER (4) CHIQUE.
5	O que eles estão fazendo? O que é isso?	Pr: Mental - Emotivos	Pr: Mental Pr.: Material	(1) NAMORADOS (2) AMOR (3) BEIJAR.
6	O que ele está pensando?	Pr: Mental - Cognitiva	Pr: Mental Experienciador	(1) DÚVIDA (2) CARRO (3) MOTO.
7	O que ela quer/espera?	Pr: Mental - Volição ou Desiderativos	Pr: Mental Experienciador	(1) GRÁVIDA (2) CORAÇÃO AMOR (3) NASCER.
8	O que está acontecendo?	Pr: Comportamental – próximo do mental	Pr: Material Circunstância	(1) DORMIR (2) JUNTO (3) DOENTE (4) MÃE (5) FILHA (6) CUIDAR.
9	O que está acontecendo?	Pr: Comportamental – próximo do material	Pr: Material Pr: Material Circunstância	(1) DANÇAR (2) BALADA (3) SURDO (4) OUVINTE (5) TAMBÉM (6) DANÇAR.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Ao correlacionar os aspectos dos parâmetros da Libras por meio da aplicabilidade da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), observamos os seguintes resultados nas respostas dos participantes às perguntas propostas:

Pergunta 1: "O que você faz para cuidar da natureza?" (Motivação para uso de Pr: Material – Criativo)

Participante 1: não respondeu.

Participante 2: utilizou um processo relacional.

Participantes 3 e 4: empregaram processos comportamentais.

Pergunta 2: "Como o cachorro cuida dos filhotes?" (Motivação para uso de Pr: Material – Dispositivo)

Participante 1: utilizou um processo mental.

Participante 2, 3 e 4: utilizaram processos materiais.

Pergunta 3: "O que está acontecendo?" (Motivação para uso de Pr: Material – Causativo)

Participantes 1 e 2: utilizaram processos materiais.

Participante 3: empregou o processo mental.

Participante 4: utilizou um processo relacional.

Pergunta 4: "O que ela está fazendo?" (Motivação para uso de Pr: Mental – Perceptivo)

Participantes 1 e 2: utilizaram processos materiais.

Participantes 3 e 4: empregaram processos mentais.

Pergunta 5: "O que eles estão fazendo? O que é isso?" (Motivação para uso de Pr: Mental - Emotivos)

Participante 1: utilizou um processo relacional.

Participantes 2 e 3: empregaram processos materiais.

Participante 4: utilizou processos mental e material.

Pergunta 6: "O que ele está pensando?" (Motivação para uso de Pr: Mental – Cognitivo)

Participantes 1 e 2: utilizaram processos relacionais.

Participantes 3 e 4: empregaram processos mentais.

Pergunta 7: "O que ela quer/espera?" (Motivação para uso de Pr: Mental – Volição ou Desiderativo)

Participantes 1, 2 e 4: responderam com processos mentais.

Participante 3: respondeu com um processo relacional.

Pergunta 8: "O que está acontecendo?" (Motivação para uso de Pr: Comportamental – próximo do mental)

Participante 1: utilizou um processo material.

Participante 2: utilizou processos material e relacional.

Participante 3: empregou um processo material e uma circunstância.

Participante 4: empregou um processo material e uma circunstância.

Pergunta 9: "O que está acontecendo?" (Motivação para uso de Pr: Comportamental – próximo do material)

Participante 1: respondeu com um processo material.

Participantes 2 e 4: utilizaram processos materiais e circunstâncias.

Participante 3: empregou processos materiais e relacional.

A seguir, faremos a análise da sinalização quanto aos parâmetros aplicados na Língua Brasileira de Sinais (Libras)

### 3.3 ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO QUANTO AOS PARÂMETROS USADOS NA LIBRAS

Dentre as 09 perguntas realizadas (Quadros 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23 e 24 – orações analisadas) nesta seção, os parâmetros da Libras serão enfocados para analisar, comparativamente, as seguintes respostas dos entrevistados:

Oração 1 – dos participantes 2, 3 e 4<sup>14</sup>.

Oração 2 – dos participantes 1, 2, 3 e 4.

Oração 3 – dos participantes 1, 2, 3 e 4.

As demais análises, na íntegra, estão no Anexo 2.

*ORAÇÃO 1 - O que você faz para cuidar da natureza? (Português); Você o que fazer cuidar natureza? (Libras).*

**Quadro 18** – Análise da Sinalização - Participante 2, Resposta 1 (Indígena)

<b>Transcrição: (1) CAMINHO (2) NATUREZA</b>	
Configuração de Mão (CM)	(1) CM: 04 + 04; 03 + 03 e (2) CM: 02 + 02
Ponto de Articulação (PA)	FRENTE AO CORPO OU ESPACIAL
Movimento (M)	(1) UTILIZA M: EM ZIGUEZAGUE PARA FRENTE; (2) UTILIZA M: ESPIRAL SAINDO DAS MÃOS SIMBOLIZANDO VÁRIAS ÁRVORES.
Orientação das Mãos (OM)	(1) UTILIZA OM: PALMA DA MÃO PARA O LADO (CONTRALATERAL); (2) UTILIZA OM: PALMA DA MÃO PARA FORA.
Expressões não manuais (ENM)	Sem expressões não manuais
Comentários	Observa-se que o primeiro CAMINHO feito pela P2 é diferente do CAMINHO utilizado em Libras, uma variação linguística com base na cultura da mesma.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

<sup>14</sup> Não analisamos a oração (1) do Participante 1, pois o mesmo não respondeu à pergunta 1.

**Quadro 19** – Análise da Sinalização - Participante 3, Resposta 1 (Urbano)

<b>Transcrição:</b> (1) VOCÊ (2) FAZER (3) CUIDAR (4) NATUREZA (5)?	
Configuração de Mão (CM)	(1) 49; (2) 67 + 67; (3) 49 + 54; (4) 69 + 05.
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL; (2) ESPACIAL; (3) ESPACIAL; (4) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) SM; (2) UMA MÃO EM “A” E A OUTRA EM “A”, OS POLEGARES BATENDO UM NO OUTRO REPETIDAMENTE; (3) A MÃO EM CM “49” BATENDO REPETIDAMENTE NA MÃO EM CM “54”; (4) CM “05” MOVENDO COM VAI E VEM E IGUAL O MOVIMENTO DE BATER PALMAS EM LIBRAS.
Orientação das Mãos (OM)	(1) DEDO INDICADOR APONTANDO PARA O EMISSOR; (2) AS DUAS MÃOS FECHADAS; (3) A MÃO PARA FORA; (4) A MÃO PARA FORA.
Expressões não manuais (ENM)	(5) ENM – INTERROGAÇÃO – SOBRANCELHAS FRANZIDAS, UM LEVE BICO NOS LÁBIOS E UM LEVE LEVANTAR DE CABEÇA.
Comentários	Observa-se que a P3 se utiliza de recursos faciais e corporais, dando ênfase na sinalização, deixando a sinalização mais expressiva e clara.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 20** – Análise da Sinalização – Participante 4, Resposta 1 (Urbano)

<b>Transcrição:</b> (1) FAZER (2) VER (3) NATUREZA (4)?	
Configuração de Mão (CM)	(1) 67 + 67; (2) 54; (3) 69 + 05.
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL; (2) ESPACIAL; (3) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) UMA MÃO EM “A” E A OUTRA EM “A”, OS POLEGARES BATENDO UM NO OUTRO REPETIDAMENTE; (2) CM “54” SAINDO DOS OLHOS, CEM SEMI CÍRCULOS; CM “05” MOVENDO COM VAI E VEM E IGUAL O MOVIMENTO DE BATER PALMAS EM LIBRAS.
Orientação das Mãos (OM)	(1) AS DUAS MÃOS FECHADAS; (2) A MÃO PARA FORA; (3) A MÃO PARA FORA.
Expressões não manuais (ENM)	(5) ENM – INTERROGAÇÃO – SOBRANCELHAS FRANZIDAS, UM LEVE BICO NOS LÁBIOS E UM LEVE LEVANTAR DE CABEÇA.
Comentários	Observa-se que P4 utilizou o verbo VER na Libras como expressão de “OBSERVAR, CUIDAR, ZELAR”, ou seja, não deixar a NATUREZA ficar suja ou acabarem com ela.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

O participante 1 indígena não respondeu, portanto, foram analisados os parâmetros empregados pelos participantes 2, 3 e 4.

A variação mais destacada na sinalização refere-se ao parâmetro Configuração de Mão (CM):

Participante 2 (indígena surdo) utilizou CM: (1) 04 + 04; 03 + 03 e (2) CM: 02 + 02;

Participante 3 (surdo urbano) utilizou CM: (1) 49; (2) 67 + 67; (3) 49 + 54; (4) 69 + 05;

Participante 4 (surdo urbano) utilizou CM: (1) 67 + 67; (2) 54; (3) 69 + 05.

A variação de CM encontrada nas sinalizações foi de P2, ao representar o sinal “CAMINHO”. A entrevistada realiza duas sinalizações subsequentes para o mesmo item lexical. Na primeira configuração, (04 + 04) é uma representação de como ela

enxerga “CAMINHO” na sua comunidade. É provável que, a partir de observações pessoais e conversas do pesquisador junto a membros da comunidade, a entrevistada interpreta o “CAMINHO” tal qual se estabelece no seu ambiente, nas trincheiras estreitas da mata e pelo deslocamento em fileiras dos membros da comunidade, seja quando os homens indígenas (representados na imagem apresentada) vão lutar por demarcações de terra ou por algum benefício para a aldeia. Nesse contexto, eles sempre vão em fileiras, um atrás do outro, nas trincheiras ou estrada. No entanto, é interessante notar que, na segunda sinalização de “CAMINHO”, a entrevistada empregou CM (03 + 03), a mesma feita na Libras. Não havia justificativa para a replicação do sinal, o que, interpreta-se como decorrência da entrevistada reconhecer a existência da variação e fazer o sinal duplicado para ratificar a inteligibilidade: “CAMINHO” (variação na Língua Terena de Sinais) + “CAMINHO” (tradicionalmente sinalizado em Libras). Apesar da preocupação da entrevistada, a variação de CM é sutil e, portanto, não alteraria a recepção da mensagem para um intérprete ou surdo urbano letrado em Libras. Nesta resposta, os demais sinais seguem em conformidade com os parâmetros utilizados na Libras sem alteração.

ORAÇÃO 2 - Como o(a) cachorro(a) cuida dos filhos? (Português); Como cachorro cuidar filho? (Libras).

**Quadro 21 – Análise da Sinalização - Participante 1, Resposta 2 (Indígena)**

<b>Transcrição:</b> (1) (2) CACHORR@ (3) NANAR	
Configuração de Mão (CM)	(1) 26; (2) 13; (3) 69 +69
Ponto de Articulação (PA)	(1) LATERAL NA CABEÇA; (2) ESPACIAL; (3) ESPACIAL
Movimento (M)	(1) DEDOS INDICADOR E MÉDIO MEXENDO EM VAI E VEM; (2) CM “13” OS DEDOS ABRINDO E FECHANDO LEVEMENTE REPETIDO; (3) MOVIMENTO DE BALANÇAR UMA CRIANÇA PARA DORMIR.
Orientação das Mãos (OM)	(1) PARA FORA; (2) PARA FORA; (3) PARA CIMA, MÃOS FECHADAS.
Expressões não manuais (ENM)	SEM ENM
Comentários	Para fazer as referências dos parâmetros da Libras, usam-se os números entre parênteses na frente de cada palavra para que possamos fazer a descrição. Nota-se que o CACHORR@ que P1 (indígena surdo) sinaliza utiliza orelhas da Libras de coelho e depois utiliza a mesma configuração de mão do cachorro em Libras, porém o ponto de articulação e orientação é diferente dos sinais utilizados na Libras.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 22 – Análise da Sinalização - Participante 2, Resposta 2 (Indígena)**

<b>Transcrição:</b> (1) CACHORR@ (2) FILH@S (3) MUITO (4) CUIDAR	
Configuração de Mão (CM)	(1) 13; (2) 06 + 08; (3) 06 + 07; (4) 49 + 54

Ponto de Articulação (PA)	(1) FRENTE DA BOCA; (2) FRENTE DO PEITO; (3) ESPACIAL; (4) ESPACIAL
Movimento (M)	(1) MOVIMENTO REPETIDO EM DIREÇÃO À BOCA; (2) RETO PARA FRENTE; (3) ABRINDO E FECHANDO OS DEDOS; (4) A MÃO EM CM “49” BATENDO REPETIDAMENTE NA MÃO EM CM “54”.
Orientação das Mãos (OM)	(1) MÃO PARA DENTRO; (2) MÃO PARA DENTRO; (3) MÃO PARA CIMA; (4) MÃO PARA FORA.
Expressões não manuais (ENM)	SEM ENM
Comentários	Nota-se que o CACHORR@ sinalizado por P2 (indígena surdo) tem os mesmos parâmetros utilizados na Libras. A hipótese é de influência por contato com surdos urbanos.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 23 – Análise da Sinalização - Participante 3, Resposta 2 (Urbano)**

<b>Transcrição:</b> (1) COMO (2) CUIDAR (3) CACHORR@ (4) FILH@S	
Configuração de Mão (CM)	(1) 08 + 08; (2) 49 + 54; (3) 13; (4) 06 + 08
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL; (2) ESPACIAL; (3) FRENTE A BOCA; (4) FRENTE AO PEITO
Movimento (M)	(1) MOVIMENTO REPETIDO DE VAI E VEM; (2) A MÃO EM CM “49” BATENDO REPETIDAMENTE NA MÃO EM CM “54”; (3) MOVIMENTO REPETIDO EM DIREÇÃO À BOCA; (4) RETO PARA FRENTE.
Orientação das Mãos (OM)	(1) MÃO PARA CIMA FECHADA; (2) MÃO PARA FORA; (3) MÃO PARA DENTRO; (4) MÃO PARA DENTRO.
Expressões não manuais (ENM)	SEM ENM
Comentários	Este sinal de CACHORR@ é utilizado por surdos urbanos, da mesma forma que o sinal é definido em Libras.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 24 – Análise da Sinalização – Participante 4, Resposta 2 (Urbano)**

<b>Transcrição:</b> (1) COMO (2) CUIDAR (3) CACHORR@ (4) FILH@S	
Configuração de Mão (CM)	(1) 08 + 08; (2) 49 + 54; (3) 13; (4) 06 + 08
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL; (2) ESPACIAL; (3) FRENTE A BOCA; (4) FRENTE AO PEITO.
Movimento (M)	MOVIMENTO REPETIDO DE VAI E VEM; (2) A MÃO EM CM “49” BATENDO REPETIDAMENTE NA MÃO EM CM “54”; (3) MOVIMENTO REPETIDO EM DIREÇÃO À BOCA; (4) RETO PARA FRENTE.
Orientação das Mãos (OM)	MÃO PARA CIMA FECHADA; (2) MÃO PARA FORA; (3) MÃO PARA DENTRO; (4) MÃO PARA DENTRO.
Expressões não manuais (ENM)	SEM ENM No sinal COMO tem a ENM
Comentários	O sinal de CACHORR@ é utilizado por surdo urbano, portanto, usa-se a sinalização característica da Libras.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Para esta resposta, também, é observada variação linguística entre o surdo urbano e o surdo Terena na sinalização, desta vez, no que confere a outros parâmetros. Na sinalização de “CACHORR@”, P1 (indígena surdo) primeiro colocou uma orelha e sinalizou o movimento “AU AU” em frente do corpo, configuração de mão semelhante aos parâmetros utilizados pela Libras, porém, houve diferença no ponto

de articulação, em frente ao corpo. Em Libras, o sinal é realizado frente à boca. Outras variações ocorrem no movimento e na orientação da mão. Enquanto em Libras “CACHORR@” é realizado na frente da boca, a orientação de mão e o movimento utilizados pelo indígena surdo foi em frente ao corpo, com movimento de abre e fecha, dando a entender o “AU AU” que um cachorro faz. Conclui-se, portanto, que há variação linguística entre a Língua Terena de Sinais e a Libras no sinal “CACHORR@” feito por este entrevistado, nos parâmetros (PA), (M) e (O). De todo modo, as variações observadas não alteram a recepção e inteligibilidade da mensagem, pois o surdo urbano é capaz de compreender o contexto e os principais elementos da representação de “CACHORR@”, sem prejudicar a comunicação. Os demais sinais seguem em conformidade com os parâmetros utilizados na Libras, sem alteração quanto aos parâmetros de CM e ENM.

**ORAÇÃO 3 - Card representativo – descreva a cena: O que está acontecendo?**

**Figura 9 - Card representativo**



Fonte: Vida Selvagem e Urbana (2017)

**Quadro 25 – Análise da Sinalização - Participante 1, Resposta 3 (Indígena)**

<b>Transcrição: (1) ÍNDIOS (2) CAÇAR (3) MUITO</b>	
Configuração de Mão (CM)	(1) 48 + 48; (2) 46 + 46; (3) 07
Ponto de Articulação (PA)	(1) CABEÇA; (2) ESPACIAL; (3) ESPACIAL
Movimento (M)	(1) SEMICÍRCULO NA CABEÇA; (2) RETO PARA ATRÁS; (3) ABRINDO E FECHANDO A MÃO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) PALMA PARA O LADO COM UNS DEDOS FECHADOS; (2) PALMA PARA O LADO COM TODOS OS DEDOS FECHADOS; (3) PALMA PARA CIMA COM OS DEDOS ABRINDO E FECHANDO.
Expressões não manuais (ENM)	SEM ENM
Comentários	Observa-se que o sinal de ÍNDIO utilizado por P1, indígena, é diferente do sinal utilizado na Libras, evidenciando que, naquela aldeia, os surdos têm seu próprio sinal para índio.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 26** – Análise da Sinalização - Participante 2, Resposta 3 (Indígena)

<b>Transcrição:</b> (1) INDÍGENAS (2) CAÇAR	
Configuração de Mão (CM)	(1) 04 + 04 e 05; (2) 46 + 46
Ponto de Articulação (PA)	(1) CABEÇA; (2) ESPACIAL
Movimento (M)	(1) SEMICÍRCULO NA CABEÇA; (2) RETO PARA ATRÁS.
Orientação das Mãos (OM)	(1) PALMA DA MÃO PARA O LADO E O DEDO POLEGAR DOBRADO E O OUTRO SINAL PALMA PARA TRÁS; (2) PALMA PARA O LADO COM TODOS OS DEDOS FECHADOS.
Expressões não manuais (ENM)	SEM ENM
Comentários	P2 (indígena surdo) sinaliza índios e indígenas de forma diversa da Libras. Percebe-se uma forma marcante de variação no estilo da etnia terena.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 27** – Análise da Sinalização - Participante 3, Resposta 3 (Urbano)

<b>Transcrição:</b> (1) NATUREZA (2) PRÓPRIA (3) INDÍO (4) CULTURA	
Configuração de Mão (CM)	(1) 06 + 06; (2) 01 + 55; (3) 05 + 54; (4) 32
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL; (2) ESPACIAL; (3) ESPACIAL; (4) CABEÇA
Movimento (M)	(1) EM ESPIRAL COM AS DUAS MÃOS; (2) RETO PARA TRÁS BATENDO NA PALMA DA MÃO; (3) UMA MÃO EM “V” BATENDO REPETIDAMENTE NA PALMA DA OUTRA MÃO; (4) SEMI-CÍRCULO EM DIREÇÃO À CABEÇA.
Orientação das Mãos (OM)	(1) AS DUAS PALMAS DA MÃO EM ABERTO, UMA HORA PARA FORA, OUTRA HORA PARA DENTRO; (2) A MÃO EM “P” BATENDO NA PALMA DA MÃO PARA FORA; (3) UMA MÃO EM “V” BATENDO NA PALMA DA MÃO PARA FORA; (4) A PALMA DA MÃO PARA O LADO COM O DEDO INDICADOR E MÉDIO LEVEMENTE FECHADOS.
Expressões não manuais (ENM)	SEM ENM
Comentários	Sinalizante utiliza todos os parâmetros da Libras.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 28** – Análise da Sinalização – Participante 4, Resposta 3 (Urbano)

<b>Transcrição:</b> (1) INDÍOS (2) LONGE	
Configuração de Mão (CM)	(1) 54 + 02; (2) 18 + 18
Ponto de Articulação (PA)	(1) CABEÇA; (2) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) CM “54” BATENDO NA PARTE SUPERIOR DA CABEÇA E CM “02” BATENDO NA BOCA; (2) ESPACIAL.
Orientação das Mãos (OM)	(1) UMA PALMA DA MÃO PARA FRENTE COM O DEDO INDICADOR E MÉDIO PARA CIMA; (2) PALMA DA MÃO PARA TRÁS.
Expressões não manuais (ENM)	SEM ENM
Comentários	P4 utiliza sinais antigos de referência a ÍNDIO OU INDÍGENA. Para CAÇAR, fez como se arqueasse a flecha.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Nesta sinalização, a variação dos parâmetros é observada em CM (Configuração de Mão), da seguinte forma:

Participante 1 (indígena surdo) utilizou CM: 48 + 48;

Participante 2 (indígena surdo) utilizou CM: 04 + 04 e 05;

Participante 3 (surdo urbano) utilizou CM: 05 + 04;

Participante 4 (surdo urbano) utilizou CM: 54 + 02.

Para P1 e P2, o sinal (1) “ÍNDIO OU INDÍGENA”, na CM (48 + 48) e (04 + 04 e 05), é a representação de como os participantes 1 e 2 representam aquele ente na sua comunidade. É provável que, a partir de observações pessoais e conversas do pesquisador junto a membros da comunidade, os entrevistados simbolizem naquela sinalização o cocar que é de uso comum naquela comunidade, seja para eventos e reuniões, ou outros assuntos que envolvam luta, identidade e cultura. Desse modo, a representação que utilizaram para identificar “ÍNDIO OU INDÍGENA” foi o cocar. Em contrapartida, as participantes 3 e 4 utilizaram a configuração de mão P3: 05 + 04 e P4: 54 + 02. Nesse contexto, por mais que sejam CMs diferentes, as duas maneiras são formas amplamente empregadas para identificar “ÍNDIO OU INDÍGENA” em Libras.

Conclui-se, portanto, que há variação linguística entre a Língua Terena de Sinais e a Libras. Assim como nos exemplos anteriores, infere-se que a variação não prejudica a recepção da mensagem, pois o contexto preenche as lacunas informacionais naquela sinalização. Os demais sinais seguem em conformidade com os parâmetros utilizados na Libras.

Como dito, no Anexo 2, encontram-se as demais análises de sinalização quanto aos parâmetros. Contudo, destacamos que as variações mais significativas encontradas são as apresentadas nesta seção.

### *3.3.1 Análise da metafunção ideacional*

Nesta seção, realizaremos as análises da metafunção ideacional. Dentre as 09 perguntas realizadas (Quadros 25, 26(a), 27(a), 28(a), 29(a), 30(a), 31(a), 32, 33, 34 e 35 – orações analisadas) a seguir, comparativamente, foram selecionadas as seguintes respostas dos entrevistados: alguns quadros estão com (a) na frente, pois, em alguns momentos, a mesma ocorrência pode ser mencionada com (b).

Oração 1 - dos participantes 2, 3 e 4<sup>15</sup>.

Oração 2 – dos participantes 1, 2, 3 e 4.

Oração 3 – dos participantes 1, 2, 3 e 4.

As demais análises, na íntegra, estão no Anexo 2.

---

<sup>15</sup> Não analisamos a oração (1) do Participante 1, pois o mesmo não respondeu à pergunta 1.

ORAÇÃO 1 - *O que você faz para cuidar da natureza? (Português); Você o que fazer cuidar natureza? (Libras).*

**Quadro 29** – Análise da metafunção ideacional - Participante 2, Resposta 1 (Indígena)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não-manual</b>	(subentendido) imagem			
	<b>Manual</b>		CAMINHO	CAMINHO	NATUREZA
	<b>Experiencial</b>	Índice	Aspecto		Circunstância
		Pr: Relacional			
	<b>Tradução</b>	"[isto] [é] [o] caminho [da] natureza"			

**Vídeo:** <https://drive.google.com/file/d/15aTP1Shkit-zDC40UitvpNr1R4CwkHbj/view?usp=sharing>

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

P2 apenas representou uma relação na leitura da imagem, ou seja, empregou um processo relacional Identificador. Ao apresentar os sinais em contiguidade, a intenção relacional fica evidente. Para Frutoso *et al.* (2019), esse tipo de processo envolve os participantes identificados, uma entidade em relação à outra.

A variação de “CAMINHO”, nas duas sinalizações subsequentes para o mesmo item lexical, incide no Participante Aspecto da oração, ou seja, o Índice é subentendido pelo *card* apresentado, algo que sucede em diversas respostas. Acerca dessa circunstância, este primeiro Participante é geralmente identificado por sinal de Apontamento (SA) ou olhar, uma ENM. No caso das entrevistas desta pesquisa, os entrevistados comumente não indicam este primeiro participante por ser possível sua recuperação contextual (imagem apresentada na pergunta). A opção de P2 ao usar o sinal duplicado não prejudica a inteligibilidade, pois a oração se constrói da seguinte forma: ([isto = imagem] Índice) + (Pr: Relacional) + (CAMINHO + CAMINHO, Aspecto) + (NATUREZA – “Uhitike”) (Circunstância).

**Quadro 30(a)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 3, Resposta 1 (Urbano)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	(O que?) (subentendido) imagem	ênfase (preocupação) interrogação		
	<b>Manual</b>	SA: PRO2SG	AR: FAZER	CUIDAR	NATUREZA
	<b>Experiencial</b>	Ator	Pr: Comportamental		Meta
	<b>Tradução</b>	[O que] você faz [para] cuidar [da] natureza?			
		<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1yMha6VVYvoWDE1AVYRnC9ztB_PEBzI4t/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1yMha6VVYvoWDE1AVYRnC9ztB_PEBzI4t/view?usp=sharing</a>			

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Nesta representação, P3 emprega a AR (Ação Representada) na sinalização “FAZER-CUIDAR”, o que implica num processo comportamental pela previsão de ação (material) que reflete um posicionamento ético (mental). Em sua análise sobre a

*British Sign Language*, Rudge (2018) não identificou processos comportamentais em seus dados, entretanto, nesta sinalização, observamos que o usuário de Libras emprega uma AR – Ação Representada (*depicted action*, DA) ao expressar “zelo e cuidado” por meio de elementos visuais e gestuais no espaço de sinalização (“FAZER” “CUIDAR”). Nesse sinal, o sinalizador age fisicamente para retratar as características da ação. Ao sequenciar os sinais de FAZER e CUIDAR, o sinalizador forneceu uma descrição mais imersiva e expressiva da ação pretendida, um comportamento.

**Quadro 31(a)** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 1 (Urbano)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	(O que você?) Subentendido	levantar sobrancelhas (interrogação)		
	<b>Manual</b>		AR: FAZER	VER	NATUREZA
	<b>Experiencial</b>	(Comportante) você/alguém	Pr: Comportamental	Extensão	
	<b>Tradução</b>	[O que você] faz ver [a] natureza?			
<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1sQ6-oBomXLXdO_5DRO65PhjFALCYrW0g/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1sQ6-oBomXLXdO_5DRO65PhjFALCYrW0g/view?usp=sharing</a>					

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

De forma análoga, P4 também emprega uma AR (Ação Representada). Nesse caso, usa o sinal de apontamento omitido – mas subentendido pelo interagente – como “você/alguém”, cumprindo o papel de Comportante. O processo comportamental é percebido pela AR de “FAZER+VER”, associada à expressão não-manual para implicar “preocupação”. Caracteristicamente, “preocupar-se” é um processo comportamental, próximo do mental, “que representa estados de consciência” (SCOTTA-CABRAL; BÁRBARA, 2015, p. 193).

ORAÇÃO 2 - *Como o(a) cachorro(a) cuida dos filhos? (Português); Como cachorro cuidar filho? (Libras).*

**Quadro 32(a)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 1, Resposta 2 (Indígena)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	CACHORRO@	AC: NANAR [filh@s]
	<b>Experiencial</b>	Experienciador/Fenômeno	
	<b>Tradução</b>	"A cachorra cuida [dos filhos]"	
	<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1hAW2s_rxg8iKoyXgYO7Xu9MPLwdoBEpJ/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1hAW2s_rxg8iKoyXgYO7Xu9MPLwdoBEpJ/view?usp=sharing</a>	

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Nesta segunda resposta, P1 sinalizou AC: “NANAR [filh@s]”, que na leitura interpretativa “cuida [dos filh@s (“Xe’exa”)], que na análise da LSF é o “Pr: Material”, além dos participantes “CACHORRO@ - Ator”. Nesta resposta, houve correspondência entre a expectativa na elaboração do roteiro de perguntas, com o

processo efetivamente empregado por P1, o processo material. Na resposta, o participante Ator é bem evidente, enquanto a Meta (ente ao qual a ação é direcionada) (THOMPSON, 2014) é apenas recuperada contextualmente, ou seja, subentendida no sinal “NANAR”. Como explicado na análise anterior, o participante 1 (Ator, “CACHORRO@” – “*tamuku*”) apresenta variação nos parâmetros comparado ao uso na Libras sem, contudo, prejudicar a inteligibilidade da mensagem.

**Quadro 33(a)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 2, Resposta 2 (Indígena)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	CACHORR@	FILHOS	MUITOS	CUIDAR
	<b>Experiencial</b>	Ator	Meta		Pr: Material
	<b>Tradução</b>	"Cachorra cuida [de] muitos filhos."			
	<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1B9rNWVmvhEtdqVgg-OdkaxWYtW2UBTSK/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1B9rNWVmvhEtdqVgg-OdkaxWYtW2UBTSK/view?usp=sharing</a>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

De forma análoga a P1, nesta resposta, P2 empregou o processo material, atendendo à expectativa do roteiro ao sinalizar “CUIDAR” (cf. a LSF, Pr: Material), (“CACHORRO@” “*tamuku*”) - Ator e (“FILH@S” “*Xe’exa*”) - Meta. Diferentemente de P1, P2 representa explicitamente o executor da ação (Ator) e para quem a ação é direcionada (Meta), de forma prototípica (THOMPSON, 2014), organizados pelo processo “CUIDAR”. “MUITO”, advérbio de intensidade, é um significado no domínio da metafunção interpessoal.

**Quadro 34(a)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 3, Resposta 2 (Urbano)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Interrogação			
	<b>Manual</b>	COMO	CUIDAR	CACHORR@	FILH@S
	<b>Experiencial</b>		Pr: Material	Ator	Meta
	<b>Tradução</b>	"Como cachorra cuida[dos][seus] filhos?"			
<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1a6i7bX8DNtVXVN1u9TldF23rT6UhS5p3/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1a6i7bX8DNtVXVN1u9TldF23rT6UhS5p3/view?usp=sharing</a>					

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

P3 também cumpriu a expectativa do roteiro. Ao sinalizar “CUIDAR”, a entrevistada representa os mesmos entes como Ator e Meta” (Thompson, 2014). A diferença nesta sinalização é a opção pelo uso da interrogação, recuperada pelo ENM de interrogação.

**Quadro 35(a)** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 2 (Urbano)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Interrogação			
	<b>Manual</b>	COMO	CUIDAR	CACHORR@	FILH@S
	<b>Experiencial</b>		Pr: Material	Ator	Meta
	<b>Tradução</b>	"Como cachorra cuida[dos][seus] filhos?"			
<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1kZPTd-SE79RyxZraD2tuUcNdsnL-z6FG/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1kZPTd-SE79RyxZraD2tuUcNdsnL-z6FG/view?usp=sharing</a>					

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

A interrogação também é a opção adotada por P4, sem um motivo aparente. Além dessa variação (entre P1 e P2, de P3 e P4) os elementos principais (participantes-chave e processos) se mantêm: “CUIDAR” como Pr: Material, “CACHORRO@” como Ator” e “FILH@S” como Meta.

**ORAÇÃO 3 - Card representativo – descreva a cena: O que está acontecendo?**

**Figura 10** – Card representativo

Fonte: Vida Selvagem e Urbana (2017)

**Quadro 36** – Análise da metafunção ideacional - Participante 1, Resposta 3 (Indígena)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	ÍNDIO	CAÇAR	MUITO
	<b>Experiencial</b>	Ator		
		Pr: Material		
	<b>Tradução:</b>	"Índio caça muito."		
<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1aYvg2EJzABa5eGkiJ4tllZn3X-M_0rmw/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1aYvg2EJzABa5eGkiJ4tllZn3X-M_0rmw/view?usp=sharing</a>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Aqui, P1 sinalizou o verbo “CAÇAR” na análise da LSF “Pr: Material”, observando o *card* representativo no roteiro de perguntas do processo material, que descreve a cena: “O que está acontecendo?” A resposta foi “ÍNDIO CAÇAR MUITO”, ou seja, representou acontecimentos fatídicos, eventos e ações concretas. Observa-se que o sinal de índio sinalizado pelo entrevistado é diferente do índio de Libras, o que foi explicado em análise anterior, nesta tese, como uma influência local da sua vivência e cultura na comunidade indígena.

**Quadro 37** – Análise da metafunção ideacional - Participante 2, Resposta 3 (Indígena)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	ÍNDIOS	CAÇAR
	<b>Experiencial</b>	Ator	Pr: Material
	<b>Tradução</b>	"Índios caçam."	
	<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/13RweGiP3d3quVOZO4LYPUpcAj3AqYUuY/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/13RweGiP3d3quVOZO4LYPUpcAj3AqYUuY/view?usp=sharing</a>		

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

P2 sinaliza o verbo “CAÇAR” – na análise da LSF, “Pr: Material”, ao observar o *card* representativo no roteiro de perguntas do processo material que descreve a cena: “O que está acontecendo?” A resposta foi “ÍNDIO CAÇAR”, ou seja, representou acontecimentos fatídicos, eventos e ações concretas. Observa-se que o sinal de índio apresentado pela entrevistada é, tal qual a representação de P1, diferente do índio em Libras (influência da cultura local e sua vivência na comunidade indígena). Veremos essa diferença nas análises das participantes P3 e P4, surdas urbanas, que utilizam apenas a Libras na sinalização.

**Quadro 38** – Análise da metafunção ideacional - Participante 3, Resposta 3 (Urbana)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	NATUREZA	PRÓPRIA	ÍNDIO	CULTURA
	<b>Experiencial</b>	Aspecto		Índice	Aspecto
	<b>Tradução</b>	"[Os] índios [têm] [sua] própria natureza [e] cultura"			
	<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1UL6yT9mhcl9LvFMjbfFoWk71NgzZfykd/view">https://drive.google.com/file/d/1UL6yT9mhcl9LvFMjbfFoWk71NgzZfykd/view</a>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Na resposta de P3, quadro 38, o processo relacional “têm”, do tipo possessivo, é inferido na leitura interpretativa. Observando o *card* representativo no roteiro de perguntas, a pergunta estimulada sugeria o uso de processo material para a cena: “O que está acontecendo?”. A resposta, entretanto, foi “NATUREZA PRÓPRIA INDÍGENA CULTURA” (sequência de sinalização), ou seja, dando a entender na leitura interpretativa o verbo “TER” e dois aspectos identificados (“própria natureza” e “cultura”). Cabe reiterar que o processo relacional fica implícito na relação entre Índice e Aspecto. Observa-se que o sinal de índio apresentado pela entrevistada é utilizado na Libras, diferenciando-se do sinal do P1 e P2, que são indígenas.

**Quadro 39** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 3 (Urbano)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	ÍNDIOS	LONGE
	<b>Experiencial</b>	Índice	Aspecto
	<b>Tradução</b>	Pr: Relacional "[Os] índios [estão] longe."	

Vídeo: [https://drive.google.com/file/d/1TNbX7wnsrUA8P7dtBJPGA9Eq\\_ADbhOM/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1TNbX7wnsrUA8P7dtBJPGA9Eq_ADbhOM/view?usp=sharing)

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

O quadro 39 demonstra como P4 utilizou o processo relacional (cf. LSF), ao observar o *card* representativo no roteiro de perguntas do processo material, que descreve a cena: “O que está acontecendo?” A resposta foi “ÍNDIO LONGE”, ou seja, apenas viu a figura e fez uma relação entre sinais e imagem. Observa-se que o sinal de índio apresentado pela entrevistada é o mesmo utilizado na Libras, o que indica uma influência local da sua vivência e cultura na comunidade surda urbana. A seguir, uma análise comparativa da representação da experiência, em termos mais comparativos, em relação às perguntas semiestruturadas.

Como mencionado anteriormente, no Anexo 2 encontram-se as demais análises da metafunção ideacional, no exame da transitividade. Contudo, destacamos que as análises mais significativas encontradas são as apresentadas nesta seção. A seguir, explicaremos a integração analítica, as variações linguísticas na metafunção ideacional e na sinalização.

### 3.4 INTEGRAÇÃO ANALÍTICA: EXAME DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NA METAFUNÇÃO IDEACIONAL E NA SINALIZAÇÃO

A partir das análises realizadas, observa-se que os indígenas surdos sofreram significativa influência da Língua Brasileira de Sinais (Libras), uma vez que os intérpretes com os quais tiveram contato eram, em sua maioria, não indígenas e desconheciam a cultura e os costumes das comunidades Terena. O próprio pesquisador desta tese, que atuou como intérprete na aldeia Terena ao longo dos anos, passou a identificar variações sutis nos parâmetros linguísticos utilizados na Libras em comparação com os sinais próprios da comunidade indígena.

As análises de sinalização revelam que, devido ao contato frequente com intérpretes e com o objetivo de inteligibilidade na comunicação, os indígenas surdos

com repertório linguístico em Libras tendem a priorizá-la em suas interações, em detrimento dos sinais específicos da comunidade. Isso resulta em um cenário no qual se identificam mais semelhanças do que diferenças nas sinalizações dos dois grupos estudados: os surdos urbanos e os indígenas surdos Terena.

Sob a perspectiva das diferenças linguísticas, identificam-se vestígios de sinalização próprios da Língua Terena de Sinais. Esta pesquisa, portanto, abre caminho para investigações futuras que aprofundem a análise e documentação dessa língua, especialmente no que diz respeito às suas particularidades e variações. Ressalta-se a importância de um olhar analítico e próximo por parte dos pesquisadores, com interações diretas junto às comunidades, uma vez que o registro sistemático e contextualizado da Língua Terena de Sinais é necessário para sua preservação e valorização.

As limitações metodológicas decorrentes da COVID -19, que exigiram a realização das entrevistas de forma remota, além do tipo de interação (entrevistado índio aldeado e entrevistador não-índio), impactaram a precisão dos dados coletados. Durante as interações, foi observada uma mescla linguística entre a Libras e os sinais específicos da Língua Terena, o que dificultou a identificação nítida de suas diferenças. Ainda assim, as análises comparativas realizadas entre os processos linguísticos da Libras e da Língua Terena de Sinais permitiram evidenciar alguns aspectos particulares, discutidos a seguir.

No que diz respeito aos parâmetros linguísticos das línguas de sinais, foram observadas algumas variações particulares em alguns sinais, como em “CACHORR@” e “ÍNDI@”. Observou-se que um dos participantes indígenas apresentou uma variação no sinal para “CACHORR@”, distinta daquela utilizada na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Em Libras, o sinal é produzido com o ponto de articulação localizado à frente da boca, utilizando a configuração de mão (15) e um movimento que imita a ação de abrir e fechar a boca na região frontal. Por outro lado, o participante indígena surdo sinalizou “CACHORR@” com o ponto de articulação localizado ao lado do corpo, mantendo a mesma configuração de mão (15), mas realizando um movimento de abertura e fechamento da mão, remetendo ao som (i.e., articulação da boca) “AU AU” característico do animal. Essa análise evidencia uma diferença marcante entre os dois sinais no que tange ao ponto de articulação e ao movimento, destacando a influência situacional e cultural na escolha dos parâmetros.

Quanto ao sinal “ÍNDI@”, os participantes indígenas surdos apresentaram uma forma sinalizada que remete diretamente à representação cultural do cocar utilizado pelos índios Terena. Essa variação contrasta de maneira significativa com o sinal representativo em Libras, diferenciando-se quanto à configuração de mão, ao movimento e à localização. Tal variação reflete a vivência histórica e cultural dos participantes indígenas, evidenciando o impacto das raízes comunitárias na formação dos sinais.

Sob uma perspectiva contextual e situacional, a análise revela que a produção dos sinais está profundamente vinculada ao entorno cultural e às experiências sociais dos grupos envolvidos. Os participantes indígenas surdos demonstram uma participação limitada na comunidade surda mais ampla, possivelmente devido ao pouco contato com outros indígenas surdos, o que restringe a difusão e padronização dos sinais da Língua Terena de Sinais. Esse cenário é intensificado por características culturais observadas nos entrevistados, como uma postura mais contida e reservada, dificultando o compartilhamento de conhecimento linguístico entre pares. Por outro lado, o acesso às redes sociais desempenha um papel facilitador, permitindo maior contato com surdos urbanos e usuários de Libras, o que influencia a sinalização adotada pelos indígenas surdos.

Em contrapartida, as participantes surdas urbanas estão ativamente integradas à comunidade surda, tanto presencialmente quanto por meio de interações virtuais, o que proporciona uma maior exposição e troca linguística, resultando em uma padronização mais consolidada dos sinais em Libras.

Em síntese, a análise comparativa entre a sinalização dos indígenas surdos e dos surdos urbanos revelou diferenças mais significativas nos seguintes parâmetros: configuração de mão, ponto de articulação e expressão não manual. Essas diferenças são, em grande parte, atribuídas ao contexto cultural, ao nível de interação comunitária e às experiências situacionais específicas de cada grupo.

Desses resultados, o quadro 40, a seguir, resume as principais conclusões:

**Quadro 40** – Descrições: diversidade de processos e novas descobertas

Aspecto	Descrição
<b>Representação da Experiência</b>	O uso de <i>cards</i> e perguntas não estimuladas resultou no frequente emprego de processos variados pelos sinalizantes. Além disso, os <i>cards</i> motivaram a omissão do primeiro participante das orações, uma vez que este poderia ser recuperado contextualmente
	Tanto os sinalizantes urbanos quanto os indígenas apresentaram variações na representação da experiência, especialmente pelo uso de diferentes tipos de

	processos. Notou-se um alinhamento evidente entre escolhas de processos de P1 e P2 (surdos indígenas) e P3 e P4 (surdos urbanos).
<b>Novas Descobertas</b>	A sinalização dos surdos Terena demonstrou uma maior incidência de inferências contextuais, principalmente na identificação dos participantes da oração e no uso de circunstâncias.
	Os sinais dos participantes indígenas surdos e dos surdos urbanos apresentaram variações mínimas, porém notáveis. Essas variações ocorreram mais na representação dos participantes do que na realização dos processos.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Os resultados indicam que, ao comparar a Libras com a Língua Terena de Sinais, as diferenças são mínimas. No entanto, essas distinções são notáveis no quadro descritivo. Vale ressaltar que as variações se observaram mais na representação dos participantes do que nos processos em si.

Quanto aos significados da metafunção ideacional, com respeito à representação da experiência, verificaram-se variações nos processos, pois as perguntas semiestruturadas e os *cards* foram elaborados para apenas estimular o uso de determinados processos. No entanto, conforme observado, as respostas frequentemente divergiram do esperado em relação ao processo selecionado pelo respondente, seja por uma interpretação divergente, seja pela escolha linguística particular naquele contexto.

Esta tese, tem como propósito auxiliar os intérpretes de Libras e os professores que atuam com indígenas surdos a desenvolverem um olhar mais preciso, mesmo que os intérpretes atuantes sejam somente usuários de Libras e não conhecedores da Língua Terena de Sinais. É fundamental que ambos, professor e intérprete, explorem mais profundamente a questão dos sinais da comunidade Terena e promovam projetos que expressem sua cultura, história e identidade. Dessa forma, os surdos aldeados poderão manifestar seus costumes e repertório por meio da criação de sinais próprios da comunidade.

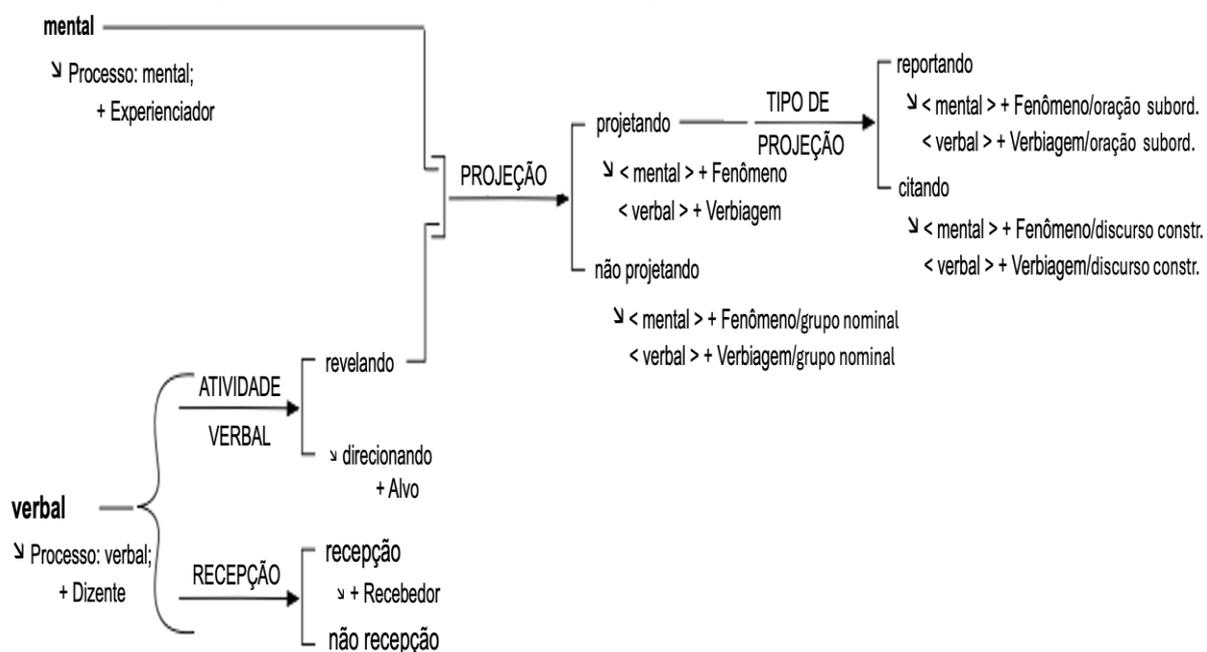
A seguir, apresenta-se a análise detalhada das respostas dos participantes de acordo com cada processo identificado. Identificamos com (a) quadro com primeira ocorrência e (b) quadro com segunda ocorrência. Ressalta-se que não explicaremos todas as respostas e seus respectivos processos e sim os mais relevantes para a demonstração dos processos pretendidos e os que foram representados.

### 3.4.1 Processos Mentais na representação da experiência dos grupos analisados

Para falar dos processos mentais, temos de entender que estão ligados às experiências do mundo interno; eles “constroem processos de consciência” (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p.137). Nessa perspectiva, os processos mentais e verbais se incluem no mesmo domínio, das “relações simbólicas construídas na consciência humana e realizadas na forma de linguagem” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 215).

Isto posto, nesta tese, ao analisar os processos mentais também examinamos o sistema que organiza os processos verbais, de acordo com o sistema de projeção sugerido por Rudge (2018) ao analisar a BSL (figura 11)

**Figura 11** – Rede de sistemas das orações verbais e mentais na BSL



Fonte: Rudge (2018, p.168)

Nos dados obtidos das entrevistas, algumas perguntas estimularam respostas da expressividade do domínio interno.

Oração 7 dos participantes 1, 2 e 4, do *Card* representativo – o que ela quer/espera? Os números dos quadros abaixo referem-se aos números que estão nos anexos.

**Figura 12 - Card representativo**



Fonte: DepositPhotos (2023a)

A resposta de P4 (quadro 41(a)), sinalizante de Libras, representa este processo mental da seguinte forma :

**Quadro 41(a)** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 7

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Expressão de Contentamento		
	<b>Manual</b>	GRÁVIDA	CORAÇÃO AMOR	NASCER
	<b>Experiencial</b>	Experienciador	Pr: Mental	Fenômeno
	<b>Tradução</b>	"[A] gestante ama [o] [momento] [do] nascimento [do][seu][filho]"		
	<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1_6d5bRf0SvLfTED3C9lvmywt3RRuGz3O/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1_6d5bRf0SvLfTED3C9lvmywt3RRuGz3O/view?usp=sharing</a>		

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 13** – Sequência da sinalização (P4)



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Na resposta de P4, como observamos: “A gestante ama [o momento do] nascimento [do seu filho]”, o Experienciador é “a gestante”, pois é quem está sentindo a emoção de amar (processo mental emotivo).

Nesta representação, a surda urbana representou a emoção através da ENM [CORAÇÃO+AMOR], construindo um processo mental, pois se refere a uma emoção (amor) que ocorre na experiência interna do Experienciador e o Fenômeno, sinal [NASCER], traduzido por “nascimento [do seu filho]”, pois é a entidade amada pelo Experienciador.

Já os dois participantes indígenas fixaram o olhar na imagem para representar o processo mental que ficou “oculto” na sinalização. Vejamos:

**Quadro 42(a)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 1, Resposta 7

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não-manual</b>	Olhar fixo para a imagem
	<b>Manual</b>	GRÁVIDA AC: NANAR [Bebê]
	<b>Experiencial</b>	Experienciador
		Pr: Mental
	<b>Tradução</b>	"Grávida [quer] cuidar [do] bebê."

Vídeo: <https://drive.google.com/file/d/1wCPL6GA5f-vE1dPIlvhNt7kmnlx26Onj/view?usp=sharing>

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 14** - Sequência da sinalização (P1):



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Então, hipoteticamente, o sentimento de “querer cuidar”, que representa um estado interno de volição, é expresso nesta sinalização por meio do olhar como recurso linguístico ENM, associado ao sinal “NANAR (BEBÊ)” feito por P1. Quando traduzido para o português, o enunciado seria: “Grávida quer cuidar do bebê.” Esse sentimento de “querer cuidar”, interpretado como um processo mental, pode ser sinalizado com o uso do sinal “QUER”, que expressa de forma específica a ação mental. No entanto, neste caso, o “querer cuidar” é transmitido por meio da ação construída (AC) “NANAR BEBÊ”. Essa construção não apenas indica a ação de ninar,

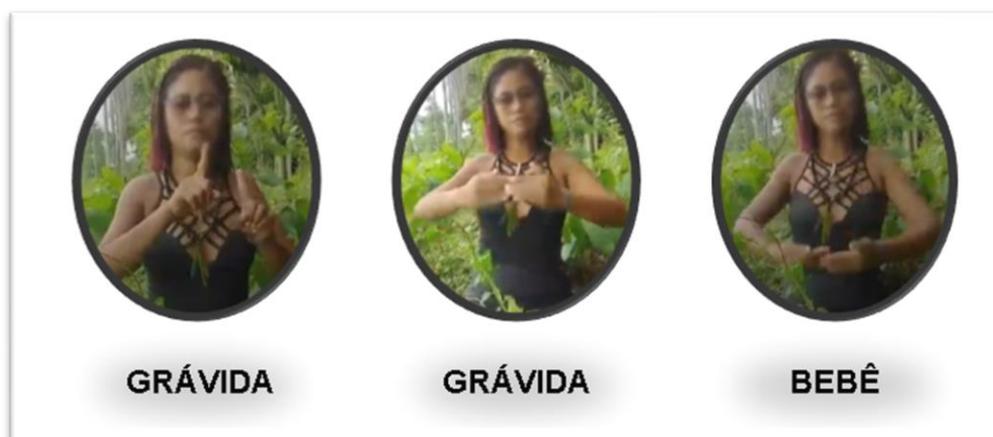
mas também evoca o amor, a conexão mental e emocional entre a mãe e o filho que está para nascer. Assim, ao invés de utilizar o sinal “QUER”, opta-se por uma estratégia linguística diferente: a ação construída transmite o desejo e a intenção de cuidar, conectando o gesto à relação afetiva e ao vínculo estabelecido entre mãe e bebê, enriquecendo a interpretação.

**Quadro 43(a)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 2, Resposta 7

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não Manual</b>	Olhar fixo na imagem		
	<b>Manual</b>	GRÁVIDA	GRÁVIDA	BEBÊ
	<b>Experiencial</b>	Experienciador		
		Pr: Mental		
	<b>Tradução</b>	"[A] grávida [espera um] bebê."		
		Vídeo: <a href="https://drive.google.com/file/d/1XydqEG5iMxBca-Ui7QCbrA8QHYYDzN70/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1XydqEG5iMxBca-Ui7QCbrA8QHYYDzN70/view?usp=sharing</a>		

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 15** – Sequência da sinalização (P2):



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Já com P2, a variação do processo ocorre na resposta “GRÁVIDA GRÁVIDA BEBÊ” que, ao ser traduzida para o português, corresponde a: “A grávida [espera um] bebê”. Embora o processo [espera um bebê] não esteja explicitamente sinalizado, o olhar fixo, usado como recurso linguístico não manual (ENM), combinado com a intensificação do sinal “GRÁVIDA”, atuam em conjunto para compor o significado. O vídeo esclarece essa análise, fornecendo a base para a tradução “A grávida [espera um] bebê”.

Na leitura interpretativa, a intensificação do sinal “GRÁVIDA” sugere, hipoteticamente, que a mãe está esperando e desejando o bebê. Essa intensificação, junto ao ENM, evidencia um processo mental, revelando a conexão emocional e o estado interno da mãe em relação ao bebê tão esperado.

Por outro lado, uma leitura alternativa da sinalização poderia ser feita como um processo relacional identificativo – “a mulher está grávida” – que atribui uma característica à participante (a mulher). No entanto, a intensificação do sinal “GRÁVIDA”, de forma repetida, e o uso do ENM vão além dessa interpretação relacional, introduzindo uma subjetividade que desloca o foco para um processo mental, evidenciando o envolvimento emocional e a ligação afetiva da mãe com o bebê que está por nascer. Por fim, no processo mental, optamos por fazer essa relação do processo interno, ou seja, do processo mental, apenas da resposta 7, pois foi a mais relevante entre os participantes na representação dos estados de consciência: análise da sinalização combinada com a análise da metafunção ideacional e leitura interpretativa. No próximo tópico, veremos o processo material.

#### *3.4.2 Processo Material na representação da experiência dos grupos analisados*

Os processos materiais, na Linguística Sistêmico-Funcional, são aqueles que expressam ações concretas ou eventos observáveis no mundo físico. Esses processos geralmente envolvem um ator, que realiza a ação, e podem incluir outros participantes, como a meta, que é o elemento sobre o qual a ação incide, o escopo ou alcance, que delimita o contexto da ação, e o beneficiário, que indica quem recebe ou é afetado pela ação (THOMPSON, 2014). Para entendermos melhor, o conceito acima, Frutuoso (2021) explica:

Os processos do ‘fazer’ codificam sentidos do mundo que se referem às ações mais concretas realizadas pelos indivíduos, de suas ações materializadas – são os processos materiais, os grupos verbais que podem realizar os processos materiais são criativos (acontecer, crescer, criar, esboçar, emergir, fazer, escrever, cozer etc.); transformativos (amolecer, assar, arranhar, espremer, lamber, demolir, esticar etc.). Os participantes típicos dos processos materiais são o Ator e Meta, Beneficiário, Escopo e Atributo (FRUTUOSO, 2021, p. 42).

Vejamos como isso se deu nas respostas dos participantes indígenas surdos e surdos urbanos quanto ao processo material. Optamos por escolher as respostas 2 e 4 dos participantes 1, 2, 3 e 4 para demonstrar as escolhas linguísticas feitas no sistema de transitividade realizado pelos parâmetros da linguagem visual-espacial.

*ORAÇÃO 2 - Como o cachorro cuida dos filhos? (Português); Como cachorro cuidar filho? (Libras). Os números dos quadros abaixo referem-se aos números que estão nos anexos.*

Figura 16 – Processo Material



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

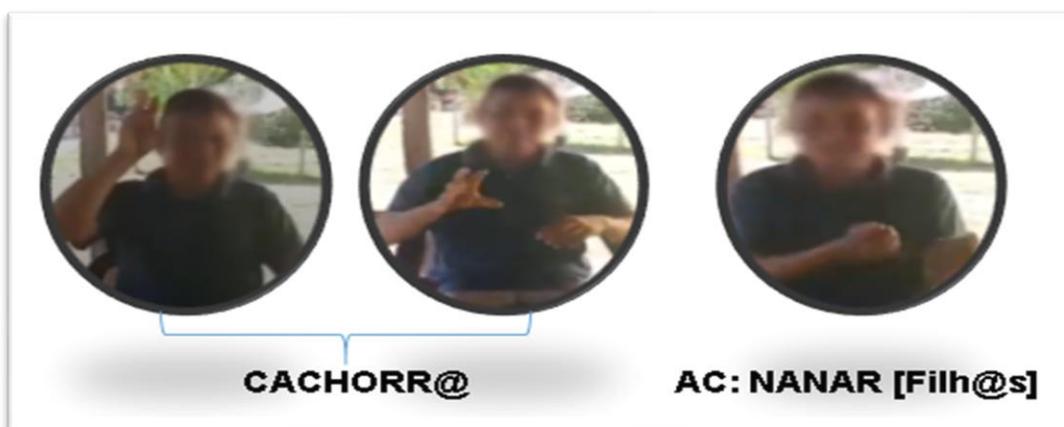
Fonte: Nypets (2020)

Quadro 3244(b) – Análise da metafunção ideacional - Participante 1, Resposta 2 (Indígena)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	CACHORR@	AC: NANAR [filh@s]
	<b>Experiencial</b>	Experienciador/Fenômeno	
		Pr.: Mental	
	<b>Tradução</b>	"A cachorra cuida [dos filhos]"	
	Vídeo: <a href="https://drive.google.com/file/d/1hAW2s_rxg8iKoyXgYO7Xu9MPLwdoBEpJ/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1hAW2s_rxg8iKoyXgYO7Xu9MPLwdoBEpJ/view?usp=sharing</a>		

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Figura 17 - Sequência da sinalização (P1):



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Nesta oração, o sinalizante P1, um surdo Terena, utiliza dois sinais distintos para representar o Ator do processo (CACHORR@). Primeiramente, é realizado um sinal com configuração de mão que representa orelhas, similar ao sinal correspondente a “coelho” na Libras. Em seguida, utiliza o sinal de CACHORR@ na variação da língua de sinais Terena, denominado “*tamuku*”, cuja configuração de mão remete à ideia de uma mordida. Esse uso de dois sinais subsequentes enfatiza a

representação do ente Ator, reforçando sua identidade (CACHORR@) na estrutura do processo.

Na sinalização em Libras apresentada, observa-se a expressão de um processo material, caracterizado por uma ação concreta e observável. Nesse contexto, a ação principal é transmitida por meio da ação construída (AC) representada pelo sinal “NANAR [filh@s (Xe’exa)]”, o qual pode ser interpretado como o ato de “cuidar” ou “embalar” uma criança, conforme o contexto comunicativo. O sinal “nanar” funciona como um empréstimo linguístico adaptado da expressão em língua portuguesa “nanar bebê”, frequentemente utilizada para descrever o ato de ninar ou acalantar uma criança. Contudo, em Libras, esse sinal amplia seu significado para abarcar a ideia de cuidado, evidenciando não apenas o ato físico de embalar, mas o papel afetivo e protetivo subjacente ao gesto.

Do ponto de vista da LSF, conforme orienta Halliday e Matthiessen (2014), o sinal “NANAR [filh@s]” realiza a função de processo material dentro da oração, ou seja, uma ação tangível realizada por um agente sobre um paciente. O caráter visual e gestual da Libras torna esse processo ainda mais explícito, uma vez que o movimento corporal do sinalizador reforça a concretude da ação.

No entanto, é possível interpretar esse processo como um fenômeno comportamental, considerando a natureza emocional e relacional que permeia o ato de cuidar. Os processos comportamentais (cf. LSF) situam-se entre os processos materiais e mentais, caracterizando-se por ações físicas que expressam estados emocionais, atitudes ou comportamentos humanos. Nesse contexto, o sinal “NANAR”, além de indicar uma ação concreta (como embalar), pode ser compreendido como uma manifestação de afeto e cuidado, aproximando-se, assim, dos processos comportamentais. A expressão corporal e facial envolvida na sinalização reforça essa dimensão emocional, evidenciando a conexão entre o ato físico e o estado afetivo do sinalizador.

A análise desse sinal em Libras revela a riqueza semântica das línguas sinalizadas, que possibilitam diversas interpretações conforme o contexto comunicativo. Enquanto a abordagem do processo material foca na ação concreta de embalar, a interpretação como processo comportamental ressalta o aspecto emocional e relacional do ato de cuidar. Isso evidencia a complexidade e a expressividade que são características da comunicação visual-espacial da Libras.

Um aspecto interessante é a ausência de sinalização explícita para a Meta, que seria “os filhos, ou filhotes”. A Meta, nesse caso, é apenas inferida pelo contexto, uma vez que a sinalização se baseia em uma representação visual previamente apresentada ao sinalizante. Isso demonstra que, nesse contexto específico, o sinalizante não considera necessário explicitar a Meta, confiando que o contexto visual e situacional basta para transmitir a totalidade da mensagem.

Vejamos a sinalização de P2, P3 e P4 sobre a mesma pergunta:

**Quadro 33(b)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 2, Resposta 2 (Indígena)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	CACHORR@	FILHOS	MUITOS	CUIDAR
	<b>Experiencial</b>	Ator	Meta		Pr: Material
	<b>Tradução</b>	"Cachorra cuida [de] muitos filhos."			
	<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1B9rNWVmvhEtdqVqg-OdkaxWYtW2UBTSK/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1B9rNWVmvhEtdqVqg-OdkaxWYtW2UBTSK/view?usp=sharing</a>			

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 18** – Sequência da sinalização (P2):



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 34(b)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 3, Resposta 2 (Urbano)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Interrogação			
	<b>Manual</b>	COMO	CUIDAR	CACHORR@	FILH@S
	<b>Experiencial</b>		Pr: Material	Ator	Meta
	<b>Tradução</b>	"Como cachorra cuida[dos][seus] filhos?"			
<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1a6i7bX8DNtVXVN1u9TldF23rT6UhS5p3/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1a6i7bX8DNtVXVN1u9TldF23rT6UhS5p3/view?usp=sharing</a>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 19** – Sequência da sinalização (P3):



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 35(b)** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 2 (Urbano)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Interrogação			
	<b>Manual</b>	COMO	CUIDAR	CACHORR@	FILH@S
	<b>Experiencial</b>		Pr: Material	Ator	Meta
	<b>Tradução</b>	"Como cachorra cuida[dos][seus] filhos?"			
<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1kZPTd-SE79RyxZraD2tuUcNdsNL-z6FG/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1kZPTd-SE79RyxZraD2tuUcNdsNL-z6FG/view?usp=sharing</a>					

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 20** – Sequência da sinalização (P4):



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Os participantes P2, P3 e P4 empregaram o processo material conforme a expectativa do roteiro, evidenciando a ação concreta por meio do sinal “CUIDAR” (cf. a LSF, Pr: Material). Nesse contexto, o sinal “CACHORR@” representa o Ator, ou seja, o executor da ação, enquanto o sinal “FILH@S” atua como a Meta, o alvo ou destinatário da ação. A estrutura da sinalização segue o padrão prototípico descrito por Thompson (2014), organizando o verbo “CUIDAR” em torno do Ator e da Meta, o que confere clareza e coesão à construção da oração.

A análise comparativa das orações evidencia a flexibilidade e a riqueza semântica das línguas de sinais ao representar experiências visuais-espaciais. Enquanto P2, P3 e P4 adotaram uma estrutura mais convencional, explicitando o Ator (CACHORR@) e a Meta (FILH@S), o participante P1 diferenciou-se ao optar por uma construção mais contextual e interpretativa. Em vez de sinalizar explicitamente a Meta, P1 recorreu ao contexto visual e ao uso da Ação Construída (AC) por meio do sinal “NANAR”, cujo significado pode ser interpretado como “cuidar” ou “embalar” os filhotes<sup>16</sup>. Essa escolha, além de reforçar a identidade do Ator, utiliza recursos adicionais, como a variação na Configuração de Mão e a combinação de sinais, tornando a materialidade do processo mais enfática e sensorial.

O uso da Ação Construída (AC) por P1 ilustra uma estratégia comunicativa que preenche a lacuna informacional de forma implícita, permitindo ao receptor inferir o significado a partir do contexto visual. Em contraste, P2, P3 e P4 alinham-se a uma forma mais direta e didática, compatível com as expectativas interpretativas do roteiro. Essa diferença demonstra as múltiplas possibilidades de expressar processos na sinalização e reflete a diversidade cultural e as estratégias individuais dos sinalizantes. Neste caso, envolvendo a inter-relação entre a Libras e a Língua de Sinais Terena.

No próximo tópico, será abordada a análise dos processos mentais e materiais, aprofundando a compreensão das variações linguísticas nesse tipo de realização.

### *3.4.3 Processos Mentais e Materiais na representação da experiência dos dois grupos analisados*

Com respeito aos processos mentais e materiais e as variações de uso nas escolhas linguísticas dos grupos analisados, algumas ocorrências chamaram mais a atenção. Como exemplo, apresentamos a pergunta 4 das entrevistas, a qual buscava estimular uma resposta com o uso do processo mental perceptivo. A Figura 14 apresenta o *card* representativo dessa pergunta aos participantes P1, P2, P3 e P4.

---

<sup>16</sup> Considerando a possibilidade de interpretação como processo comportamental, descrito na análise do Quadro 28b.

**Figura 21** – Processo Mental Perceptivo



Fonte: UAI (2019)

**ORAÇÃO 4 PERCEPTIVO** Card representativo – o que ela está fazendo?

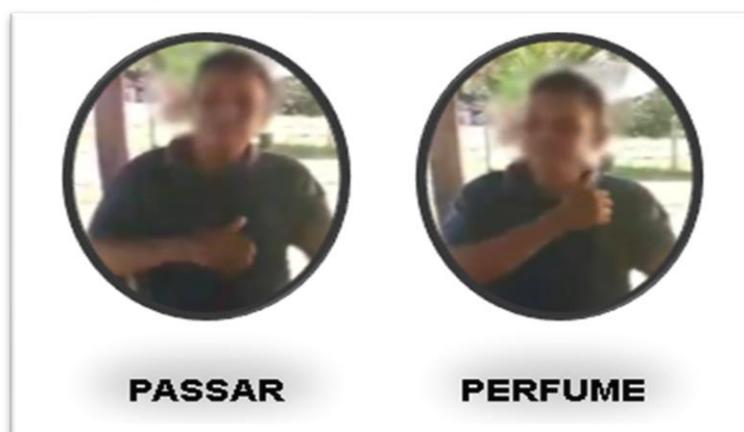
Como dito anteriormente, os processos mentais estão relacionados à representação de atividades mentais internas dos participantes (Halliday, 1994). Dentre as subcategorias de processos mentais, o processo mental perceptivo é uma delas; está relacionado à percepção sensorial, ou seja, à maneira como os sentidos captam informações do mundo. Esses processos expressam experiências sensoriais, como ouvir, ver, sentir, cheirar ou tocar. A partir da pergunta estimuladora deste tipo de processo, as respostas dos Participantes indígenas foram as seguintes:

**Quadro 44(a)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 1, Resposta 4 (Indígena)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não Manual</b>	[Ela] fixação do olhar na imagem		
	<b>Manual</b>		PASSAR	PERFUME
	<b>Experiencial</b>	Ator	Pr: Material	Meta
	<b>Tradução</b>	"[Ela] passando perfume."		
<p><b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/199MM6OBY5CMdp9RvrTz-pey152UOWe6_/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/199MM6OBY5CMdp9RvrTz-pey152UOWe6_/view?usp=sharing</a></p>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 22** – Sequência da sinalização (P1):

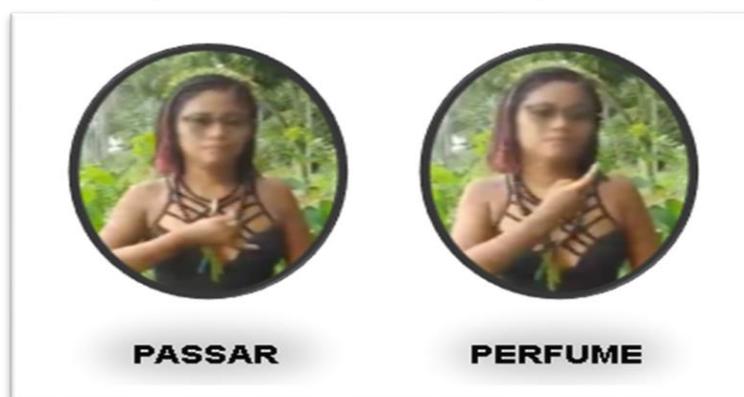


Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 45(a)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 2, Resposta 4

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não Manual</b>	[Ela] fixação do olhar na imagem		
	<b>Manual</b>		PASSAR	PERFUME
	<b>Experiencial</b>	Ator	Pr. Material	Meta
	<b>Tradução</b>	"[Ela] passando perfume."		
	<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1Te6m_WqxH-gjSBDsXj5yanN07plYeQ6w/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1Te6m_WqxH-gjSBDsXj5yanN07plYeQ6w/view?usp=sharing</a>			

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 23** – Sequência da sinalização (P2):

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

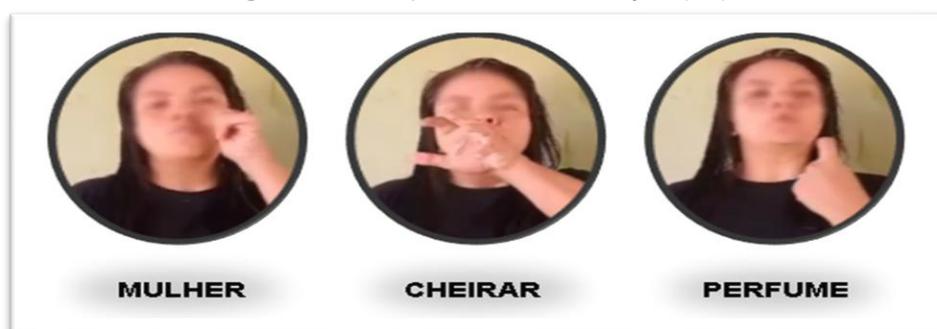
P1 e P2 optaram por utilizar o processo material na representação da imagem. Na leitura interpretativa, o verbo “PASSAR” é representado com configuração de mão diferentes, no entanto, em ambas as sinalizações o sentido de “passar algo” permanece. Nas orações, o Ator está em oculto e é inferido devido à presença da imagem, [uma mulher não indígena cheirando um perfume – “Ihopuneti”]. Já as respostas dos Participantes não-indígenas foram as seguintes:

**Quadro 46(a)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 3, Resposta 4

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Fechar os olhos e respiração profunda		
	<b>Manual</b>	MULHER	CHEIRAR	PERFUME
	<b>Experiencial</b>	Experienciador	Pr. Mental	Fenômeno
	<b>Tradução</b>	"Mulher cheirando [o] perfume."		
	<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1eteXeZ8s4t8L6JxC2u8K8evYd6A13kz3/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1eteXeZ8s4t8L6JxC2u8K8evYd6A13kz3/view?usp=sharing</a>			

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 24** – Sequência da sinalização (P3):



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 47(a)** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 4

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Olhar Firme e Respeiração	Olhar de Admiração	
	<b>Manual</b>	PERFUME	CHEIRAR	MULHER   CHIQUE
	<b>Experiencial</b>	Fenômeno	Pr. Mental	Experienciador
	<b>Tradução</b>	"Mulher chique cheirando [o] perfume."		
	<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/15jgSL416iCL2mAan87ASdKZMCpo_u50bl/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/15jgSL416iCL2mAan87ASdKZMCpo_u50bl/view?usp=sharing</a>		

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 25** – Sequência da sinalização (P4):



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Ao contrário de P1 e P2, as participantes P3 e P4 utilizaram o processo mental perceptivo “cheirar [sentir] perfume”. Nessas orações “MULHER” é o Experienciador e “PERFUME” é o Fenômeno.

Portanto, há uma diferença significativa entre os dois grupos analisados. Enquanto P3 e P4 empregaram o processo mental perceptivo, P1 e P2 descreveram a imagem utilizando o processo material, com o verbo associado remetendo a uma ação física e concreta, típica de processos materiais. Essa discrepância evidencia um

fator pragmático e cultural, relacionado ao fenômeno de “Incompreensão Intercultural” (WIERZBICKA, 1991; KECSKÉS, 2014)<sup>17</sup>.

Ressaltamos que a questão pragmática está no domínio da metafunção interpessoal, que não é o foco de estudo desta tese e, portanto, não desenvolvido na seção teórica do texto. Entretanto, Halliday (1994) salienta a concomitância das metafunções e que, portanto, as suas realizações são interpostas e, em alguns casos, a análise de ambas é essencial. Neste caso, para compreender a metafunção ideacional (representação da experiência) é também vital considerar as motivações interpessoais que afetaram as escolhas linguísticas realizadas.

O tipo de incompreensão ocorrido é motivado por diferenças culturais e como estas afetam a interpretação e a interação. No caso em análise, as expectativas do entrevistador sobre o uso do processo mental perceptivo não foram atendidas pelo grupo indígena surdo. Particularmente, houve um descuido por parte do entrevistador (pesquisador) na seleção da imagem de estímulo do processo mental. Esse descompasso é conhecido como um *cultural blunder*<sup>18</sup> (erro cultural), que se refere a um desajuste cultural em que o contexto ou as referências culturais dos participantes não são devidamente considerados na formulação da atividade ou na interpretação dos resultados.

Os indígenas surdos acessaram suas referências culturais ao observar a imagem, associando-a à estética da mulher não-indígena e ao ato de “passar perfume”. Por outro lado, as surdas urbanas relacionaram a imagem a questões estéticas contemporâneas diretamente ligadas à sua experiência sensorial de “cheirar perfume”, mais alinhadas à expectativa de processos mentais perceptivos. A distinção aqui, grosso modo, poderia ser justificada na perspectiva de “ver o outro” (surdos indígenas em relação à imagem) e “ver a si mesmo” (surdos urbanos em relação à imagem).

---

<sup>17</sup> Incompreensão Intercultural refere-se aos desentendimentos que surgem em interações entre indivíduos ou grupos de diferentes contextos culturais, devido a discrepâncias nas normas pragmáticas, expectativas socioculturais e formas de comunicação. Segundo Wierzbicka (1991), essas incompreensões frequentemente decorrem de diferenças culturais profundas que influenciam o uso e a interpretação da linguagem, como escolhas lexicais, formas de cortesia ou organização do discurso. Kecskés (2014) complementa essa visão ao destacar que a Pragmática intercultural analisa como essas diferenças afetam a negociação de significado em contextos multilíngues e multiculturais. A incompreensão intercultural pode ser sutil, como no uso inadequado de um gesto, ou mais evidente, como a interpretação errônea de um enunciado, e geralmente resulta em mal-entendidos ou tensões na comunicação.

<sup>18</sup> Cometer um erro grosseiro ou estúpido culturais. (Dictionary, 2025)

Portanto, as diferenças culturais não apenas influenciaram a escolha dos processos linguísticos dos participantes, mas também evidenciaram como a representação da experiência está intrinsecamente vinculada à cultura e ao contexto dos participantes. A pesquisa destaca que, em cenários multilíngues e multiculturais, compreender essas dinâmicas é essencial para evitar mal-entendidos interculturais e para conduzir análises mais precisas e sensíveis às diferenças culturais. Apesar das entrevistas serem conduzidas com temas da “natureza”, que fazem parte do repertório cultural dos indígenas, esse descuido impactou a análise da representação dos processos mentais perceptivos dos indígenas, que não utilizaram os mesmos em suas respostas. No próximo tópico, apresentamos uma discussão sobre os processos mentais e relacionais.

#### *3.4.4 Processos Mentais e Relacionais na representação da experiência dos dois grupos analisados*

Da mesma forma que ocorreu no tópico anterior, no caso das perguntas estimuladas para processo mental cognitivo, as sinalizações realizadas pelos dois grupos de entrevistados — surdos urbanos e indígenas — revelaram diferenças marcantes na forma como cada grupo representou a experiência. A hipótese central é de que essas diferenças decorrem de variações culturais que influenciam a interpretação e a interação com o estímulo proposto. Em particular, as expectativas do entrevistador em relação ao uso do processo mental cognitivo não foram atendidas pelo grupo indígena surdo, o que se explica pelo descompasso cultural na seleção da imagem utilizada como estímulo. A Figura 24 traz o *card* representativo da pergunta:

Oração 6– Dúvida entre o carro ou moto?

**Figura 26** – Cognitivo Card representativo



Fonte: Momento Saúde (2023); Fonte: Silveira (2021); Fonte: Lira (2022)

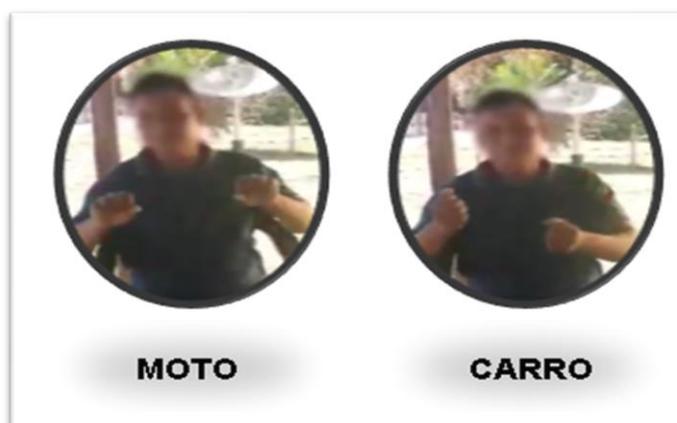
A partir da pergunta estimuladora, as respostas dos Participantes indígenas foram as seguintes:

**Quadro 48(a)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 1, Resposta 6 (Indígena)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	[figura] fixação do olhar		
	<b>Manual</b>		MOTO	CARRO
	<b>Experiencial</b>	índice	Aspecto	
			Pr: Relacional	
	<b>Tradução</b>	"[figura] é moto e carro"		
<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1rsP70zOyslgKwGkx-XH-4PBcow4EnX0C/view">https://drive.google.com/file/d/1rsP70zOyslgKwGkx-XH-4PBcow4EnX0C/view</a>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 27** – Sequência da Sinalização (P1):



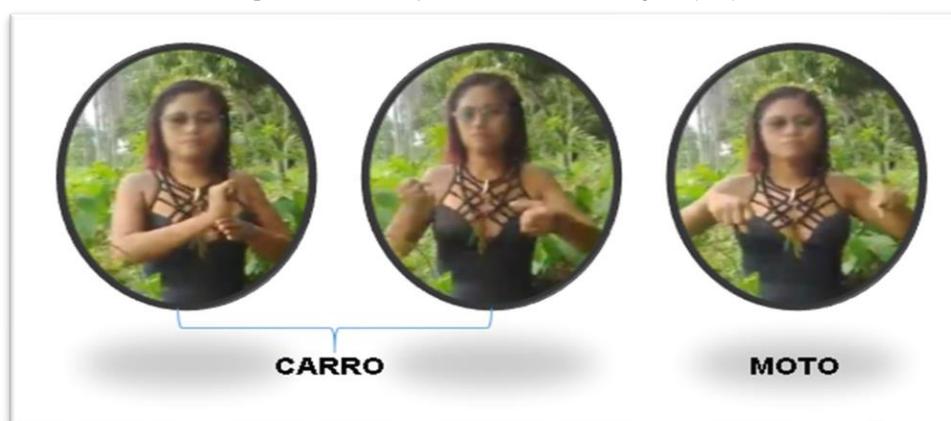
Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 49(a)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 2, Resposta 6 (Indígena)

<b>Análise da metafunção ideacional</b>					
Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>		CARRO	CARRO	MOTO
	<b>Experiencial</b>	Índice [Recuperado contextualmente]	Aspecto		
			Pr: Relacional		
	<b>Tradução</b>	[A imagem é de] carro e moto.			
<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1f2pdZGK_366-9B14zUTroK5chYfCPNx/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1f2pdZGK_366-9B14zUTroK5chYfCPNx/view?usp=sharing</a>					

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 28** – Sequência da Sinalização (P2):



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

No caso em análise, o estímulo apresentava a imagem de um homem moderno, não indígena, posando em um gesto típico de dúvida. Para os entrevistados indígenas surdos, essa imagem foi acessada a partir de suas referências culturais, sendo interpretada apenas como parte do contexto, sem relevância significativa para o uso do processo mental cognitivo. Desse modo, ambos entrevistados optaram por utilizar o processo relacional identificativo, ou seja, apresentaram a descrição da cena. Na leitura interpretativa, apenas sinalizaram P1 “MOTO CARRO” (Ivu’eti moto; Ivu’eti carro) enquanto P2 “CARRO MOTO”, no entanto, ambas as sinalizações têm o mesmo sentido. Nas orações, apenas P1 fez um olhar fixo para a imagem [um homem não indígena com óculos e mão no queixo – (dúvida)] e P2 apenas representou os sinais mencionados acima.

Do ponto de vista da pragmática, essa escolha inadvertida do estímulo visual resultou novamente num erro cultural (*cultural blunder*), já que houve um desajuste do contexto ou das referências culturais dos participantes, as quais não foram devidamente consideradas na formulação da atividade ou na interpretação dos resultados.

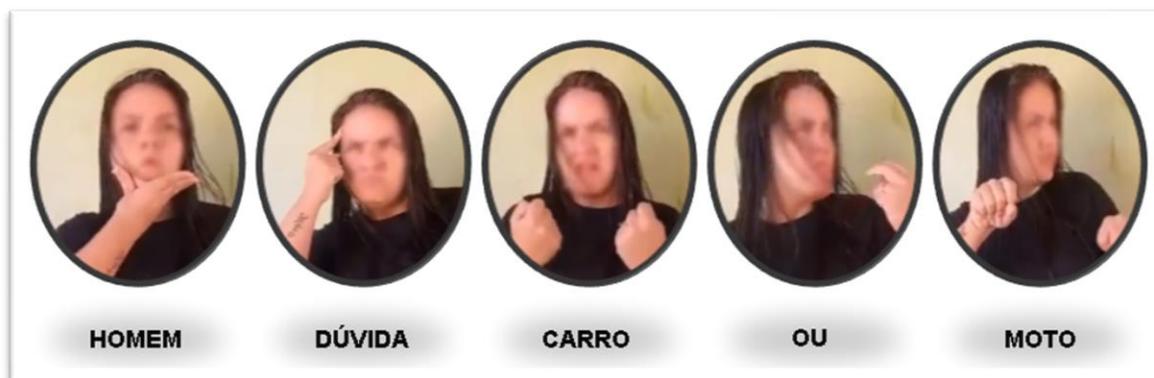
Já as respostas dos participantes não-indígenas foram as seguintes:

**Quadro 50(a)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 3, Resposta 6 (Urbano)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Expressão Facial - Dúvida				
	<b>Manual</b>	HOMEM	DÚVIDA	CARRO	OU	MOTO
	<b>Experiencial</b>	Experienciador	Pr.: Mental	Fenômeno		
	<b>Tradução</b>	"[O] homem [está] [com] dúvida [entre] [o] carro ou moto."				
<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1oHoLNuZFzGb28rqSOevDE3kTHBAK2alq/view">https://drive.google.com/file/d/1oHoLNuZFzGb28rqSOevDE3kTHBAK2alq/view</a>						

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 29** – Sequência da Sinalização (P3):



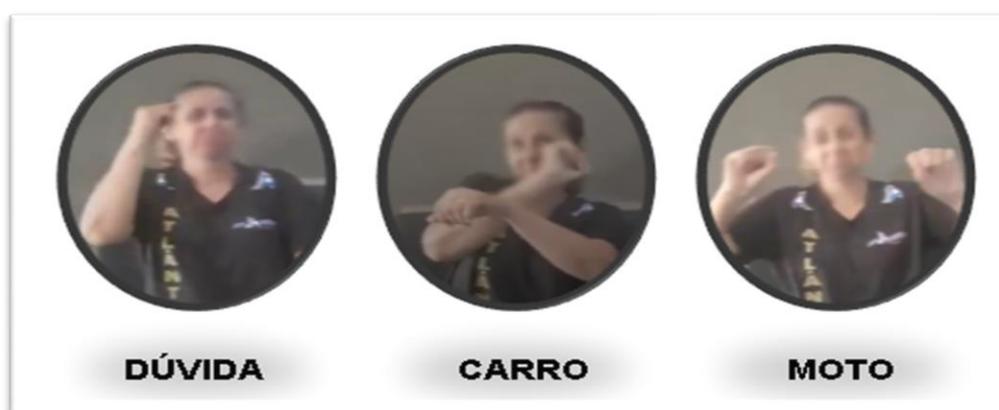
Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 51(a)** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 6

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Incorporação do personagem da imagem		
	<b>Manual</b>	DÚVIDA	CARRO	MOTO
	<b>Experiencial</b>	Pr: Mental	Fenômeno	
		Experienciador		
	<b>Tradução</b>	"[Ei@] dúvida carro [ou] moto."		
<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1o61zREe2gxqau0NG9ki8ID4qElud5xWi/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1o61zREe2gxqau0NG9ki8ID4qElud5xWi/view?usp=sharing</a>			

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 30** – Sequência da Sinalização (P4):



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Ao contrário de P1 e P2, as participantes P3 e P4, na análise, demonstraram um comportamento distinto, como observado no card representativo “Dúvida entre o carro ou moto?”. Ambas empregaram o processo mental cognitivo “DÚVIDA entre algo”. Nas orações analisadas, o “HOMEM”, sinalizado por P3, foi identificado como o Experienciador. Já a participante P4 utilizou o ENM, incorporando a personagem da imagem ao sinal “DÚVIDA”, o que resultou na construção em que o Experienciador e o processo mental estão associados, enquanto “CARRO OU MOTO” Fenômeno.

Como avaliado anteriormente, a análise indica que os entrevistados indígenas estabeleceram apenas uma relação entre os elementos representados na imagem. As evidências pragmáticas e culturais demonstram que a escolha do entrevistador pesquisador de utilizar um homem branco “estiloso”, com a mão no queixo, pode ter sido interpretada de maneira diferente pelos grupos analisados. Portanto, essas diferenças na representação da experiência entre os grupos parecem ser motivadas por distinções culturais que influenciaram a interpretação e a interação. O grupo indígena surdo acessou suas referências culturais ao observar a imagem, interpretando a figura do homem não indígena como uma representação do contexto a ser “observado”, sem transferir-se para o papel esperado de Experienciador. Essa diferença de percepção levou o grupo indígena surdo a não utilizar o processo mental cognitivo.

Esse fenômeno evidencia que as referências culturais desempenham um papel essencial na forma como os participantes interpretam os estímulos e representam a experiência. Essa análise reitera a observação de Halliday (1994) de que ao analisar um texto, é fundamental considerar as três metafunções de forma integrada, pois elas colaboram conjuntamente na construção do significado. No próximo tópico, apresentamos algumas considerações sobre o processo comportamental.

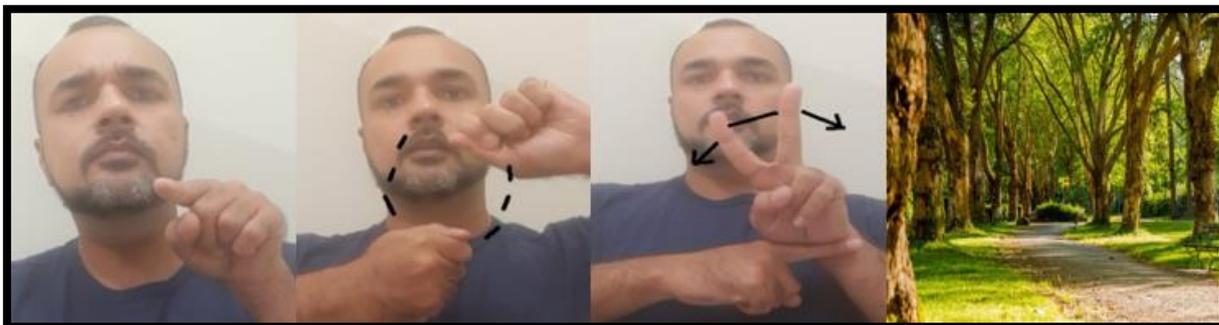
#### *3.4.5 Processo Comportamental na representação da experiência do grupo urbano analisado*

Os processos comportamentais foram identificados nas respostas dos participantes P3 e P4, ambos surdos urbanos, por mais que as respostas às perguntas teriam que ser relacionadas ao processo material. Esses processos são responsáveis pela representação do comportamento humano, incluindo atividades mentais e verbais, e estão diretamente relacionados à consciência do indivíduo. Conforme a classificação proposta por Halliday e Matthiessen (2014), tais processos são predominantemente intransitivos, uma vez que descrevem ações que não exigem um participante afetado.

Vejamos, a Figura 31 com o card representativo da pergunta:

Oração 1 Cognitivo Card representativo – O que você faz para cuidar da natureza?

Figura 31 – Processo Material



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025) Fonte: Quizur (2023)

Os participantes P3 e P4, ao responderem, reproduziram a pergunta. A hipótese é de que tenham interpretado que deveriam, com base nas imagens da sinalização, reproduzir dinamicamente o seu significado. A seguir, suas respostas, no quadro 56(b):

Quadro 45(b) – Análise da metafunção ideacional - Participante 3, Resposta 1 (Urbano)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	(O que?) (subentendido) imagem	ênfase (preocupação) interrogação		
	<b>Manual</b>	SA: PRO2SG	AR: FAZER	CUIDAR	NATUREZA
	<b>Experiencial</b>	Ator	Pr: Comportamental		Meta
	<b>Tradução</b>	[O que] você faz [para] cuidar [da] natureza?			
	<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1yMha6VVYvoWDE1AVYRnC9ztB_PEBzl4t/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1yMha6VVYvoWDE1AVYRnC9ztB_PEBzl4t/view?usp=sharing</a>			

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Figura 32 – Sequência da Sinalização (P3):



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Nesta representação, o participante P3 emprega a Ação Representada (AR) na sinalização FAZER-CUIDAR, caracterizando um processo comportamental devido à previsão de uma ação material, que simultaneamente reflete um posicionamento ético (mental). Em sua análise sobre a *British Sign Language* (BSL), Rudge (2018) não

identificou processos comportamentais em seus dados. A leitura interpretativa que fizemos, como explicitado anteriormente, revela uma Ação Representada (*depicted action*, DA) que expressa conceitos como “zelo” e “cuidado” por meio de elementos visuais e gestuais no espaço de sinalização e na cópula verbal FAZER+CUIDAR. Nesse contexto, o sinalizador emprega a ação física para retratar as características do comportamento representado. Em representações análogas, Rudge (2018) segue a orientação de Thompson (2013) para quem “os processos comportamentais são de natureza mental ou material unicamente” (SCOTTA-CABRAL; BÁRBARA, 2015, p. 189). Nesse sentido, interpretar essa realização de P3 como processo material é uma possibilidade plenamente aceitável, entretanto, consideramos que, ao sequenciar os sinais FAZER e CUIDAR, P3 constrói uma descrição mais imersiva e expressiva da ação, enfatizando sua dimensão comportamental.

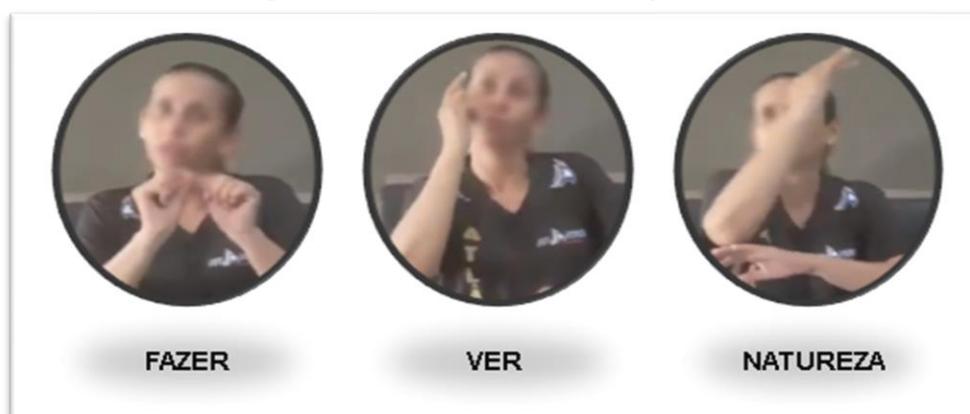
**Quadro 31(b)** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 1 (Urbano)

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	(O que você?) Subentendido	levantar sobrancelhas (interrogação)		
	<b>Manual</b>		AR: FAZER	VER	NATUREZA
	<b>Experiencial</b>	(Comportante) você/alguém	Pr: Comportamental	Extensão	
	<b>Tradução</b>	[O que você] faz ver [a] natureza?			

**Vídeo:** [https://drive.google.com/file/d/1sQ6-oBomXLXdO\\_5DRO65PhjFALCYrW0g/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1sQ6-oBomXLXdO_5DRO65PhjFALCYrW0g/view?usp=sharing)

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Figura 33** - Sequência da Sinalização (P4):



Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

De forma análoga, P4 também emprega uma Ação Representada (AR). Nesse caso, utiliza um sinal de apontamento omitido – mas subentendido pelo interagente – para referir-se a “você” ou “alguém”, que desempenha o papel de Comportante. O processo comportamental é evidenciado pela combinação de FAZER+VER, reforçada

por expressões não-manuais que transmitem a noção de “preocupação”. Esse aspecto é característico dos processos comportamentais que se aproximam dos processos mentais quando são “processos de consciência quando representados como formas de comportamento” (SCOTTA-CABRAL; BÁRBARA, 2015, p.193), como *olhar, assistir, fitar, escutar, observar, preocupar-se e sonhar*.

Por fim, a análise comparativa da sinalização entre os participantes indígenas surdos e os surdos urbanos revelou diferenças significativas em três aspectos: configuração das mãos, ponto de articulação e expressões não manuais. Essas variações podem ser amplamente atribuídas ao contexto cultural, ao grau de interação comunitária e às experiências situacionais específicas de cada grupo, refletindo suas vivências e práticas de comunicação visual-espacial. Na próxima seção, apresentaremos algumas reflexões sobre esses achados.

#### 4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esta tese teve como objetivo principal identificar e descrever as variações dos parâmetros linguísticos entre a Libras e a Língua Terena de Sinais, sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, considerando dois grupos linguísticos distintos: surdos urbanos e indígenas surdos Terena. Para atingir esse propósito, foram estabelecidos três objetivos específicos: (a) descrever comparativamente os padrões linguísticos da Libras e da Língua Terena de Sinais na representação da experiência; (b) analisar aspectos contextuais do grupo minoritário Terena; e (c) correlacionar as variações linguísticas dos parâmetros da Libras à aplicabilidade da Linguística Sistêmico-Funcional.

A partir dessa abordagem, a pesquisa revelou diferenças marcantes na forma como cada grupo representa a experiência em suas respectivas línguas de sinais. Observou-se que os indígenas surdos Terena frequentemente utilizam a Libras como base para a comunicação, incorporando sinais próprios de sua comunidade, o que demonstra um processo de adaptação linguística influenciado pelo contexto sociocultural.

Essa influência da Libras se deve, em grande parte, à necessidade de interação com intérpretes, ouvintes e outros membros da sociedade. No entanto, os sinais específicos da Língua Terena de Sinais continuam presentes, especialmente em representações de elementos culturais e identitários, como os sinais para "CACHORRO" e "ÍNDIOS", bem como no uso de ações construídas em contextos nos quais os surdos urbanos optaram por processos lexicais.

Observamos que o sinal "CACHORRO" na Libras (Língua Brasileira de Sinais) é realizado com o ponto de articulação na frente do rosto, utilizando a configuração de mão em "13" e com a palma voltada para trás. Em contraste, um dos participantes indígenas sinalizou na Língua Terena de Sinais "CACHORRO" também com a Configuração de Mão em "13", mas com o ponto de articulação na frente do corpo e as palmas voltadas para frente, o que remete à expressão "AU AU".

O sinal "ÍNDIO", utilizado pelos Participantes 1 e 2, emprega a configuração de mãos "48 + 48" e "04 + 04". Essas representações simbolizam a identidade do ente na comunidade. Durante as conversas com o pesquisador, os participantes frequentemente associam essa sinalização ao cocar, um elemento cultural significativo que é amplamente utilizado em eventos, reuniões e discussões

relacionadas a lutas, identidade e cultura. Ambas as variações de sinalização não comprometem a compreensão da mensagem.

Ao descrever comparativamente os padrões linguísticos da Libras e da Língua Terena de Sinais na representação da experiência, verificou-se que os processos materiais foram predominantes nas respostas dos participantes indígenas, enquanto os surdos urbanos fizeram maior uso de processos mentais e relacionais. Essa diferença foi particularmente evidente na análise de estímulos visuais, como a imagem de uma mulher branca maquiada segurando um frasco de perfume. Enquanto os surdos urbanos interpretaram a cena por meio de processos mentais perceptivos, os surdos indígenas a descreveram utilizando processos materiais, evidenciando uma interpretação mais concreta e vinculada à ação. Esse achado reforça a importância de considerar mais rigorosamente aspectos culturais e identitários na formulação de estímulos em pesquisas linguísticas.

A correlação entre as variações linguísticas e a aplicabilidade da Linguística Sistêmico-Funcional permitiu compreender como os padrões gramaticais se articulam nas línguas de sinais analisadas. A simultaneidade de características espaciais, cinéticas, manuais e não manuais teve grande papel na construção do significado, especificamente na metafunção ideacional. Além disso, observou-se que os surdos indígenas, em alguns momentos, “duplicaram” sinais da Libras e da Língua Terena de Sinais para enfatizar construções de sentido, sugerindo uma estratégia específica de reforço comunicativo dentro de suas interações.

No que diz respeito aos aspectos contextuais do grupo minoritário Terena, a pesquisa evidenciou a forte influência do ambiente sociocultural na estruturação das escolhas linguísticas. A presença da Libras no contexto educacional e social dos surdos indígenas teve impacto direto em suas práticas linguísticas, resultando em um bilinguismo sinalizado que merece maior atenção em futuras pesquisas.

A pesquisa enfrentou desafios metodológicos, especialmente devido à pandemia da COVID - 19, que exigiu a realização de entrevistas remotas, afetando a precisão dos dados. Além disso, o plano inicial de análise foi redirecionado, pois não foi possível incluir participantes indígenas surdos de aldeias urbanas devido a circunstâncias imprevistas. Ainda assim, a investigação conseguiu traçar um panorama relevante das dinâmicas linguísticas envolvidas.

Diante desses achados, espera-se que os resultados obtidos auxiliem intérpretes de Libras e professores de Língua Portuguesa na criação de métodos

específicos para atender às necessidades dos surdos indígenas, mesmo quando os profissionais não dominam suas línguas nativas. Além disso, a pesquisa reforça a necessidade de valorização e preservação das línguas visuais-espaciais indígenas, de modo a contribuir para o fortalecimento da identidade cultural dos povos indígenas surdos.

Para este pesquisador, o trabalho foi extremamente gratificante, deixando um desejo de aprofundar ainda mais o estudo. A Língua Terena de Sinais está em um processo contínuo de construção, tanto em termos lexicais quanto sintáticos. Como mencionado anteriormente, as entrevistas foram realizadas remotamente, o que limitou as trocas mais profundas entre o pesquisador e os participantes. No entanto, esta pesquisa abre portas para outros pesquisadores interessados em explorar a fundo a língua indígena de sinais.

Por fim, esta tese não representa um ponto final, mas um convite à continuidade dos estudos sobre as línguas indígenas de sinais no Brasil. A aplicação da Linguística Sistêmico-Funcional a essas línguas ainda é um campo pouco explorado, e a análise da construção da experiência por meio da linguagem visual-espacial abre novas possibilidades de investigação. Esperamos que este estudo sirva como um suporte para ampliar o conhecimento sobre a Libras, as línguas indígenas de sinais e a relação entre linguagem, cultura e identidade no país.

## REFERÊNCIAS

ADÂMOLI, J.; MACEDO, J.; AZEVEDO, L. G.; NETTO, J. M. **Caracterização da região dos cerrados**. In: **Goedert, W.J., ed. Solos dos cerrados: tecnologias e estratégias de manejo**. São Paulo: Nobel/Planaltina: EMBRAPA-CPAC p.33-98. 1987.

ALMEIDA, M. M. **O ensino de espanhol em contexto tecnológico: uma reflexão metodológica orientada pela Pedagogia de Gêneros da LSF**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 295. 2021.

ALMEIDA, M. P. **Língua de Sinais X Libras: Uma Abordagem da Historiografia Linguística**. Orientador: Prof. Dr. Miguel Eugênio Almeida. 2013. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2014.

ALMEIDA, M. P.; ALMEIDA, M. E. História de Libras: características e sua estrutura. **Revista Philologus**, Ano 18, nº 54, Rio de Janeiro: CIFEFIL. 2014.

ALMEIDA, M. P. **Língua Portuguesa e a Construção de Sentido para os Surdos Indígenas Usuários da Libras (Língua Brasileira de Sinais)**. Arara Azul. 2012.

BARBEIRO, L. F. Os processos na atividade de escrita: estudo com base na escrita colaborativa. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 44, p. 1-13, 2022.

BARBOZA, C. F. S.; *et al.* importância da aprendizagem de Libras para a formação de professores bilíngues dentro de uma perspectiva inclusiva. 2015. **Revista Espaço**, v. 43, n. 1, p. 192-218.

BATISTA, E. C.; MATOS, L. A. L.; NASCIMENTO, A. B. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 11, n. 3, p. 23-38, 2017.

BIEMBENGUT, M. S. **Mapeamento na pesquisa educacional**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda. 2008.

BRAGA, C. F. B. **Produção escrita no ensino/aprendizagem de inglês como língua estrangeira no contexto de uma escola particular de Natal, RN: Uma pesquisa - ação em pedagogia de gênero**. UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN, p. 229. 2019.

BRANDÃO, Z. A dialética macro/micro na sociologia da educação. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. de 2001.

BRASIL: Reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In Bruno, Marilda Moraes Garcia e Coelho, Luciana **Lopes Discursos e Práticas na Inclusão de Índios Surdos em Escolas Diferenciadas Indígenas**. Educação &

**Realidade [online]**. 2016, v. 41, n. 3 [Acesso: dezembro, 2022], pp. 681-693. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623661084>. Acesso em: 25 jul. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura Indígena. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei N° 10.436**, de 24 de abril de 2002. (2202, 25 abril). Dispõe sobre a língua brasileira de sinais – Libras – e dá outras providências. Diário Oficial da União

BRASIL. Plano Nacional de Educação (PNE). **Lei Federal n.º 10.172**, de 9/01/2001. Brasília: MEC, 2001.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal Subsecretaria de Edições Técnicas, 1988. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em: 05 jan. 2023.

BRASIL. **Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm). Acesso em: 20 jul. 2022.

CABRAL, S. R. S. Transitividade e auto/representação em um debate político. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 16, n. 1, p. 9-35, 2015.

CABRAL, P. E. **Educação escolar indígena em Mato Grosso do Sul: algumas reflexões**. Campo Grande, SED-MS, 2003.

CABRAL, S. R. S e BARBARA, L. **Processos comportamentais na perspectiva da LSF: uma investigação inicial**. Letras, Santa Maria, v. 25, n. 50, p. 187-206, jan./jun. 2015.

COELHO, L. L., BRUNO, M. M. G., CRUZ-ALDRETE, M. (2022). Comunidades indígenas e as línguas de sinais: os desafios do ensino bilíngue para indígenas surdos. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, Campinas-SP, v. 22, p.1-18. Doi: 10.20396/liames.v22i00.8670372.

COSTA, E. S., BEZERRA, E. T., NASCIMENTO, L. R. S. (2022). Etnoterminologia de etnias das línguas de sinais das terras indígenas brasileiras. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, Campinas-SP, v. 22, p.1-21. Doi: 10.20396/liames.v22i00.8668367.

COSTA, V. H. C. **Estudos de transitividade em linguística sistêmico- funcional**. 1ª. ed. Santa Maria, RS: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM, 2018.

COSTA, W. F. *et al.* Uso de instrumentos de coletas de dados em pesquisa qualitativa: um estudo em produções científicas de turismo. **Revista Turismo, Visão e Ação**, v. 20, n. 1, p. 1-27, jan.-abr. 2018.

COSTA, V. H. C. Os processos mentais nas representações de homens e mulheres heterossexuais em anúncios pessoais eletrônicos. **Revista Letras**, Alegrete, RS, v. 25, n. 50, p. 119-142, jan./jun. 2015.

DAVILA, B. A.; RODRIGUES, R. R. A representação experiencial da jovem no conto "The young girl" de Mansfield e em sua tradução para o português do Brasil. **Translatio**, v. 8, n. 1, p. 1-24, 2014.

DEPOSITPHOTOS. **Barriga de uma mulher grávida com a palavra baby**. 2023. Disponível em: <https://depositphotos.com/br/photo/belly-of-pregnant-woman-44065537.html>. Acesso em: 10 jan. 2023a.

DEPOSITPHOTOS. **Mãe cuidando da filha doente com máscara de oxigênio e ursinho de pelúcia**. 2009. Disponível em: <https://depositphotos.com/br/photo/belly-of-pregnant-woman-44065537.html>. Acesso em: 10 jan. 2023b.

Dictionary.com, s.v, "**cultural blunder**". Disponível em: <https://www.dictionary.com>. Acesso em: 05 abr. 2025.

FARIA, E. M. B. *et al.* Língua de sinais: um instrumento viabilizador do desenvolvimento cognitivo e interacional do surdo. In: DORZIAT, A. **Estudos surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011.

FERRARI, A. C. M. Diálogos oportunos sobre as línguas de sinais indígenas: apresentação do Dossiê "Emergências das línguas de sinais indígenas. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, v. 22, p. e022017-e022017, 2022.

FREIRE, J. R. B. **Trajetória de muitas perdas e poucos ganhos**. Rio de Janeiro: IBASE, jul. 2004.

FRUTUOSO, A.; SÁ, C. A. A.; GOMES, J. B. F. Os processos relacionais e a construção de sentido na introdução do gênero dissertação: uma análise sistêmico-funcional. **Gêneros multimodais, multiletramentos e ensino**, São Carlos/SP, v. 1, n. 1, p. 43-50, 2019.

FUNASA. **Fundação Nacional de Saúde**. Saúde Indígena. Disponível em: [www.funasa.gov.br](http://www.funasa.gov.br). Acesso: 05 nov. 2022.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. 1ª. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

GHEDIN, E. **Hermenêutica e Pesquisa Em Educação: Caminhos Da Investigação Interpretativa**. Evandro Ghedin, 2004. Disponível: <https://arquivo.sepq.org.br/IISIPEQ/Anais/pdf/gt1/10.pdf>. Acesso: 03 dez. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.  
 GODOI, E.; LIMA, M. D.; LEITE, L. S. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS [recurso eletrônico]: a formação continuada de professores**. 2. ed. – Uberlândia: EDUFU, 2021. Acesso: Jan. 2023. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-513-8>. Acesso em: 12 nov. 2022.

Goffman, E. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. New York: Doubleday Anchor, 1967.

GOUVEIA, C. A. M. **Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional**. Matraca-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, v. 16, n. 24, 2009.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. Routledge, 2014.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. **Halliday's introduction to functional grammar**. Routledge, 2013.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. 3rd. edition, London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University press, 1989.

HENRIQUES, E.; SOUZA, M. M. Uma investigação Sistêmico-Funcional das representações de Masculino e de Feminino a partir do Sistema de Transitividade. **Revista de Linguística**, Fortaleza, v. 10, p. 120-135, ago. 2020.

INDIOS DO BRASIL. Programas 1 a 5. Secretaria de Educação Fundamental e Secretaria de Educação à Distância, Ministério da Educação Realização TV Escola. 1 fita de vídeo (90 mim), VHS, son., color.

INVEXO. Jaime Aroxa Ipanema: a renomada escola de dança no Rio. Invexo, 8 set. 2022. Disponível em: <https://invexo.com.br/blog/jaime-aroxa-ipanema/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2010. **Censo Demográfico 2010: características gerais dos indígenas – resultados do universo**. Ministério do Planejamento, orçamento e gestão, Governo Federal.

IBGE –Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em: 02 mar 2025.

LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. (2014). **Língua de sinais**. Marianne Rossi Stumpf; Ronice Müller de Quadros; Tarcísio de Arantes Leite (orgs.), Edição: 1ª. ed. Editoria: Florianópolis: Editora Insular, 2013. Páginas: 232 p.

LIMA, M. O uso da entrevista na pesquisa empírica. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 24-41, 2016.

LIMA, M. S. B.; MOREIRA, E. V. A pesquisa qualitativa em geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 37, p. 27-55, ago./dez. 2015.

LIRA, Cauê. **Nova moto chinesa copia design da Ducati para desafiar a Honda CB600F Hornet**. Auto Esporte, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://autoesporte.globo.com/motos/noticia/2022/03/nova-moto-chinesa-copia-design-da-ducati-para-desafiar-a-honda-cb600f-hornet.ghtml>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MARTIN, J.R. **English text: system and structure**. Amsterdam: Benjamins, 634 p. 1992.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Descriptive motifs and generalisations. In: A. Caffarel, J. R. Martin e C. M. I. M. Matthiessen (eds.). **Language Typology: A functional perspective**. Amsterdam: John Benjamins, p. 537-674, 2004.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; LAM, M. **Key Terms in Systemic Functional Linguistics**. New York/London: Continuum International Publishing Group, 2010.

MOMENTO SAÚDE (website). **Você sabe o que é polineuropatia de estágio 1 ou 2?**. Disponível em: <https://www.momentosaude.com.br/2023/10/16/voce-sabe-o-que-e-polineuropatia-de-estagio-1-ou-2/>, 2023. Acesso em: 10 jan. 2023.

MOREIRA, M. A. **Práticas discursivas e sociais na relação família-escola comunidade: da realidade de adolescentes ao discurso legal no Brasil**. 305p. Tese (Doutorado em linguística) - Universidade de Brasília, 2015.

MOURA, N. dos S. P. (2012). Relatório antropológico da Inspeção Judicial em áreas das fazendas Ouro Preto, Cristalina e Ipanema, e na comunidade indígena (aldeia) Taunay-Ipegue, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Revista Nanduty**, 1(1), 154–193. Recuperado de <https://ojs.ufgd.edu.br/nanduty/article/view/2298>. Acesso em: 12 mar. 2023.

MUSSATO, M.; CAMESCHI, C. Bilinguismo para surdo. Bilinguismo para indígena. Como (deve) se configura(r) o universo linguístico de um surdo indígena? **The Specialist**, v. 41, 1, 26 p. 2020.

NASCIMENTO, C. M, ALMEIDA, G. P. O, SANTOS, R. C. F. **A inclusão de libras na educação básica: aspectos e desafios**. Faculdade Ages, Senhor do Bonfim, Bahia, 2021. Disponível: <https://repositorio->

[api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/d6abacd1-93e6-40be-9045-4ff8b612fc44/content](http://api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/d6abacd1-93e6-40be-9045-4ff8b612fc44/content). Acesso: 12 nov. 2022.

NUNES, S. da S., SAIA, A. L., SILVA, L. J. e MIMESSI, S. D. Surdez e educação: escolas inclusivas e/ou bilíngues? **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, 19(3), 537-545, 2015.

NYPETS. **Como cuidar de cachorro recém-nascido**: guia completo! NYPets, 14 ago. 2020. Disponível em: <https://nypets.com.br/blogs/blog/como-cuidar-de-cachorro-recem-nascido-guia-completo>. Acesso em: 10 jan. 2023.

OCHIUTO, E. F. A. S.; CONSTÂNCIA, R. F. J. A aquisição da Libras como L1 e da língua portuguesa como L2 para surdos: uma revisão funcionalista. **Polifonia**, v. 25, n.39,2, p. 183-302, 2018.

OLIVEIRA, J. C. P. *et al.* O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas. **III CONEDU - Congresso Nacional de Educação**, p. 1-13, 2016.

OLIVEIRA, D. M. O sistema de avaliatividade: Aspectos teóricos e práticos. **Revista Fórum identidades**, Itabaiana, v. 15, n. 8, p. 245-264, jan./jun. 2014.

OLIVEIRA, R. C. **Do índio ao bugre**. O processo de assimilação dos Terena. Francisco Aves. Rio de Janeiro. 1976.

OLIVEIRA, R. C. **O processo de assimilação dos Terena**. Oficina Gráfica da Universidade do Brasil. Rio de Janeiro. 1960.

PASSOS, R. **Parâmetros físicos do movimento em Libras [manuscrito]: um estudo sobre intensificadores**. 2014. Tese doutorado Belo Horizonte Faculdade de Letras da UFMG. Disponível: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/RMSA-ALAGMG/1/1282d.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2024.

PERFUME importado feminino é uma excelente opção de presente. **UAI**, 1 nov. 2019. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/negocios/2019/11/01/noticias-negocios,252834/perfume-importado-feminino-e-uma-excelente-opcao-de-presente.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2023.

POZZEBON, M., PETRINI, M. de C. (2013). Critérios para Condução e Avaliação de Pesquisas Qualitativas de Natureza Crítico-Interpretativa. In: TAKAHASHI, Adiana Roseli Wünsch. **Pesquisa Qualitativa em Administração**: fundamentos, métodos e usos no Brasil. São Paulo: Atlas, 2013. p.51-72. ISBN é 978-85-224-7712-8. Abr. 2013.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais mais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de & SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos** – Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUIZ SOBRE NATUREZA, **Quizur**, 2023. Disponível em: <https://pt.quizur.com/trivia/quiz-sobre-a-natureza-VKts>. Acesso em: 10 jan. 2023.

REFLEXOS PRODUTORA. **3 motivos para fazer um ensaio de casal**. Reflexos Produtora, 18 maio 2021. Disponível em: <https://www.reflexosprodutora.com.br/post/3motivosparafazerumensaiodecasal>. Acesso em: 10 jan. 2023.

RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. R. **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, v. 1, 2023.

RODRIGUES, N. L.; CAMPOS, R. P. **Perspectivas Locais sobre o Programa Nacional de Alimentação Escolar em uma Comunidade Indígena de Aquidauana-MS**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/6009>. Acesso em: 02 mar. 2025.

ROSE, D. **Reading to Learn: accelerating learning and closing the gap**. Teacher training books and DVD. Sydney: UTS, 2015.

RUDGE, L. A. **Analyzing British sign language through the lens of systemic functional linguistics**. PhD Thesis, University of the West of England, 2018.

SANTOS, M. R.; VIEIRA, V. C.; Ferraz, J. A. Navegantes do Solimões: a emergência de sinais Omágua-Kambeba à luz da análise de discurso crítica. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, 22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.20396/liames.v22i00.8667953>.

SCOTTA CABRAL, S. R.; BARBARA, L. Processos comportamentais na perspectiva da LSF: uma investigação inicial. **Letras**, (50), 187–206. <https://doi.org/10.5902/2176148520210>, 2015.

SILVA, G. G. Língua de sinais, gestos e cores: o caso ka'apor. **LIAMES: Línguas Indígenas Americanas**, 22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.20396/liames.v22i00.8667939>.

SILVA, G. M. Parâmetros da Libras. **Linguagem, surdez e educação. Autores Associados**, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2020.

SILVA, W. R. Considerações sobre contexto de cultura na Linguística Sistêmico-Funcional. In: **XVII Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina-ALFAL**. 2014.

SILVA, W. R.; ESPINDOLA, E. Afinal, o que é gênero textual na Linguística Sistêmico-Funcional? **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 34, p. 259-307, 2013.

SILVANA. Povos Indígenas do Brasil – 19 de Abril, dia do Índio. **Vida Selvagem e Urbana**, 2017. Disponível em: <https://mundoanimalevidaselvagem.blogspot.com/2017/04/povos-indigenas-do-brasil-19-de-abril.html?m=1>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SILVEIRA, Flávio. **Avaliação**: Fiat Argo 1.0 S-Design é ótimo popular-chic, mas vale a pena? Motor Show, 24 ago. 2021. Disponível em: <https://motorshow.com.br/avaliacao-fiat-argo-1-0-s-design-e-otimo-popular-chic-mas-vale-a-pena/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SKLIAR, C. **Os estudos surdos em educação**: problematizando a normalidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2010, p. 7-32.

SOARES, S. J. Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo. **Revista Ciranda**, Montes Claro/MG, v. 1, n. 3, p. 168-180, jan./dez. 2019.

SOUZA, R. M. **Que palavra de falta?** Linguística, educação e surdez. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOUZA, D. T. **A constituição prosódica da Língua brasileira de sinais (LIBRAS)**: As expressões não manuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 181. 2020.

SOUZA, K. P. F. A atuação da metafunção textual nas cláusulas relativas apositivas “desgarradas”. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 28, p. 412-432, 2020.

SUMAIO, P. **Língua Terrena de Sinais**: análise descritiva inicial da língua de sinais usada pelos terenas da Terra Indígena Cachoeirinha. Araraquara, 214 p., 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras) -Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

TERENA, M. **Cidadãos da Selva**: a história contada pelo outro lado. Rio de Janeiro: Gráfica JB, 1992.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar**. London and New York: Routledge, 2013.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar**. 3. ed. London and New York: Routledge, 2014.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e o Enquadramento da Acção – Necessidades Educativas Especiais**. Adaptado pela Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, Salamanca, 1994.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS). **Comitê de Ética em Pesquisa**. 2025. Disponível em: <https://www.ufms.br/cep>. Acesso em: 25 fev. 2025.

VARGAS, V. L. F. **A Dimensão sociopolítica do Território para os Terena: As aldeias nos séculos XX e XXI.** Tese de doutorado, Niterói: UFF, 2011.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes:** um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de mato grosso do sul. 2009. 137 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

## ANEXOS

**Anexo 1 – Quadros dos roteiros de perguntas****Quadro 52 – Roteiro de perguntas do Processo Material****Processo Criativo (criando a Meta)**

O que você faz para cuidar da natureza? (Português)

Você o que fazer cuidar natureza? (Libras)



Fonte: Autor

Fonte: Quizur (2023)

Expectativa na resposta:

- Uso de processos materiais criativos
- Uso de processos materiais dispositivos
- Uso dos Participantes Ator e Meta

**Processo Dispositivo (afetando a Meta)**

Como o cachorro cuida dos filhos? (Português)

Como cachorro cuidar filhos? (Libras)



Fonte autor

Fonte: Nypets (2020)

Expectativa na resposta:

- Uso de processos materiais dispositivos
- Uso dos Participantes Ator, Meta e Beneficiário

**Processo Causativo**

Card. representativo – descreva a cena. O que está acontecendo?



Fonte: Vida Selvagem e Urbana (2017)

Expectativa na resposta:

- Uso de processos materiais causativos
- Uso dos Participantes Ator, Meta e Alcance

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

### Quadro 53 – Roteiro de perguntas do Processo Mental

#### PERCEPTIVO

Card representativo – o que ela está fazendo?



Fonte: Uai (2019)

#### EMOTIVOS

Card representativo – o que eles estão fazendo? O que é isso?



Fonte: Reflexos Produtora (2023)

#### COGNITIVOS

Card representativo – Dúvida entre o carro ou moto?



Fonte: Momento Saúde (2023); Fonte: Silveira (2021); Fonte: Lira (2022)

#### VOLIÇÃO OU DESIDERATIVOS

Card representativo – o que ela quer/espera?



Fonte: DepositPhotos (2023a)

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

#### Quadro 54 – Roteiro de perguntas do Processo comportamental

##### Próximo do Mental

Card representativo – descreva a cena. O que está acontecendo?



Fonte: DepositPhotos (2023b)

##### Próximo do Material

Card representativo – descreva a cena. O que está acontecendo?



Fonte: Invexo (2022)

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

## Anexo 2 – Íntegra da Análise de Sinalização e Metafunção Ideacional

### Análise da Sinalização Participante 1

**Quadro 55** – Análise da Sinalização - Participante 1, Resposta 4

<b>Transcrição: (1) MULHER (2) PASSAR PERFUME</b>	
Configuração de Mão (CM)	(1) 68; (2) 68
Ponto de Articulação (PA)	(1) ROSTO; (2) ESPACIAL
Movimento (M)	(1) CM “68” SAINDO DO ROSTO; (2) MOVIMENTO FRENTE A UM OMBRO AO OUTRO COM O DEDO POLEGAR MEXENDO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) A PALMA DA MÃO VIRADA PARA O LADO, APENAS O DEDO PELEGAR LEVANTADO; (2) A PALMA DA MÃO PARA TRÁS, APENAS O POLEGAR LEVANTADO E FAZ MOVIMENTOS.
Expressões não manuais (ENM)	SEM ENM
Comentários	Para o sinal de MULHER, este sinalizante usa o parâmetro da Libras, porém, para PERFUME, há diferença. Na Libras, utiliza-se o dedo indicador; na LS Terena, o polegar.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 56** – Análise da Sinalização - Participante 1, Resposta 5

<b>Transcrição: (1) CORAÇÃO</b>	
Configuração de Mão (CM)	(1) CM TIPO 15 + 15
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL
Movimento (M)	SEM MOVIMENTO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) AS DUAS PALMAS DAS MÃOS DE LADO, UMA FRENTE À OUTRA, FAZENDO SÍMBOLO DE CORAÇÃO.
Expressões não manuais (ENM)	(1) ROSTO DE APAIXONADO.
Comentários	Observa que P1 (indígena surdo) opta por fazer o coração com a mão, pois, na comunidade dele, quando o casal está apaixonado, é o simbolismo lá utilizado.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 57** – Análise da Sinalização - Participante 1, Resposta 6

<b>Transcrição: (1) MOTO (2) CARRO</b>	
Configuração de Mão (CM)	(1) 69 + 69; (2) 69 + 69
Ponto de Articulação (PA)	(1) e (2) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) MOVIMENTO IGUAL PILOTANDO UMA MOTO; (2) MOVIMENTO IGUAL DIRIGINDO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) AS PALMAS DAS MÃOS PARA BAIXO FECHADAS; (2) AS PALMAS DAS MÃOS PARA OS LADOS, UM DE FRENTE COM O OUTRO, FECHADAS.
Expressões não manuais (ENM)	SEM ENM
Comentários	Aqui utilizou-se os sinais de representação dos objetos CARRO e MOTO.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 46** – Análise da Sinalização - Participante 1, Resposta 7

<b>Transcrição: (1) GRAVIDA (2) NANAR</b>	
Configuração de Mão (CM)	(1) 76; (2) 69 + 69
Ponto de Articulação (PA)	(1) FRENTE A BARRIGA; (2) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) SEMICÍRCULO NA BARRIGA; (2) MOVIMENTO DE BALANÇAR.
Orientação das Mãos (OM)	(1) AS DUAS PALMAS DAS MÃOS PARA DENTRO COM OS DEDOS JUNTOS; (2) AS DUAS PALMAS DAS MÃOS PARA CIMA.
Expressões não manuais (ENM)	SEM EXPRESSÃO

Comentários	O sinalizante utiliza recursos bem básicos e teve a variação de influência da aldeia.
-------------	---

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 479** – Análise da Sinalização - Participante 1, Resposta 8

<b>Transcrição:</b> (1) CRESCER (2) MULHER	
Configuração de Mão (CM)	(1) 05; (2) 68
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL; (2) ROSTO.
Movimento (M)	(1) RETO PARA CIMA; (2) SAINDO DO ROSTO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) PALMA DA MÃO PARA BAIXO COM TODOS OS DEDOS ABERTOS; (2) PALMA DA MÃO PARA O LADO SOMENTE COM O PELEGAR PARA CIMA.
Expressões não manuais (ENM)	SEM EXPRESSÃO
Comentários	Aqui utilizou sinais e recursos básicos da Libras, sem expressão.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 60** – Análise da Sinalização - Participante 1, Resposta 9

<b>Transcrição:</b> (1) DANÇAR	
Configuração de Mão (CM)	(1) 69 +69
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL
Movimento (M)	(1) MOVIMENTO COM OS BRAÇOS E MÃOS FECHADAS DANÇANDO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) AS PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO E OS DEDOS FECHADOS AFASTADOS.
Expressões não manuais (ENM)	EXPRESSÃO DE CORPO DANÇANDO.
Comentários	Percebe-se que o sinal de utilização é uma variação linguística influenciada pela aldeia.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

### *Análise da metafunção ideacional Participante 1*

**Quadro 44(b)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 1, Resposta 4

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não Manual</b>	[Ela] fixação do olhar na imagem		
	<b>Manual</b>		PASSAR	PERFUME
	<b>Experiencial</b>	Ator	Pr. Material	Meta
	<b>Tradução</b>	"[Ela] passando perfume."		
	<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/199MM6OBY5CMdp9RvrTz-pey152U0We6/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/199MM6OBY5CMdp9RvrTz-pey152U0We6/view?usp=sharing</a>			

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

P1 optou por utilizar um processo material. No card representativo, que pergunta “O que ela está fazendo?”, vemos uma mulher segurando um frasco de perfume. Sua expressão, com os olhos fechados, sugere que ela está sentindo a fragrância e sendo transportada a uma lembrança. O objetivo era que o participante percebesse essa conexão, uma vez que o card integra o roteiro de perguntas voltadas ao processo mental. No entanto, o participante respondeu “PASSAR”, indicando um processo material, e identificou “PERFUME” como meta. Essa resposta apresenta o

ator oculto e é inferida a partir da imagem da mulher não indígena cheirando um perfume.

A escolha dessa imagem revelou-se inadequada, resultando em um erro cultural (*cultural blunder*) que levou o participante a um choque cultural. Na formulação das perguntas semiestruturadas, não foram devidamente consideradas as referências socioculturais dos participantes, o que impactou diretamente a interpretação e a resposta fornecida.

**Quadro 61** – Análise da metafunção ideacional - Participante 1, Resposta 5

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	(eles) fixação do olhar	movimento da cabeça e boca		
	<b>Manual</b>		(abdução da mão)	CORAÇÃO	
	<b>Experiencial</b>	índice [Pr: Relacional]		[Pr: Relacional] Aspecto	
	<b>Tradução</b>	"Parece, [que] [eles] [estão] apaixonados."			
	<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1IICEQv_WGrmB1FNYozfNsNBOQjduEN2A/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1IICEQv_WGrmB1FNYozfNsNBOQjduEN2A/view?usp=sharing</a>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

P1 apenas sinalizou “CORAÇÃO”, mas é importante considerar todos os detalhes envolvidos. Durante a entrevista, ele estava observando um *card* que apresentava um casal em um local florido, com expressões de amor e muito apaixonados. Ele deveria responder às perguntas: “O que eles estão fazendo?” O que é isso?” A resposta esperada na Língua de Sinais Brasileira em relação à LSF era a utilização do processo mental emotivo. No entanto, ao analisar a leitura interpretativa junto com os fatores não manuais, a fixação do olhar e o movimento da cabeça, chegamos à conclusão de que ele utilizou o processo relacional. Isso se evidencia pelo índice e pelo movimento da cabeça e da boca (abdução da mão). Assim, a sinalização “CORAÇÃO” foi uma forma de relacionar a imagem à sua resposta.

**Quadro 48(b)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 1, Resposta 6

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	[figura] fixação do olhar			
	<b>Manual</b>		MOTO	CARRO	
	<b>Experiencial</b>	índice	Aspecto		
	<b>Tradução</b>	"[figura] é moto e carro"			
	<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1rsP70zOyslgKwGkx-XH-4PBcow4EnX0C/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1rsP70zOyslgKwGkx-XH-4PBcow4EnX0C/view?usp=sharing</a>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Na leitura interpretativa de P1, ele sinalizou apenas “MOTO + CARRO”, mas alguns detalhes devem ser observados. Durante a entrevista, seu foco estava em um *card* que exibia um homem moderno, não indígena, com uma expressão de dúvida,

acompanhado de duas imagens: uma de um carro e outra de uma moto. A expectativa era que ele respondesse à pergunta “Dúvida entre o carro ou a moto?”, utilizando um processo mental, conforme esperado na Língua Brasileira de Sinais (Libras) em relação à Língua de Sinais Francesa (LSF).

No entanto, ao analisar sua sinalização em conjunto com a leitura interpretativa, expressões não manuais e fixação do olhar, concluímos que ele empregou um processo relacional. Sua expressão não manual (ENM) ao olhar para a imagem funcionou como um Índice, enquanto a sinalização “MOTO + CARRO” representou um Aspecto. Isso indica que ele apenas associou a imagem à sinalização, sem alcançar a interpretação esperada dos resultados.

Do ponto de vista pragmático, a escolha inadequada da imagem resultou em um erro cultural (*cultural blunder*), gerando um choque cultural no participante. Na formulação das perguntas semiestruturadas, não foram devidamente consideradas as referências socioculturais dos participantes, o que impactou diretamente sua interpretação e resposta.

**Quadro 42(b)** – Análise da metafunção ideacional – Participante 1, Resposta 7

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não-manual</b>	Olhar fixo para a imagem
	<b>Manual</b>	GRÁVIDA AC: NANAR [Bebê]
	<b>Experiencial</b>	Experienciador
		Pr: Mental
	<b>Tradução</b>	"Grávida [quer] cuidar [do] bebê."

**Vídeo:** <https://drive.google.com/file/d/1wCPL6GA5f-vE1dPIlvhNt7kmlx26Onj/view?usp=sharing>

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

P1 sinalizou “GRÁVIDA” e “NANAR BEBÊ”, utilizando a Ação Construída (*Constructed Action* – CA), uma estratégia linguística empregada para representar uma ação ou série de ações em narrativas ou conversas. Essa construção envolve o uso de expressões faciais, movimentos corporais e outros marcadores não manuais para transmitir sequências de eventos ou interações. Diferente da sinalização individual de cada ação, a ação construída permite que usuários de línguas de sinais expressem atividades dinâmicas ou detalhadas combinando elementos visuais e espaciais.

Nesse contexto, P1 utilizou o sinal de “GRÁVIDA” posicionando a mão na barriga, característica de sua comunidade, o que difere da Libras, onde o sinal é feito com o dedo indicador. Já a ideia de “querer cuidar” foi transmitida por meio da ação construída “NANAR BEBÊ”. Essa construção não apenas representa o ato de ninar,

mas também evoca um significado mais profundo, relacionado ao amor e à conexão emocional e mental entre a mãe e o bebê que está para nascer.

**Quadro 62** – Análise da metafunção ideacional - Participante 1, Resposta 8

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	CRESCER	CRESCER	MULHER	CRESCER	
	<b>Experiencial</b>				Ator	
	<b>Tradução</b>	"A menina [está] crescendo."				
	<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1wwR3ULf5_8EzssH8tLZSjO_kjymKu5_P/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1wwR3ULf5_8EzssH8tLZSjO_kjymKu5_P/view?usp=sharing</a>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

P1 apenas sinalizou “CRESCER, CRESCER, MULHER, CRESCER”, mas é importante observar alguns detalhes. Durante a entrevista, ele estava olhando para a imagem do *card*, que mostra uma mulher “mãe” com expressão preocupada, pois sua filha doente precisa de oxigênio para poder respirar melhor. Ele deveria ter descrito a cena – “O que está acontecendo?” A resposta esperada na LSF era o processo comportamental. Porém, ao analisar a sinalização, o contexto e a fixação do olhar, chegamos à seguinte conclusão de que ele usou a repetição para indicar um processo contínuo. Ao olhar para a imagem, retratou que a mãe estava com os olhos fechados e imaginou que a expressão da mulher no *card* representava: “menina está crescendo”. Assim, ele quis demonstrar um reforço ou uma continuidade na relação ao que viu. Portanto, em vez de descrever a cena como pede no *card*, ele apenas sinalizou “MULHER”, que traduz como Menina; analisando na LSF, é o Ator e “CRESCER, CRESCER, CRESCER” indica um Processo Material contínuo. Aqui recaiu na escolha inadequada da imagem, resultou em um erro cultural (*cultural blunder*), levando o participante a ter um choque cultural.

**Quadro 63** – Análise da metafunção ideacional - Participante 1, Resposta 9

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	[Eles] corpo movimento dançar	
	<b>Manual</b>		DANÇAR
	<b>Experiencial</b>	Ator	Pr. Material
	<b>Tradução</b>	"[Eles] Dançando."	
<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1U7MbKCbygkPAIW-l5Gp-MBgYsjonn9EW/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1U7MbKCbygkPAIW-l5Gp-MBgYsjonn9EW/view?usp=sharing</a>		

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

P1 apenas sinalizou “DANÇAR”, mas é importante notar os detalhes. No momento da entrevista, ele estava observando o *card* que mostrava várias pessoas com roupas adequadas para ginástica e/ou dança. Se fôssemos descrever a cena, trata-se de um salão onde ocorrem aulas de dança, onde alguém ensina a dançar e

ajuda as pessoas a melhorarem sua saúde ou saírem da rotina. O esperado seria que ele representasse o processo comportamental e descrevesse a cena – “O que está acontecendo?”. No entanto, ao analisarmos a sinalização, o contexto e os movimentos do corpo do sinalizante, chegamos à conclusão de que ele utilizou um processo anafórico. Ao fazer um leve movimento corporal, ele indicou que não havia apenas uma pessoa dançando, mas várias; esse movimento corporal evidencia o pronome “Eles” através da ENM (Expressão Não Manual). Notamos também uma diferença na forma de dançar: na comunidade indígena Terena, os braços são usados com movimentos corporais mais amplos, enquanto na Libras o sinal de “DANÇAR” é feito principalmente com as mãos e também com o corpo, mas explicado por meio de classificadores. Então, o Ator [Eles] ficou oculto, sendo indicado pela ENM, e “DANÇAR” é processo material nesta oração.

#### *Análise da Sinalização Participante 2*

**Quadro 64** – Análise da Sinalização - Participante 2, Resposta 4

<b>Transcrição:</b> (1) PASSAR (2) PERFUME	
Configuração de Mão (CM)	(1) 64; (2) 48
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL; (2) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) CM “Y” PASSANDO FRENTE AOS OMBROS DE UM LADO AO OUTRO; (2) CM “48” PASSANDO FRENTE AOS OMBROS DE UM LADO AO OUTRO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) PALMA DA MÃO DE LADO COM O DEDO POLEGAR E MINDINHO PARA CIMA; (2) PALMA DA MÃO PARA TRÁS E APENAS DEDO INDICAR.
Expressões não manuais (ENM)	SEM ENM
Comentários	P2 (surda indígena) sinalizou MULHER com os sinais empregados na comunidade Terena. Já O PERFUME manteve os padrões linguísticos iguais aos da Libras.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 65** – Análise da Sinalização - Participante 2, Resposta 5

<b>Transcrição:</b> (1) NAMORADOS (2) BEIJOS	
Configuração de Mão (CM)	(1) 56 + 56; (2) 08 + 08
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL; (2) ESPACIAL
Movimento (M)	(1) OS DEDOS MÉDIOS EM MOVIMENTO; (2) MOVIMENTO DE BEIJOS COM AS MÃOS.
Orientação das Mãos (OM)	(1) AS PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO, UM DE FRENTE PARA O OUTRO SOMENTE OS DEDOS MÉDIOS MOVIMENTANDO; (2) AS PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO, UM DE FRENTE PARA O OUTRO, TODOS OS DEDOS SE TOCANDO COMO SE DEMONSTRA BEIJOS COM AS MÃOS.
Expressões não manuais (ENM)	(1) ROSTO DE APAIXOANDO.
Comentários	P2 Indígena Surdo usa, para apaixonados, o sinal de NAMORADOS e de BEIJOS, que usamos no dia a dia para expressar a imagem acima. O sinal de BEIJO é o mesmo usado na Libras.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 66 – Análise da Sinalização - Participante 2, Resposta 6**

<b>Transcrição: (1) CARRO (2) CARRO (3) MOTO</b>	
Configuração de Mão (CM)	(1) 69 + 03; (2) 69 + 69; (3) 69 + 69
Ponto de Articulação (PA)	(1) (2) (3) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) CM “69” COM O BRAÇO ESTICADO E OUTRA CM “69” COM MOVIMENTO EM CIMA REPETIDO; (2) MOVIMENTO COMO DIRIGINDO; (3) MOVIMENTO IGUAL PILOTANDO UMA MOTO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) UMA MÃO COM A PALMA PARA BAIXO FECHADA E A OUTRA PARA FORA FECHADA; (2) AS DUAS PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO, UMA DE FRENTE PARA A OUTRA, FECHADAS; (3) AS DUAS PALMAS DAS MÃOS PARA BAIXO, FECHADAS.
Expressões não manuais (ENM)	EXPRESSÃO EM TODO O CONTEXTO DE DUVIDA EM QUAL ESCOLHER.
Comentários	O primeiro sinal, de CARRO, tem características próprias, enquanto o último sinal de CARRO é realizado nos parâmetros da Libras. O sinalizador emprega parâmetros da Libras para expressão de dúvidas.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 67 – Análise da Sinalização - Participante 2, Resposta 7**

<b>Transcrição: (1) GRÁVIDA (2) GRÁVIDA (3) NENÉM</b>	
Configuração de Mão (CM)	(1) 49 + 49; (2) 76 + 76; (3) 03 + 03
Ponto de Articulação (PA)	(1) (3) ESPACIAL; (2) FRENTE A BARRIGA
Movimento (M)	(1) COM UMA CM “49” MOVIMENTO SEMI CÍRCULO; (2) SEMI CÍRCULO NA BARRIGA; (3) MOVIMENTO DE ESTAR NANANDO UM BEBÊ.
Orientação das Mãos (OM)	(1) UMA PALMA DA MÃO PARA FRENTE, SOMENTE O DEDO INDICADOR EM PÉ E A OUTRA MÃO COM A PALMA PARA TRÁS, COM INDICADOR PARA CIMA; (2) AS DUAS PALMAS DAS MÃOS PARA DENTRO, COM OS DEDOS JUNTOS; (3) COM AS DUAS PALMAS DAS MÃOS PARA CIMA, COM O DEDO POLEGAR DOBRADO E UMA EM CIMA DA OUTRA.
Expressões não manuais (ENM)	EXPRESSÃO DE SATISFAÇÃO POR ESTAR ESPERANDO UM BEBÊ.
Comentários	Aqui percebe-se que o sinalizador utiliza sinais da Libras e os parâmetros junto com sinais Terena.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 68 – Análise da Sinalização - Participante 2, Resposta 8**

<b>Transcrição: (1) MÉDICO (2) DOENTE (3) GRAVE (4) CUIDAR</b>	
Configuração de Mão (CM)	(1) 48 + 48; (2) 69 + 06; (3) 69 + 57 (4) 49 + 54
Ponto de Articulação (PA)	(1) (2) (3) (4) ESPACIAL;
Movimento (M)	(1) UM DOS DEDOS BATENDO NO OUTRO; (2) A CM “06” MEXENDO; (3) A CM “57” MOVENDO PARA A CM “69”; (4) A CM “54” MOVIMENTO REPETIDO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) UMA PALMA DA MÃO PARA BAIXO E O DEDO INDICADOR LEVEMENTE FECHADO, A OUTRA PALMA DA MÃO PARA DENTRO E O DEDO INDICADOR LEVEMENTE FECHADO; (2) UMA PALMA DA MÃO PARA DENTRO FECHADA E A OUTRA PARA BAIXO COM OS DEDOS LEVEMENTE FECHADOS; (3) UMA PALMA DA MÃO PARA DENTRO FECHADA E A OUTRA PALMA PARA BAIXO COM O DEDO MÉDIO LEVEMENTE FECHADO; (4) UMA PALMA DA MÃO PARA BAIXO E O DEDO INDICADOR PARA CIMA, E A OUTRA PALMA DA MÃO PARA FORA COM O DEDO INDICADOR E MÉDIO PARA CIMA.

Expressões não manuais (ENM)	EXPRESSÃO FACIAL DE DÓ POR ESTAR DOENTE
Comentários	Aqui utilizou recursos básicos da Libras

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 69** – Análise da Sinalização - Participante 2, Resposta 9

<b>Transcrição:</b> (1) CANTAR (2) DANÇAR	
Configuração de Mão (CM)	(1) 12 + 12; (2) 02 + 54
Ponto de Articulação (PA)	(1) (2) ESPACIAL
Movimento (M)	(1) CM EM “12 + 12” PRÓXIMO À BOCA COM MOVIMENTOS DE ONDAS PARA FRENTE E PARA TRÁS; (2) CM “54” MOVIMENTANDO COMO DANÇA EM CIMA DA CM “02”.
Orientação das Mãos (OM)	(1) AS PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO EM FORMATO EM “C” AFASTADOS; (2) UMA PALMA DA MÃO PARA CIMA COM OS DEDOS ABERTOS E A OUTRA PALMA DA MÃO PARA TRÁS COM CM EM “V” AO CONTRÁRIO.
Expressões não manuais (ENM)	EXPRESSÃO FACIAL DE CANTANDO E CORPORAL DANÇANDO.
Comentários	Percebe-se que o sinalizador utilizou os recursos básicos da Libras

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

### Análise da Metafunção Ideacional Participante 2

**Quadro 4448(b)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 2, Resposta 4

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não Manual</b>	[Ela] fixação do olhar na imagem		
	<b>Manual</b>		PASSAR	PERFUME
	<b>Experencial</b>	Ator	Pr: Material	Meta
	<b>Tradução</b>	"[Ela] passando perfume."		
	<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1Te6m_WqxH-gjSBDsXj5yanN07pLYeQ6w/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1Te6m_WqxH-gjSBDsXj5yanN07pLYeQ6w/view?usp=sharing</a>			

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

P2 associou o verbo “PASSAR” à análise da LSF dentro do processo material. No *card* representativo, a pergunta “O que ela está fazendo?” é acompanhada por uma imagem de uma mulher segurando um frasco de perfume. Sua expressão facial, com os olhos fechados, sugere que ela está sentindo a fragrância e sendo transportada a uma lembrança. O objetivo era que a participante percebesse essa nuance, uma vez que o *card* integrava o roteiro de perguntas voltadas ao processo mental perceptivo.

No entanto, P2 interpretou a cena por meio de um processo material na LSF, ao sinalizar uma ação concreta (“PASSAR”) seguida pela meta (“PERFUME”). O ator permanece omissivo, sendo inferido pelo contexto e pela associação com eventos e ações concretas. Essa discrepância evidencia que a escolha inadequada da imagem resultou em um erro cultural (*cultural blunder*), gerando um choque cultural na participante. Portanto, a formulação das perguntas semiestruturadas não considerou

plenamente as referências socioculturais dos participantes, impactando diretamente a interpretação da cena e as respostas fornecidas.

**Quadro 49** – Análise da metafunção ideacional - Participante 2, Resposta 5

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não Manual</b>	processo anafórico - mudança de perspectiva (ger.)	
	<b>Manual</b>	NAMORADOS	BEIJAR
	<b>Experiencial</b>	Ator	Pr:Material
	<b>Tradução</b>	"Eles [estão] [se] beijando"	
<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1eYHmj_gcGWlifV4x-_I6QNa3hEMwJ8D_/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1eYHmj_gcGWlifV4x-_I6QNa3hEMwJ8D_/view?usp=sharing</a>			

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Nesta análise de P2, observou-se a sinalização de “NAMORADOS” e “BEIJAR”, utilizando o processo anafórico. Durante a entrevista, ao observar o *card*, a imagem apresentava um casal em um ambiente florido, com expressões faciais que denotavam um estado de paixão. As perguntas direcionadas a ela eram: “O que eles estão fazendo? O que é isso?”. A resposta esperada (cf. LSF) enquadrava-se no processo mental emotivo. No entanto, ao analisar a sinalização da participante, o contexto e o movimento corporal anafórico (representando o ato de beijar), concluiu-se que ela utilizou o processo material, sinalizando “BEIJAR”; e “NAMORADOS” como Ator, na leitura interpretativa [Eles].

**Quadro 49(b)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 2, Resposta 6

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	CARRO	CARRO	MOTO
	<b>Experiencial</b>	Índice [Recuperado contextualmente]		Aspecto
	<b>Tradução</b>	[A imagem é de] carro e moto.		
		Pr: Relacional		
<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1f2pdZGK_366-9B14zUTroK5chYfCPNx/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1f2pdZGK_366-9B14zUTroK5chYfCPNx/view?usp=sharing</a>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

P2 sinalizou apenas “CARRO, CARRO, MOTO”, mas há um detalhe significativo a ser observado. Durante a entrevista, ao visualizar o *card*, a imagem apresentava um homem com uma expressão facial de “dúvida”, seguida por duas imagens: uma de um carro e outra de uma moto. A pergunta direcionada a ela era: “Dúvida entre o carro ou a moto?”. A resposta esperada enquadrava-se no processo mental. No entanto, ao analisar a sinalização da participante, o contexto e a repetição do sinal “CARRO” (duas vezes), com variações na forma dos sinais, concluiu-se que a sinalizante utilizou o processo relacional. Nesse caso, a expressão facial da

participante, associada à recuperação do contexto, funcionou como Índice, enquanto a sinalização “CARRO-CARRO-MOTO” representou o Aspecto. Em outras palavras, ela relacionou a imagem à sinalização, mas sem considerar todo o contexto explicado anteriormente. Ao traduzir para o português, o resultado foi equivalente à tradução realizada no diagrama de análise, onde ela utilizou uma representação icônica de “CARRO” e “MOTO”, semelhante à utilizada em Libras. Essa situação evidencia que a escolha inadequada da imagem resultou em um erro cultural (*cultural blunder*), causando um choque cultural no participante. Além disso, a organização das perguntas semiestruturadas não considerou plenamente a realidade dos participantes, o que impactou diretamente a interpretação e as respostas obtidas.

**Quadro 43(b)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 2, Resposta 7

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não Manual</b>	Olhar fixo na imagem		
	<b>Manual</b>	GRÁVIDA	GRÁVIDA	BEBÊ
	<b>Experiencial</b>	Experienciador		Pr: Mental
	<b>Tradução</b>	"[A] grávida [espera um] bebê."		

Vídeo: <https://drive.google.com/file/d/1XydqEG5iMxBca- ui7QCbrA8QHYYDzN70/view?usp=sharing>

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

No *card* representativo, a pergunta direcionada à P2 era: “O que ela quer/espera?”. A sinalizante utilizou dois sinais para “GRÁVIDA”, atribuindo sentido à tradução em português: “A grávida [espera um] bebê”. Embora o processo “[espera um bebê]” não tenha sido explicitamente sinalizado, o olhar fixo, utilizado como recurso linguístico na ENM, combinou com a intensificação do sinal “GRÁVIDA”. Essa combinação de elementos visuais e gestuais conduziu a entrevistada a responder de acordo com o processo esperado nas perguntas semiestruturadas, demonstrando a eficácia dos recursos linguísticos empregados para transmitir a mensagem desejada.

**Quadro 71** – Análise da metafunção ideacional - Participante 2, Resposta 8

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não Manual</b>	[Figura] Menina - olhar			
	<b>Manual</b>	MÉDIC@	GRAVE	DOENTE	CUIDAR
	<b>Experiencial</b>	Átor			Pr: Material (oração 1)    Meta (oração 1)
	<b>Tradução</b>		Circunstância	Atributo	Portador (oração 2)

Pr: Relacional

**Tradução** A médica [está] cuidando da menina que está gravemente doente"

Vídeo: <https://drive.google.com/file/d/11XJ6nXvH6pxm01r43cai-gK0IFj1TZHJ/view?usp=sharing>

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Neste caso, optamos por destacar as orações em cores para facilitar a análise. Na sinalização de P2, foram identificadas duas orações. A primeira oração foi: “MÉDIC@ cuidar”, acompanhada do olhar fixo da sinalizante direcionado ao *card*, caracterizando uma expressão não manual (ENM). Nessa oração, temos um processo material, em que o “MÉDIC@” assume o papel de ator, a ENM (olhar fixo para a imagem) reforça a conexão com a figura representativa de uma “Menina”, que é a meta, e o verbo “CUIDAR” representa o processo material. Já a segunda oração sinalizada foi “[MÉDIC@] grave doente”, também acompanhada do olhar fixo da sinalizante para o *card*. Nessa oração, o sinal “GRAVE” funciona como circunstância, “DOENTE” como Atributo, e a ENM (olhar fixo para a imagem) conecta-se à figura representativa da “Menina”, que é o Portador da segunda oração. Esse conjunto caracteriza um processo relacional, no qual a participante estabeleceu uma relação entre a segunda oração e a imagem do *card*.

Era esperado que a participante utilizasse um processo mental, descrevendo a cena com base na pergunta: “O que está acontecendo?”. A imagem retratava uma menina doente, necessitando de oxigênio para respirar, enquanto sua mãe, com a mão na cabeça e os olhos fechados, demonstrava exaustão e preocupação. O objetivo era que a participante observasse esses detalhes e os descrevesse. No entanto, a sinalizante optou por uma representação particular da cena enfocando a ação material.

**Quadro 72** – Análise da metafunção ideacional - Participante 2, Resposta 9

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não Manual</b>	processo anafórico - mudança de perspectiva (ger.)		
	<b>Manual</b>	HOJE	CANTAR	DANÇAR
	<b>Experiencial</b>	Circunstância	Pr. Material (oração 1)	Pr. Material (oração 2)
	<b>Tradução</b>	"Hoje [eles] [estão] cantando [e] dançando.		
	<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1dP3i3TtUxjvOV36hNWfdRBuLFkf5Um3D/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1dP3i3TtUxjvOV36hNWfdRBuLFkf5Um3D/view?usp=sharing</a>		

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Nesta análise de P2, observou-se a utilização de dois verbos: “CANTAR” e “DANÇAR”. Durante a sinalização, ela realizou um leve movimento corporal, empregando uma ENM por meio do processo anafórico. No *card*, o objetivo era que ela identificasse um processo material, o que de fato ocorreu, mas sob uma perspectiva diferente. A tarefa consistia em descrever a cena com base na pergunta: “O que está acontecendo?”. A cena apresentava um salão onde ocorriam aulas de dança, com uma professora ensinando os alunos e ganhando seu sustento por meio

do trabalho. Embora a entrevistada tenha identificado o processo material, interpretou a cena sob outro ponto de vista, descrevendo-a como: “Hoje [eles] [estão] cantando [e] dançando”. Oração 1 – (Hoje [eles] [estão] cantando); Oração 2 – (Hoje [eles] [estão] dançando). Neste caso, o Ator é recuperado no contexto.

### *Análise da Sinalização Participante 3*

**Quadro 73 – Análise da Sinalização - Participante 3, Resposta 4**

<b>Transcrição:</b> (1) MULHER (2) CHEIRAR (3) PERFUME	
Configuração de Mão (CM)	(1) 68; (2) 15; (3) 48
Ponto de Articulação (PA)	(1) ROSTO; (2) FRENTE AO NARIZ; (3) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) CM “68” SAINDO DO ROSTO; (2) A MÃO INCLINADA RETA EM DIREÇÃO AO NARIZ; (3) MOVIMENTO DE PASSAR PERFUME.
Orientação das Mãos (OM)	(1) PALMA DA MÃO PARA O LADO COM SOMENTE O POLEGAR PARA CIMA; (2) PALMA DA MÃO PARA FORA COM DEDOS LEVEMENTE FECHADOS; (3) PALMA DA MÃO PARA DENTRO COM APENAS O DEDO INDICADOR MOVIMENTANDO.
Expressões não manuais (ENM)	(1) COM O ROSTO EXPRESSANDO SENTIDO DE CHEIRO GOSTOSO DE ALGO.
Comentários	Sinalizante utiliza todos os parâmetros da Libras.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 74 – Análise da Sinalização - Participante 3, Resposta 5**

<b>Transcrição:</b> (1) ENCONTRAR (2) APAIXONADOS (3) NAMORADOS	
Configuração de Mão (CM)	(1) 49 + 49; (2) 22 + 22; (3) 56 + 56; (4) 12 + 07
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL; (2) DO LADO DO CORAÇÃO; (3) ESPACIAL; (4) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) CM “49 + 49” EM CL DE PESSOA, UM ENCONTRANDO O OUTRO; (2) CM “22 + 22” COM MOVIMENTOS CIRCULARES ALTERNADOS DO LADO DO CORAÇÃO; (3) OS DEDOS MÉDIOS EM MOVIMENTO; (4) CM “07” SURGE DENTRO DA CM “12”.
Orientação das Mãos (OM)	(1) AS DUAS PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO E EM FRENTE UMA DA OUTRA COM O DEDO INDICADOR PARA CIMA; (2) AS PALMAS DAS MÃOS PARA DENTRO COM OS DEDOS NA FORMA DE “R” MOVIMENTANDO DO LADO DO PEITO QUE FICA O CORAÇÃO; (3) AS PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO, UMA DE FRENTE PARA A OUTRA E SOMENTE OS DEDOS MÉDIOS MOVIMENTANDO; (4) UMA PALMA DA MÃO PARA O LADO EM FORMATO DE “C” E A OUTRA PARA CIMA COM CM “08”.
Expressões não manuais (ENM)	(1) EXPRESSÃO DE SE ENCONTRANDO COM OLHARES APAIXONADOS; (2) EXPRESSÃO DE APAIXONADOS.
Comentários	Utiliza-se todos os recursos que a Libras pode oferecer. Além dos parâmetros que utilizamos para análises, também foram utilizados os classificadores CL (de Pessoa) e expressão corporal para demonstrar paixão facilmente, beijos quentes apaixonados.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 75 – Análise da Sinalização - Participante 3, Resposta 6**

<b>Transcrição:</b> (1) HOMEM (2) DÚVIDA (3) CARRO (4) OU (5) MOTO	
Configuração de Mão (CM)	(1) 06 + 08; (2) 49; (3) 69 + 69; (4) 73 + 21; (5) 69 + 69
Ponto de Articulação (PA)	(1) QUEIXO; (2) CABEÇA; (3) (4) (5) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) SAINDO DO QUEIXO PARA BAIXO; (2) MOVIMENTO COM A CABEÇA EXPRESSANDO DÚVIDA; (3) CM “69” COM O BRAÇO ESTICADO E OUTRA CM “69” COM MOVIMENTO EM CIMA

	REPETIDO; (4) USA A DATILOLOGIA DA PALAVRA “OU”; (5) MOVIMENTO COMO PILOTANDO UMA MOTO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) A PALMA DA MÃO PARA CIMA, NUM MOVIMENTO SEMI ABERTO, DEPOIS MÃO FECHADA; (2) PALMA DA MÃO PARA O LADO COM SOMENTE O DEDO INDICADOR PARA CIMA; (3) UMA MÃO COM A PALMA PARA BAIXO FECHADA E A OUTRA MÃO PARA FORA FECHADA; (4) PALMA DA MÃO UM MOMENTO PARA FRENTE EM FORMATO DE “O” E EM OUTRO PARA DENTRO EM FORMATO DE “U”; (5) AS DUAS PALMAS DAS MÃOS PARA BAIXO FECHADAS.
Expressões não manuais (ENM)	EXPRESSÃO DE DÚVIDA E DE SATISFAÇÃO NA ESCOLHA DO CARRO DEVIDO A SER SEGURO.
Comentários	Observa-se a utilização de todos os recursos da Libras, com parâmetros e expressões para que o entendimento possa ficar claro.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 76 – Análise da Sinalização - Participante 3, Resposta 7**

<b>Transcrição:</b> (1) MULHER (2) GRÁVIDA (3) NENÉM	
Configuração de Mão (CM)	(1) 68; (2) 49 + 49; (3) 03 + 03
Ponto de Articulação (PA)	(1) ROSTO, (2) ESPACIAL, (3) ESPACIAL
Movimento (M)	(1) CM “68” SAINDO DO ROSTO; (2) COM UMA CM “49” MOVIMENTO SEMI-CÍRCULO; (3) MOVIMENTO DE ESTAR NANANDO UM BEBÊ.
Orientação das Mãos (OM)	(1) PALMA DAS MÃOS PARA O LADO COM SOMENTE O POLEGAR PARA CIMA; (2) UMA PALMA DA MÃO PARA FRENTE COM SOMENTE O DEDO INDICADOR EM PÉ E A OUTRA MÃO COM A PALMA PARA TRÁS E INDICADOR PARA CIMA; (3) AS DUAS PALMAS DAS MÃOS PARA CIMA COM O DEDO POLEGAR DOBRADO E UMA MÃO EM CIMA DA OUTRA.
Expressões não manuais (ENM)	EXPRESSÃO DE SATISFAÇÃO DE ESTAR ESPERANDO UM BEBÊ.
Comentários	Observa-se a utilização de todos os recursos da Libras.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 77 – Análise da Sinalização - Participante 3, Resposta 8**

<b>Análise da Sinalização (Parâmetros da Libras)</b>	
<b>Transcrição:</b> (1) MÃE (2) CUIDAR (3) FILHO (4) GRAVE (5) DOENTE	
Configuração de Mão (CM)	(1) 68 + 69; (2) 49 + 54; (3) 06 + 08; (4) 69 + 57; (5) 69 + 06
Ponto de Articulação (PA)	(1) ROSTO; (2) (4) (5) ESPACIAL; (3) FRENTE AO PEITO
Movimento (M)	(1) MÃO SAINDO DO ROSTO E A OUTRA EM MOVIMENTO DE BEIJANDO; (2) UMA PALMA DA MÃO PARA BAIXO E O DEDO INDICADOR PARA CIMA E A OUTRA PALMA DA MÃO PARA FORA COM O DEDO INDICADOR E MÉDIO PARA CIMA; (3) RETO PARA FRENTE; (4) UMA PALMA DA MÃO PARA DENTRO FECHADA E A OUTRA PALMA PARA BAIXO COM O DEDO MÉDIO LEVEMENTE FECHADO; (5) UMA PALMA DA MÃO PARA DENTRO FECHADA E A OUTRA PARA BAIXO COM OS DEDOS LEVEMENTE FECHADOS.
Orientação das Mãos (OM)	(1) UMA PALMA DA MÃO PARA O LADO COM SOMENTE O POLEGAR PARA CIMA E A OUTRA PALMA PARA FRENTE COM AS MÃOS FECHADAS; (2) UMA PALMA DA MÃO PARA BAIXO E SOMENTE O INDICADOR PARA CIMA E A OUTRA PALMA PARA FRENTE COM O INDICADOR E MÉDIO PARA CIMA; (3) PALMA DA MÃO PARA TRÁS, NUM MOMENTO SEMI ABERTO E NOUTRO COM DEDOS FECHADOS; (4) UMA PALMA DA MÃO PARA TRÁS COM TODOS OS DEDOS FECHADOS E A OUTRA PARA BAIXO COM O DEDO MÉDIO LEVEMENTE DOBRADO; (5) UMA PALMA

	DA MÃO PARA TRÁS COM OS DEDOS CERRADOS E A OUTRA PARA BAIXO, EM SEMI-ABERTO.
Expressões não manuais (ENM)	EXPRESSÃO FACIAL DE CUIDADO E DE DÓ, POR REPRESENTAR ESTAR DOENTE.
Comentários	Percebe-se que o sinalizador utiliza recursos da Libras e outros que a expressividade possibilita

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 78** – Análise da Sinalização - Participante 3, Resposta 9

<b>Transcrição:</b> (1) MULHER (2) PROFESSOR (3) DANÇA (4) EXERCITAR (5) CORPO (6) SAÚDE	
Configuração de Mão (CM)	(1) 68; (2) 55; (3) 02 + 26; (4) 64 + 64; (5) 49 + 49; (6) 56
Ponto de Articulação (PA)	(1) ROSTO; (2) (3) (4) (5) ESPACIAL; (6) PEITORAL
Movimento (M)	(1) MÃO SAINDO DO ROSTO PARA FORA; (2) SEMICÍRCULO DE UM LADO PARA O OUTRO; (3) CM “54” MOVIMENTANDO COMO DANÇA EM CIMA DA CM “02”; (4) MOVIMENTO DE ZIGUE ZAGUE PARA FRENTE E PARA TRÁS, DO LADO DO ROSTO; (5) MOVIMENTO EM SEMICÍRCULO PARA TRÁS, MOSTRANDO O CORPO; (6) MOVIMENTO EM SEMICÍRCULO DE UM PEITO PARA O OUTRO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) PALMA DA MÃO PARA O LADO COM SOMENTE O POLEGAR PARA CIMA; (2) PALMA DA MÃO PARA BAIXO COM INDICADOR PARA CIMA E O DEDO MÉDIO PARA BAIXO; (3) UMA PALMA DA MÃO PARA CIMA COM OS DEDOS ABERTOS E A OUTRA PALMA DA MÃO PARA TRÁS COM CM EM “V” AO CONTRÁRIO; (4) PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO UMA DE FRENTE PARA A OUTRA COM OS DEDOS POLEGARES E MINDINHO PARA CIMA; (5) AS PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO, AO CONTRÁRIO, COM SOMENTE O DEDO INDICADOR PARA CIMA; (6) PALMA DA MÃO PARA TRÁS COM O DEDO MÉDIO BAIXO.
Expressões não manuais (ENM)	EXPRESSÕES CORPORAIS E FACIAIS DE DANÇA, PERGUNTA E DE SATISFAÇÃO.
Comentários	Percebe-se que o sinalizador utiliza recursos da Libras e outros que a expressividade possibilita.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

### Análise da Metafunção Ideacional Participante 3

**Quadro 46(b)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 3, Resposta 4

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Fechar os olhos e respiração profunda		
	<b>Manual</b>	MULHER	CHEIRAR	PERFUME
	<b>Experiencial</b>	Experienciador	Pr: Mental	Fenômeno
	<b>Tradução</b>	"Mulher cheirando [o] perfume."		
	<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1eteXeZ8s4t8L6JxC2u8K8evYd6A13kz3/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1eteXeZ8s4t8L6JxC2u8K8evYd6A13kz3/view?usp=sharing</a>		

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Aqui, P3 sinalizou o verbo “CHEIRAR” no contexto da LSF, enquadrando-o no processo mental. No *card* representativo, a pergunta direcionada era: “O que ela está fazendo?”. A imagem apresentava uma mulher segurando um perfume, com os olhos fechados, expressando que estava sentindo a fragrância do perfume e remetendo-a a uma lembrança. O objetivo era que a participante percebesse essa nuance, uma vez que o *card* integrava o roteiro de perguntas relacionadas ao processo mental. A

participante correspondeu adequadamente, sinalizando o verbo “CHEIRAR” e identificando o Experienciador como “MULHER” e o Fenômeno como “PERFUME”.

**Quadro 79**– Análise da metafunção ideacional - Participante 3, Resposta 5

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	AR - ENCONTRAR	NAMORAD@S	APAIXONAR
	<b>Experiencial</b>	Pr. Material	Ator	Atributo
	<b>Tradução</b>	"[Os] namorados apaixonados [se] encontraram."		
	<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1XPrAdBp8eQ_c0sbh3iD3BC5DNE41xogL/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1XPrAdBp8eQ_c0sbh3iD3BC5DNE41xogL/view?usp=sharing</a>		

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Neste caso, P2 sinalizou “ENCONTRAR” em AR – Ação Representada (*depicted action, DA*) – refere-se à representação de uma ação ou evento usando elementos visuais e gestuais no espaço de sinalização –, associada a “NAMORADOS, APAIXONADOS”. A participante também utilizou ENM que, no entanto, não foram incluídas no processo de análise, uma vez que já são marcas intrínsecas à AR. Durante a entrevista, ao observar o *card*, a imagem apresentava um casal em um ambiente florido, com expressões faciais que denotavam um estado de paixão. As perguntas direcionadas a ela eram: “O que eles estão fazendo? O que é isso?”. A resposta esperada enquadrava-se no processo mental emotivo. Contudo, ao analisar a sinalização e o contexto, concluiu-se que a participante utilizou o processo material, (“ENCONTRAR – em AR”, “NAMORADOS” como Ator e “APAIXONADO” como Atributo). Em algumas construções, o Atributo pode coexistir com um processo material, especialmente quando há uma sobreposição de significados relacionais e materiais. No caso desta oração, temos um processo material (“se encontraram”), pois há uma ação concreta de deslocamento e contato entre os participantes. No entanto, a expressão “apaixonados” funciona como um Atributo, indicando o estado emocional resultante da ação.

**Quadro 50(b)** – Análise da metafunção ideacional - Participante 3, Resposta 6

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Expressão Facial - Dúvida				
	<b>Manual</b>	HOMEM	DÚVIDA	CARRO	OU	MOTO
	<b>Experiencial</b>	Experienciador	Pr.: Mental	Fenômeno		
	<b>Tradução</b>	"[O] homem [está] [com] dúvida [entre] [o] carro ou moto."				
<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1oHoLNuZFzGb28rqSOevDE3kTHB AK2alq/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1oHoLNuZFzGb28rqSOevDE3kTHB AK2alq/view?usp=sharing</a>					

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

P3, nessa sinalização, observou o *card* representativo que trazia a pergunta: “Dúvida entre o carro ou moto?”. A participante sinalizou “HOMEM DÚVIDA CARRO OU MOTO”, onde o verbo “DÚVIDA” representa processo mental, o sinal “HOMEM” assume o papel de Experienciador e os sinais “CARRO OU MOTO” correspondem ao Fenômeno. Dessa forma, a resposta da participante alinhou-se ao esperado, demonstrando uma compreensão do contexto proposto pelo *card*.

**Quadro 80** – Análise da metafunção ideacional - Participante 3, Resposta 7

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	MULHER	GRÁVIDA	NENÉM
	<b>Experiencial</b>	Índice	Aspecto	Aspecto
			Pr: Relacional	Pr: Relacional
	<b>Tradução</b>	"[A] mulher [está] grávida."		
<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1vneWL5zT9eTJuFlepGSI2SjsjqtZWxsM/view">https://drive.google.com/file/d/1vneWL5zT9eTJuFlepGSI2SjsjqtZWxsM/view</a>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Nesta sinalização, P3 utilizou os sinais “MULHER, GRÁVIDA e NENÉM” ao observar o *card* representativo que trazia a pergunta: “O que ela quer/espera?”. A resposta esperada enquadrava-se no processo mental, no entanto, ao analisar a sinalização, observou-se que a participante se limitou a relacionar a imagem, sem explorar o aspecto mental da questão. Nesse caso, “MULHER” foi utilizada como Índice, enquanto “GRÁVIDA” e “NENÉM” representaram os Aspectos, caracterizando dois processos relacionais.

**Quadro 50** – Análise da metafunção ideacional - Participante 3, Resposta 8

<b>Análise da metafunção ideacional</b>						
Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	MÃE	CUIDAR	FILH@	GRAVE	DOENTE
	<b>Experiencial</b>	Ator	Pr.: Material	Meta	Circunstância	Atributo
		<b>Tradução</b>	"Mãe cuida [da] filha [que] [esta] gravemente doente."			
	<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1Om5HqZtLrihRTIb0AmsgEw0WT8mPU1pcr/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1Om5HqZtLrihRTIb0AmsgEw0WT8mPU1pcr/view?usp=sharing</a>					

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Nessa análise, P3 foi orientada a descrever a cena apresentada no *card* representativo, com base na pergunta: “O que está acontecendo?”. A imagem retratava uma menina doente, necessitando de oxigênio para respirar, enquanto sua mãe, com a mão na cabeça e os olhos fechados, demonstrava exaustão e preocupação. A resposta esperada enquadrava-se no processo mental, com foco na descrição do estado emocional e da situação vivenciada pelos personagens da cena.

No entanto, a participante sinalizou “MÃE CUIDAR FILH@ GRAVE DOENTE”, o que, na análise da LSF, caracteriza um processo material. Nessa sinalização, o verbo “CUIDAR” representa o processo material, “MÃE” assume o papel de Ator, “FILH@” é a Meta, “GRAVE” funciona como circunstância e “DOENTE” como Atributo.

**Quadro 82** – Análise da metafunção ideacional - Participante 3, Resposta 9

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	PROFESSORA	DANÇAR	EXERCITAR	CORPO	[Professora]	SAÚDE
		Ator	Pr.: Material	Pr.: Material	Meta	Circunstância	
	<b>Experiencial</b>						
		Índice		Aspecto		Pr: Relacional	
	<b>Tradução</b>	"Professora dança [para] exercitar [o] corpo [e] ter saúde."					
	<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1645EJFTeflfcvhPaJhkmry8lzztvHGKJ/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1645EJFTeflfcvhPaJhkmry8lzztvHGKJ/view?usp=sharing</a>					

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Neste caso, P3 sinalizou “PROFESSORA DANÇAR EXERCITAR CORPO SAÚDE”. O *card* estimulava a identificação de um processo material, o que foi realizado, mas sob uma perspectiva diferente. A tarefa consistia em descrever a cena com base na pergunta: “O que está acontecendo?”. A cena apresentava um salão onde ocorriam aulas de dança, com uma professora ensinando os alunos e ganhando seu sustento por meio do trabalho. Ao analisar a sinalização da participante, identificamos dois processos materiais e um relacional. Na primeira oração, o verbo “DANÇAR” representa um processo material, assim como na segunda oração com o verbo “EXERCITAR”. Já na terceira oração, “[Professora] SAÚDE” configura um processo relacional (“ter saúde”).

#### *Análise da Sinalização Participante 4*

**Quadro 83** – Análise da Sinalização – Participante 4, Resposta 4

<b>Transcrição:</b> (1) PERFUME (2) CHEIROSO (3) MULHER (4) CHIQUE	
Configuração de Mão (CM)	(1) 48; (2) 05 + 05; (3) 68; (4) 58 + 58
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL; (2) FRENTE DO NARIZ; (3) ROSTO; (4) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) MOVIMENTO DE PASSAR PERFUME; (2) COM AS DUAS MÃOS E OS DEDOS EM ZIGUE-ZAGUE; (3) CM “68” SAINDO DO ROSTO; (4) OS DEDOS POLEGARES E MÉDIOS ABRINDO E FECHANDO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) PALMA DA MÃO PARA DENTRO, APENAS O DEDO INDICADOR MOVIMENTANDO; (2) AS PALMAS DAS MÃOS PARA BAIXO; (3) PALMA DA MÃO PARA O LADO, SOMENTE O POLEGAR PARA CIMA; (4) AS PALMAS DAS MÃOS PARA FORA, SOMENTE OS DEDOS MÉDIOS E POLEGARES ENCOSTANDO UM NO OUTRO.
Expressões não manuais (ENM)	(2) COM O ROSTO DEMONSTRANDO ESTAR SENTINDO CHEIRO GOSTOSO DE ALGO; (4) COM O ROSTO DE SUPERIOR.

Comentários	Foram utilizados todos os parâmetros da Libras. Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)
-------------	--

**Quadro 84 – Análise da Sinalização – Participante 4, Resposta 5**

<b>Transcrição:</b> (1) NAMORADOS (2) AMOR (3) BEIJOS	
Configuração de Mão (CM)	(1) 56 + 56; (2) 14 + 69; (3) 08 + 08
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL; (2) PEITO LADO DO CORAÇÃO; (3) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) OS DEDOS MÉDIOS EM MOVIMENTO; (2) COM A MÃO CM “14” SEMI ABERTA INDO EM DIREÇÃO AO PEITO DO LADO DO CORAÇÃO, FECHANDO EM CM “69”; (3) MOVIMENTO DE BEIJOS COM AS MÃOS JUNTAS E NO ROSTO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) AS PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO, UM DE FRENTE PARA O OUTRO, SOMENTE OS DEDOS MÉDIOS MOVIMENTANDO; (2) PALMA DA MÃO PARA BAIXO, UM MOMENTO ABERTO E DEPOIS FECHADA; (3) AS PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO, UM DE FRENTE PARA O OUTRO, TODOS OS DEDOS SE TOCANDO, IGUAL FAZ BEIJOS COM AS MÃOS.
Expressões não manuais (ENM)	(1) (2) (3) EXPRESSÃO DE APAIXONADOS
Comentários	O sinalizante emprega os recursos da Libras, sem adicionar outros recursos expressivos.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 85 – Análise da Sinalização – Participante 4, Resposta 6**

<b>Transcrição:</b> (1) DÚVIDA(2) CARRO (3) MOTO	
Configuração de Mão (CM)	(1) 49; (2) 69 + 69; (3) 69 + 69
Ponto de Articulação (PA)	(1) CABEÇA; (2) e (3) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) MOVIMENTO COM A CABEÇA EXPRESSANDO DÚVIDA; (2) CM “69” COM O BRAÇO ESTICADO E OUTRA CM “69” COM MOVIMENTO EM CIMA REPETIDO; (3) MOVIMENTO DEMONSTRANDO COMO SE PILOTANDO UMA MOTO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) PALMA DA MÃO PARA O LADO, SOMENTE O DEDO INDICADOR PARA CIMA; (2) UMA MÃO COM A PALMA PARA BAIXO, FECHADA, E A OUTRA PARA FORA, FECHADA; (3) AS DUAS PALMAS DAS MÃOS PARA BAIXO, FECHADAS.
Expressões não manuais (ENM)	O sinalizante utilizou a expressão de DÚVIDA e de SONHAR
Comentários	O sinalizante emprega os parâmetros convencionais da Libras

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 86 – Análise da Sinalização – Participante 4, Resposta 7**

<b>Transcrição:</b> (1) GRAVIDA (2) AMOR (3) NASCER	
Configuração de Mão (CM)	(1) 49 + 49; (2) 14 + 69; (3) 03 + 03; (4) 01 + 03
Ponto de Articulação (PA)	(1) e (4) ESPACIAL; (2) FRENTE AO PEITO; (3) FRENTE DA BARRIGA.
Movimento (M)	(1) COM UMA CM “49” MOVIMENTO SEMICÍRCULO; (2) COM A MÃO CM “14” SEMIABERTA INDO EM DIREÇÃO AO PEITO, DO LADO DO CORAÇÃO E FECHANDO EM CM “69”; (3) MOVIMENTO PARA BAIXO SIMBOLIZANDO ESTAR NASCENDO; MÃO CM “03” EM CIMA DA CM “01” COM MOVIMENTO RETO PARA FRENTE.
Orientação das Mãos (OM)	(1) UMA PALMA DA MÃO PARA FRENTE COM SOMENTE O DEDO INDICADOR EM PÉ E A OUTRA MÃO COM A PALMA PARA TRÁS, COM O INDICADOR PARA CIMA; (2) PALMA DA MÃO PARA BAIXO, UM MOMENTO ABERTA E DEPOIS FECHADA; (3) AS DUAS PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO COM OS POLEGARES FECHADOS, UM FRENTE AO OUTRO; (4) UMA PALMA DA MÃO PARA CIMA COM OS DEDOS JUNTOS E A

	OUTRA COM A PALMA DA MÃO PARA DENTRO COM O POLEGAR DOBRADO.
Expressões não manuais (ENM)	EXPRESSÃO DE SATISFAÇÃO DE ESTAR ESPERANDO UM BEBÊ
Comentários	O sinalizante empregou apenas os recursos da Libras.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 87** – Análise da Sinalização – Participante 4, Resposta 8

<b>Transcrição:</b> (1) DORMIR (2) JUNTO (3) DOENTE (4) MÃE (5) FILH@ (6) CUIDAR	
Configuração de Mão (CM)	(1) 54 + 54; (2) 67 + 67; (3) 69 + 06; (4) 49; (5) 06 + 08; (6) 49 + 54
Ponto de Articulação (PA)	(1) CABEÇA; (2) ESPACIAL; (3) MÃO; (4) NARIZ; (5) PEITO; (6) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) MOVIMENTO COM A CABEÇA PARA O LADO IGUAL A DORMIR E FECHANDO OS DEDOS; (2) MOVIMENTO DE JUNTAR AS MÃOS; (3) UMA PALMA DA MÃO PARA DENTRO FECHADA E A OUTRA PARA BAIXO COM OS DEDOS LEVEMENTE FECHADOS; (4) MOVIMENTO BATENDO O DEDO INDICADOR NO NARIZ; (5) RETO PARA FRENTE; (6) UMA PALMA DA MÃO PARA BAIXO E O DEDO INDICADOR PARA CIMA E A OUTRA PALMA DA MÃO PARA FORA COM O DEDO INDICADOR E MÉDIO PARA CIMA.
Orientação das Mãos (OM)	(1) UMA PALMA DA MÃO PARA TRÁS, A OUTRA PARA FRENTE E OS DEDOS INDICADORES E MÉDIOS FECHANDO; (2) AS DUAS PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO E OS DEDOS FECHADOS, JUNTANDO UMA MÃO COM A OUTRA; (3) UMA PALMA DA MÃO PARA TRÁS, COM TODOS OS DEDOS FECHADOS E A OUTRA PARA BAIXO, SEMI ABERTA; (4) PALMA DA MÃO PARA DENTRO, SOMENTE O DEDO INDICADOR PARA CIMA E BATENDO NA PONTA DO NARIZ; (5) PALMA DA MÃO PARA TRÁS, UM MOMENTO SEMI ABERTA, NOUTRO MOMENTO COM TODOS OS DEDOS FECHADOS; (6) UMA PALMA DA MÃO PARA BAIXO, SOMENTE O INDICADOR PARA CIMA E OUTRA PALMA PARA FRENTE COM O INDICADOR E MÉDIO PARA CIMA.
Expressões não manuais (ENM)	EXPRESSÃO FACIAL DE CUIDADO DE PREOCUPAÇÃO.
Comentários	O sinalizante empregou apenas os recursos da Libras.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

**Quadro 88** – Análise da Sinalização – Participante 4, Resposta 9

<b>Transcrição:</b> (1) DANÇAR (2) BALADA (3) SURDO (4) OUVINTE (5) TAMBÉM (6) DANÇAR	
Configuração de Mão (CM)	(1) 02+26 (2) 54 + 54; (3) 49; (4) 05; (5) 49 + 49; (6) 06+26
Ponto de Articulação (PA)	(1) ESPACIAL; (2) ESPACIAL; (3) CABEÇA NA ORELHA ATÉ A BOCA; (4) CABEÇA NA ORELHA; (5) ESPACIAL; (6) ESPACIAL.
Movimento (M)	(1) (6) CM "54" MOVIMENTANDO COMO DANÇA EM CIMA DA CM "02"; (2) MOVIMENTO DE BALADA COM AS MÃOS; (3) MOVIMENTO SEMI CÍRCULO DA ORELHA PARA A BOCA; (5) MOVIMENTO RETO REPETIDO BATENDO UM NO OUTRO.
Orientação das Mãos (OM)	(1) (6) UMA PALMA DA MÃO PARA CIMA COM OS DEDOS ABERTOS E A OUTRA PALMA DA MÃO PARA TRÁS COM CM EM "V" AO CONTRÁRIO; (2) PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO SEPARADAS E OS DEDOS INDICADORES E MÉDIO PARA CIMA; (3) PALMAS DAS MÃOS PARA O LADO APENAS O DEDO INDICADOR PARA CIMA; (4) PALMA DA MÃO PARA FRENTE UM MOMENTO ABERTO OUTRO FECHADO; (5) PALMAS DAS MÃOS PARA BAIXO SOMENTE O INDICADOR PARA CIMA.
Expressões não manuais (ENM)	EXPRESSÃO DE DANÇANDO.
Comentários	O sinalizante empregou apenas os recursos da Libras.

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

#### Análise da Metafunção Ideacional Participante 4

**Quadro 39(b)** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 4

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Olhar Firme e Respeiração		Olhar de Admiração		
	<b>Manual</b>	PERFUME	CHEIRAR		MULHER	CHIQUE
	<b>Experiencial</b>	Fenômeno	Pr: Mental		Experienciador	
	<b>Tradução</b>	"Mulher chique cheirando [o] perfume."				
	<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/15jgSL416ICL2mAn87ASdKZMCpo_u50bl/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/15jgSL416ICL2mAn87ASdKZMCpo_u50bl/view?usp=sharing</a>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Nesta sinalização de P4 observou-se o verbo “CHEIRAR”, enquadrado como processo mental (cf. LSF). No *card* representativo, a pergunta direcionada era: “O que ela está fazendo?”. A imagem apresentava uma mulher segurando um perfume, com os olhos fechados, expressando que estava sentindo a fragrância do produto e remetendo-a a uma lembrança. O objetivo era que o participante percebesse essa nuance, uma vez que o *card* integrava o roteiro de perguntas relacionadas ao processo mental. A participante correspondeu ao processo pretendido, sinalizando o verbo “CHEIRAR” – processo mental, o Experienciador como “MULHER CHIQUE” e o Fenômeno como “PERFUME”. “Chique” é compreendido como Atributo, no domínio do Experienciador.

**Quadro 89** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 5

<b>Análise da metafunção ideacional</b>						
Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	[Se]		[Se]		
	<b>Manual</b>	(1) NAMORADOS	Fenômeno	AMOR	(2) [NAMORADOS]	BEIJAR
	<b>Experiencial</b>	Experienciador		Pr: Mental	Ator	Meta
	<b>Tradução</b>	"Os namorados [se] amam e [se] beijam"				
	<b>Vídeo:</b>	<a href="https://drive.google.com/file/d/1Kh-LZLR4XU9OCxiHsvfHikU6_iUECwTg/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1Kh-LZLR4XU9OCxiHsvfHikU6_iUECwTg/view?usp=sharing</a>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Nesta sinalização de P4, observou-se a utilização de dois processos distintos: o processo mental, representado pelo sinal “AMOR”, e o processo material, representado pelo sinal “BEIJAR”. As perguntas direcionadas a ela eram: “O que eles estão fazendo? O que é isso?”. A resposta esperada enquadrava-se no processo mental emotivo, com foco no estado emocional dos personagens. No entanto, ao analisar a sinalização e o contexto, constatou-se que a participante combinou os dois

processos: o mental, ao expressar “AMOR”, e o material, ao descrever a ação de “BEIJAR”.

**Quadro 51(b)** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 6

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Incorporação do personagem da imagem		
	<b>Manual</b>	DÚVIDA	CARRO	MOTO
	<b>Experiencial</b>	AC: Pr: Mental	Fenômeno	
		Experienciador		
	<b>Tradução</b>	"[Ei@] dúvida carro [ou] moto."		
<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1o61zREe2gxqau0NG9ki8ID4qElud5xWi/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1o61zREe2gxqau0NG9ki8ID4qElud5xWi/view?usp=sharing</a>				

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Neste caso, P4 observou o *card* representativo com a pergunta: “Dúvida entre o carro ou a moto?” e respondeu com a sinalização “DÚVIDA CARRO MOTO”, na qual “DÚVIDA” desempenha simultaneamente o papel de processo mental Experienciador, em razão da ENM e Ação Construída (AC). Já os sinais “CARRO MOTO” representam o fenômeno. Dessa forma, a resposta da participante correspondeu à expectativa de utilização do processo mental presente no *card*.

**Quadro 41(b)** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 7

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Não manual</b>	Expressão de Contentamento		
	<b>Manual</b>	GRÁVIDA	CORAÇÃO AMOR	NASCER
	<b>Experiencial</b>	Experienciador	Pr: Mental	Fenômeno
	<b>Tradução</b>	"[A] gestante ama [o] [momento] [do] nascimento [do][seu][filho]"		
	<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1_6d5bRf0SvLFTED3C9lvmwyt3RRuGz3O/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1_6d5bRf0SvLFTED3C9lvmwyt3RRuGz3O/view?usp=sharing</a>			

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

No *card* representativo “O que ela quer/espera?”, a imagem exibia uma mulher grávida com um coração na barriga, sugerindo que a resposta esperada fosse no domínio mental (a mãe anseia pela gravidez ou pelo bebê). A participante sinalizou “GRÁVIDA CORAÇÃO AMOR NASCER”, empregando o processo mental com os sinais “CORAÇÃO + AMOR”. “GRÁVIDA” desempenha o papel de Experienciador e “NASCER” representa o Fenômeno (nascimento).

**Quadro 90** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 8

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	DORMIR	JUNTO	DOENTE	MÃE	FILHA	CUIDAR
	<b>Experiencial</b>	Circunstância		Atributo	Ator	Alvo/Meta	Pr: Material
	<b>Tradução</b>	"Mãe dorme junto [com] [a] filha doente [para] cuidar [dela]."					
	<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1zFv36CcnXYGHBXmGNs4g42ZAIR eepwOF/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1zFv36CcnXYGHBXmGNs4g42ZAIR eepwOF/view?usp=sharing</a>						

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Nesta sinalização de P4, a tarefa consistia em descrever a cena apresentada no *card* representativo, cuja instrução era: “Descreva a cena. O que está acontecendo?”. A expectativa era que a participante identificasse um processo mental, já que a imagem retratava uma menina doente com dificuldade para respirar, enquanto sua mãe, com a mão na cabeça e os olhos fechados, expressava simultaneamente exaustão e preocupação. A intenção era que a interpretação da cena enfatizasse os estados emocionais e perceptivos envolvidos. No entanto, a resposta sinalizada foi “DORMIR JUNTO DOENTE MÃE FILHA CUIDAR”, configurando um Processo Material segundo a LSF. Nessa estrutura: “CUIDAR” representa o processo material, indicando uma ação concreta; “MÃE” desempenha o papel de Ator (responsável pela ação); “FILH@” corresponde ao Alvo/Meta (o participante afetado pela ação); “DORMIR JUNTO” atua como Circunstância, especificando o modo como a ação ocorre; e “DOENTE” é interpretado como um Atributo, qualificando o estado da filha. Essa análise evidencia que, em vez de interpretar a cena como um estado emocional ou cognitivo, a participante a reconstruiu a partir de ações concretas, reforçando a importância de considerar influências culturais e contextuais na formulação das perguntas e na interpretação das respostas.

**Quadro 91** – Análise da metafunção ideacional – Participante 4, Resposta 9

Diagrama da análise da metafunção ideacional	<b>Manual</b>	PROFESSORA	DANÇAR	EXERCITAR	CORPO	[Professora]	SAÚDE
		Ator	Pr.: Material	Pr.: Material	Meta	Circunstância	
	<b>Experiencial</b>					Índice	Aspecto
						Pr: Relacional	
	<b>Tradução</b>	"Professora dança [para] exercitar [o] corpo [e] ter saúde."					
		<b>Vídeo:</b> <a href="https://drive.google.com/file/d/1NsZ-zNm3uubaQqUvZcmxovdx4UitNe8I/view?usp=sharing">https://drive.google.com/file/d/1NsZ-zNm3uubaQqUvZcmxovdx4UitNe8I/view?usp=sharing</a>					

Fonte: Elaborado pelo Autor para este trabalho (2025)

Nesta sequência de P4, ela sinalizou “DANÇAR BALADA SURDO OUVINTE TAMBÉM DANÇAR”. O *card* propunha a identificação de um processo material, o que foi realizado, porém sob uma perspectiva diferente da esperada. A cena apresentava um salão de dança, onde uma professora ensinava os alunos e era remunerada pelo trabalho. A resposta revelou a presença de dois processos materiais distintos, evidenciando uma interpretação particular da cena.

Na primeira oração, o verbo “DANÇAR” corresponde a um processo material, enquanto a expressão não manual (ENM) sugere a presença de múltiplos

participantes (“El@s”) desempenhando o papel de Atores e “BALADA” funciona como Meta, indicando o evento ao qual a ação está relacionada. Já na segunda oração, o verbo “DANÇAR” mantém-se como processo material, com “SURDO” e “OUVINTE” atuando como Atores, demonstrando que ambos realizam a ação, e “TAMBÉM” funcionando como circunstância, enfatizando a inclusão dos dois grupos na atividade.

Essa análise sugere que, em vez de interpretar a cena a partir do contexto formal de ensino da dança, a participante focou na ação coletiva e na participação de surdos e ouvintes em um ambiente social de dança, reformulando o significado proposto no card. Esse resultado reforça a importância de considerar a experiência sociocultural dos participantes na formulação das atividades e na análise das respostas

## Anexo 3 – PARTE DO PARECER DE APROVAÇÃO DO CEP (FOLHAS 1 E 10)

COMISSÃO NACIONAL DE  
ÉTICA EM PESQUISA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DA CONEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** OS PARÂMETROS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E DA LÍNGUA DE SINAIS TERENA SOB A PERSPECTIVA DA LINGÜÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

**Pesquisador:** MAGNO PINHEIRO DE ALMEIDA

**Área Temática:** Estudos com populações indígenas;

**Versão:** 4

**CAAE:** 61666422.2.0000.0021

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.904.369

#### Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas das Informações Básicas do Projeto (PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_1996620.pdf, gerado na Plataforma Brasil em 04/11/2022) e do Projeto Detalhado (projeto\_detalhado.pdf, submetido em 04/11/2022).

#### RESUMO

Estudos para a compreensão da linguagem por meio da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) resultaram num compêndio de literatura focado na linguagem como uma semiótica social, especialmente no que tange às descrições de várias línguas e as formas como criam significados. Apesar da aplicação da LSF para vários idiomas, nas modalidades faladas e escritas, há uma carência de estudos para as linguagens na modalidade visoespacial, assim como as variedades linguísticas minoritárias que não recebem, geralmente, atenção análoga às modalidades linguísticas dominantes. Nesse sentido, o presente projeto de pesquisa enfoca a Libras – Língua Brasileira de Sinais e uma proposta de um dialeto de sinais Terena, uma variante utilizada pelo grupo indígena e minoritário dos Terena (Brasil). Dessa forma, o objetivo central deste projeto é identificar e descrever parâmetros linguísticos entre a Libras e o dialeto de sinais Terena, sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional. Detalhadamente, a identificação e descrição de diferenças na representação da experiência de três grupos linguísticos (surdos urbanos, indígenas

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte

**CEP:** 70.719-040

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877

**E-mail:** conep@saude.gov.br

## COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 5.904.369

atuar na regulamentação da ética em conformidade aos projetos de pesquisas que envolvem seres humanos e que se encontram em território nacional, em prol da proteção do participante de pesquisa, conforme Resolução CNS nº 510 de 2016, Art. 17, inciso IX. Contato da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep: SRTVN - Via W 5 Norte - Edifício PO700 - Quadra 701, Lote D - 3º andar - Asa Norte, CEP 70719-040, Brasília (DF); Telefone: (61) 3315-5877. Horário de atendimento: 09h às 18h.”

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

3.5. Considerando o formato do Registro do Consentimento Livre e Esclarecido, caso seja utilizado o formato em papel, de forma a garantir a sua integridade, deve apresentar a numeração das páginas, recomendando-se ainda que essa seja inserida de forma a indicar, também, o número total de páginas, por exemplo: 1 de 2, 2 de 2, por exemplo; caso seja aplicada em formato virtual, solicita-se adequar o documento conforme a Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS, que estabelece orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual.

RESOSTA: “O ajuste feito em todo texto constará no termo anexo na plataforma”

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA.

### Considerações Finais a critério da CONEP:

Diante do exposto, a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - Conep, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 510 de 2016, na Resolução CNS nº 466 de 2012 e na Norma Operacional nº 001 de 2013 do CNS, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Situação: Protocolo aprovado.

Situação: Protocolo aprovado.

### Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1996620.pdf	21/01/2023 11:38:13		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_termo_CEP_CONEP.pdf	21/01/2023 11:37:33	MAGNO PINHEIRO DE ALMEIDA	Aceito

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte

**CEP:** 70.719-040

**UF:** DF

**Município:** BRASÍLIA

**Telefone:** (61)3315-5877

**E-mail:** conep@saude.gov.br

COMISSÃO NACIONAL DE  
ÉTICA EM PESQUISA



Continuação do Parecer: 5.904.369

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO_CEP_CONEP .pdf	21/01/2023 11:35:41	MAGNO PINHEIRO DE ALMEIDA	Aceito
Outros	Carta_Resposta_CEP_CONEP.pdf	21/01/2023 11:33:11	MAGNO PINHEIRO DE ALMEIDA	Aceito
Folha de Rosto	folha_Rosto_Carta_Resposta.pdf	30/09/2022 18:53:12	MAGNO PINHEIRO DE ALMEIDA	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

BRASILIA, 27 de Fevereiro de 2023

---

**Assinado por:**  
**Lais Alves de Souza Bonilha**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** SRTVN 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar

**Bairro:** Asa Norte

**CEP:** 70.719-040

**UF:** DF

**Município:** BRASILIA

**Telefone:** (61)3315-5877

**E-mail:** conep@saude.gov.br